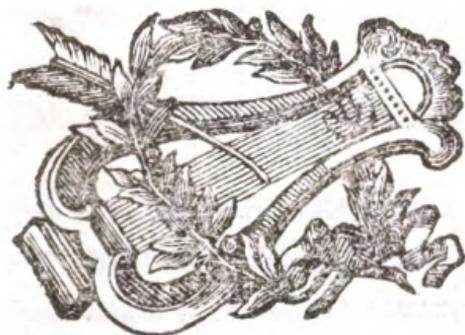




VERSOS
DE
B. A. DE S.
BELMIRO,
PASTOR DO DOURO.

TOMO II.



LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1814.

Com licença.

Vende-se em casa de João Nunes Esteves, Mercador de Livros, na Rua da Gloria N.º 14.

1578/4699.



S O N E T O.

B Rilhantes pedras, montes de riqueza
 Do Americano clima transportados,
 Não vão ser, bella Glaura, os dons sagrados
 D' hum Pastor, que te estima, e q̄ te preza.

Sobre as mãos da innocente singeleza
 Te off'eço os versos meus, versos dictados;
 Não só pelos teus olhos engraçados,
 Mas tambem pela simples natureza.

Não debes estranhar, que eu assim obre:
 He digno de perdão, quem tudo off'ece,
 Sem que mais nada, que o desejo, sóbre.

Além disto, o teu genio bem conhece,
 Ser grata huma oblação, inda que pobre,
 Quando he toda despida de interesse.

V E R S O S

S O N E T O.

D Ignod'inveja o homem, que innocente
Móra n'huma feliz obscuridade,
Sem conhecer o rosto da vaidade,
Nem do vicio arrastar a vil corrente.

C' hum só campo, que tem, vive contente,
Porque de mais não tem necessidade;
As honras não procura, a Dignidade,
Nem lucta co' a fortuna insubsistente.

Alegre c'o seu gado passa o dia,
Venturoso, e fiel á noite alcança
Da cara Esposa a doce companhia.

Nada lhe altera o peito, nada o cança:
Já neste mesmo mundo principia
A desfructar a Bemaventurança.

[x

SO.

SONETO. ✓

DO Inverno a imagem carrácuda, e féra
Tem já desassombrado estas campinas;
Coroadas com rosas, e boninas
Apparece a risonha Primavéra.

O Pastor innocente já tempéra
Da sonora Guitarra as cordas finas;
Ou apanhando flores pequeninas
As enlaça com a amigavel héra.

O' Santa Natureza! Tu lhe abriste
Os divinos thesoiros, que encobrias,
Em quanto o rouco Eólo persentiste.

A todos puros gostos annuncias:
Só quando deixarei de viver triste,
Quando viráõ as minhas alegrias?

SO-

S O N E T O.

V Em cá, Rafeiro meu; já hoje em dia
Não possuo outro bem, outra ventura;
Contra mim todo o mundo se conjura,
Todos fogem da minha companhia.

A Pastora, que amante promettia
Vivas demonstrações da fé mais pura,
Esta mesma cruel he huma perjura,
O centro da mais negra aleivozia.

A sombra, do que fui, desaparece,
De desprezos me sinto accommettido,
O Belmiro já a todos aborrece.

Só tu.. porém que vejo! Estou perdido!
Até o cão infiel não me conhece,
De mim foge assustado, e espavorido.

SO-

SONETO.

Agora saudarei aquelle outeiro,
Que vai apparecendo alto, e formoso:
Ah! nesta solidão passei gostoso,
Segundo me recorde, hum lustro inteiro.

Inda alli vejo o tronco do salgueiro,
Onde abria os meus Versos: sendo annoso;
Tem do Tempo zombado. Vagaroso
Passa acolá pacifico ribeiro.

Tudo conservo escripto na lembrança;
Mas cuido, que este monte, e aquelle prado
Já quem eu tenha sido não alcança.

Sou o mesmo Belmiro, ó sitio amado!
Em mim não póde achar-se outra mudança;
Que o ser agora triste, e desgraçado.

SO.

SONETO.

Longue de mim, ó Lyra. Eu já não quero
 Desabafar contigo o meu tormento;
 Pois imagino, que aos teus sons augmento
 A dureza do meu Destino fero.

Desde hoje o caro Nome, que venero,
 Não será dos meus Versos o ornamento;
 O resto d'esperanças deito ao vento,
 Em quanto maior golpe ainda espero.

Porém se alguma vez desacordado
 Os teus sons convidar, ó Lyra, impede-o,
 Não despertes hum mal quasi abafado.

Pois gastando os meus dias entre o tédio,
 Quasi insensivel choro o bem passado,
 E huma desgraça, que não tem remedio.

S O N E T O .

N'Huma fresca manhã , em que entretido
Dos campos via o natural thesoiro ,
A mim chega hum menino branco , e loiro ,
Todo nuzinho , e cego... era Cupido.

Ai , Belmiro , (me diz esbaforido)
As minhas armas com a aljava d'oiro ,
Ao embarcar cahirão-me no Doiro ,
Forão ao fundo , vejo-me perdido.

Logo as lagrimas sua dôr explicação :
E eu , beijando-o , respondo : Deos flexeire ;
Taes desastres tambem me mortificação.

Mas he o damno teu , domno ligeiro ;
Pois se d'Eliza ainda os olhos ficão ,
Com elles vencerás o mundo inteiro.

SO-

S O N E T O. ↓

Foge, constante Amor, fuge d'hum peito,
 Onde tens até agora dominado,
 D'hum fiel coração, que ao teu cuidado,
 E ás tuas doces Leis era sujeito.

Duro, sem piedade, sem respeito,
 Corta as cadêas, a que estás ligado;
 Não te suspenda o pranto desgraçado,
 Que pelo rosto sem allivio deito.

Movendo as curtas azas, de repente
 Te eleva sobre os ares, e procura
 Sitio, onde viver possas mais contente.

Pois julgo, como cousa triste, e dura,
 Quereres presistir eternamente
 N'hum peito, que não torna a ter ventura.



S O N E T O.

A' Sombra d' hum salgueiro reclinado,
Em quanto o Sol os campos acalmava,
Nas margens solitarias observava
Andar pastando numeroso gado.

Hum pequeno cordeiro transportado
Junto da cara Mãi saltos formava;
Corria com prazer, e assim tornava
A ficar ao pé d' ella socegado.

A silvada cabeça lhe lambia
E augmentando-se o filial carinho
Innocentes affagos lhe fazia.

Comigo disse então: Fado mesquinho
Menos duro permite, que algum dia
Tambem goze as caricias d'hum filhinho.

L^z

SO.

S O N E T O.

Já fiz Versos d' amor, já fui ditoso,
 Já senti penetrado o amante peito
 De Divinos transportes, doce effeito
 D' hum coração fiel, terno, e piedoso.

Já beijei... oh momento precioso!
 Cheio de submissão, e de respeito
 A mão, que poderia ter-me feito
 Dos mortaes o mortal mais venturoso.

Mas n' hum abysmo agora sepultado,
 Respirando tristezas, exprimento
 Profundos golpes do Destino irado.

E até me tyranniza o pensamento;
 Pois lembrando as venturas do passado
 Faz augmentar a força ao meu tormento.

SONETO.

Não te cances, Eliza: as tuas juras
 Não fazem reviver o extinto lume:
 O coração te engana, se presume
 Novamente envolver-me em prizões duras.

Já soffri, por peccados, amarguras,
 Cruéis desprezos, infernal ciume;
 Já quasi, que por força do costume
 Vivia affeito a tantas desventuras.

O Desengano a libertar-me veio:
 Agora, Eliza ingrata, brinco, rio,
 Alegre junto, com socego ceio.

Sobre as cinzas d'amor vivo tão frio;
 Que em promessas solemnes nada creio,
 E até de realidades desconfio.

SO-

S O N E T O. ↓

MEteu-se o ardente sol no mar salgado ;
 Já não se agita a rama dos salgueiros :
 O vento se acalmou , d'altos outeiros
 Vem descendo aos curraes o manso gado.

O Lavrador encósta o curvo arado
 Acabando os trabalhos derradeiros :
 Leva os bois a beber : junto aos ribeiros
 Se assenta hum pouco de lidar cançado.

O terno Rouxinol vôa depressa
 Buscar o ninho , que deixado havia ,
 E os seus amores de cantar não cessa.

Avisinhão-se as sombras , morre o dia :
 He tempo , coração ; vamos ao Lessa
 Nutrir minha cruel melancolia. —

SO-

SONETO.

E Jupiter Supremo consentisse,
effocando a desgraça impertinente,
de humilde Pastor rapidamente
as Grandezas ao cúmulo subisse;

Que sobre hum Throno d'ouro me cingisse
Imperial Diadema a altiva frente,
que dictando Leis á humana gente
a minha vontade se seguisse;

Que milhões por tributo me pagasse
toda, e qualquer Nação, que a Esfera cobre,
ao Nome de Belmiro se curvasse;

Em tal Estado, em situação tão nobre,
Eliza, a minha Eliza me faltasse,
se não tinha Imperio algum, seria hum pobre. /

S O N E T O.

S Abes tu, bella Eliza, o que os Pastores
Andão dizendo agora sem recato?
Que hum nescio sou, hum louco, hũ insensato
Em te crer, em chamar-te os meus amores.

Fallão mil cousas estes mofadores,
Que ás vezes só de ouvillos me arrebató;
Mas de satisfazellos já não tracto,
Desprézo os seus motejos zombadores.

Vou gravando o teu Nome no retiro
Para signal, de que ainda affecto temos,
Para que saibão, que por ti suspiro.

Com tanto, caro Bem, que nos amemos,
Fallem, digão, murmurem; de Belmiro
Culpem zelosos os fieis extremos.

SO-

SONETO.

ROxos goivos, nevadas assucenas
Com mimosos amores enlaçando,
A ornar a frente irei principiando,
Lá que tu, ó Destino, assim o ordenas.

Depois, tristes lembranças, duras penas
Para larga distancia arremeçando
Ao mavioso som do Plectro brando.
Entoarei sonoras cantilenas.

Na liza casca d'hum altivo Loiro
O dia escreverei, que em toda a idade
Respeitaráõ o Vouga, o Tejo, e o Doiro.

Finalmente, no Templo d'Amizade
Entrando, sobre os seus altares de oiro
Consagrarei a Eliza huma saudade.

SONETO.

V Em ter comigo Amor, e de repente
Com tão doces transportes me abraçava,
Que, estranhando os excessos, perguntava,
Que motivo o fazia estar contente.

„ Adorado Belmiro (alegremente
Sentado no meu collo, assim fallava)
Hum thesoiro conservo nesta aljava,
Que nunca já mais vio a humana gente.

Com elle a minha glória se eterniza,
Com elle bem podéra ter comprado
Os campos, que o Mondego fertiliza. „

Mostrou-mo: não mentia o Deos vendado:
Erão algumas lagrimas d' Eliza,
Que apanhou no seu rosto delicado.

SONETO. ✓

A Gloria, que o meu louco pensamento
Eterna figurava, e permanente,
Não existe; desfez-se de repente,
Bem como o fumo, que esbandalha o vento.

Deste peito infeliz o rouco accento,
Huma paixão fiel, pura, e innocente,
Não poderão suster o raio ardente,
Que abrazou todo o meu contentamento.

Vivo gemendo; e agora em vão pondéra
A languida razão, que livre tome
Remedio contra o mal, que me exaspéra.

Não posso óuvilla; a angustia me consome:
E tudo causa a indigna.. a ingrata.. a fera..
Té me horroriza proferir-lhe o Nome!

S O N E T O .

ELiza he huma inconstante; Eliza, aquella
 Alma dura, que cego idolatrava;
 A Pastora fingida, que igualava,
 E ainda iguala, a mais brilhante estrella.

Talvez por ter vaidade de ser bella,
 Ou porque inferior me imaginava,
 Esqueceu-se dos votos, que jurava,
 D'amizade as Leis todas atropella.

Tem comigo esta ingrata praticado
 Acções, que ainda sendo hum tronco duro,
 Não ficaria immovel, socegado.

Mas em fim se desprezos hoje aturo,
 Ao menos lucrarei desenganado
 Proveitosas lições para o futuro.

SO-

SONETO.

R Ompi as cordas á cançada Lyra
Com transporte entoando as tuas Graças;
Pintei-te nos meus Versos, e assim passas
Pela Ninfa a mais bella, que se admira.

Porém d' excessos taes, que lucro tira
A hidropica paixão, em que me enlaças?
Gemer sempre atolado nas desgraças,
Que esse teu peito barbaro respira.

Nem vendo-me lutar entre a amargura
Com a dôr immortal, que me exaspéra,
Te animão sentimentos de ternura!

Que fazes, Ninfa ingrata? Ah! pondera,
Que sendo a Mãi d' Amor na formosura,
Não deves ser no genio outra Megéra.

S O N E T O.

P Ela justa vingança arrebatado
O alamo busquei, onde algum dia,
Ferido de saudades, escrevia
Da Pastora gentil o Nome amado.

Não podendo sofrer, já fatigado
Com tanto ultrage, e tanta aleivosia,
Nos mudos caractéres pertendia
Dar signaes d' hum amor desesperado.

Cheguei ao pé; e mal os olhos deito,
Este Nome divino = *Eliza* = vejo;
Mil ternas emoções sinto no peito.

Foge a vingança altiva do Desejo;
E alentando-me impulsos de respeito,
Curvado o adoro, e suspirando o bêjo.

S O N E T O .

Q Uando se acha o Soldado a defender
Os muros da assaltada guarnição,
Cuberto de feridas, diz então,
Que estado mais cruel não póde haver.

Aquelle, que o delicto faz metter
No escuro cada falso da prizão,
Pensa, cheio de pasmo, e confusão,
No tormento, que soffre, e ha de soffrer.

Anda luctando co' empulado mar
O pobre marinheiro, e sem valor,
Entra no seu naufragio a imaginar.

Porém, tristes mortaes, quanto he peor
Os ultrages d' Eliza supportar,
Viver em ancias, e morrer d' amor!

SONETO.

E Ncerra-te , ó desgraça , no meu peito ;
Não perturbes os gostos , a alegria ,
E a ventura , que o Doiro neste dia ,
Cheio de gloria applaude satisfeito.

Como aos teus golpes duros vivo affeito ,
Já não estranho toda a tyrannia ;
Vem fazer-me contínua companhia ,
Que de boa vontade o obsequio acceito.

Desusado tormento em mim começa ,
Excogita afflicções , inventa damnos ,
Por desgraçado o mundo me conheça.

Entreter teus impulsos deshumanos
Seja o pobre tributo , que hoje offreça
Da Pastora mais bella aos faustos annos.

SO.

S O N E T O .

MInha Eliza , não gostas por ventura ,
Que , respeitando a tua qualidade ,
Diga em meus Versos , que és huma Deidade ,
E o retrato da mesma Formosura ?

Pois olha , se não deixas de ser dura ,
Se em teu peito não vejo mais piedade ,
Suffoco as claras vozes da verdade ,
E ponho-te nas ruas da amargura. /

Começo a figurar-te desvestida
De Graças , e de Genio : (e adianto a idéa ,
Inda que falsa seja , ou atrevida.)

Direi , gentil Pastora , á bocca chea ,
Que és vaidosa , inconstante , presumida ,
E até hei de jurar que és muito fêa.

S O N E T O.

(E M quanto sopra o vento rugidor,
 A avesinha não cessa de gemer,
 Nem deixa o pobre ninho por temer
 Da tempestade o barbaro rigor.

Mas logo se converte a sua dor
 Em cantos de alegria, e de prazer,
 Voa contente, apenas vê nascer
 Da Estação bella o rosto encantador.

Assim me succedeo : já padeci
 (O Inverno mais cruel, que pensa alguém,
 E nelle muitas lagrimas verti.

Sou ditoso, finalizado tem :
 Signaes de Primavera alegre vi
 Nas preciosas letras do meu Bem.)

SONETO.

A Pastora adoravel, que algum dia,
Ou fosse fingimento, ou realidade,
Me tratava com mostras d'amizade,
E o peito com venturas me nutria;

Esta Eliza divina, que fazia
O meu prazer, a minha flicidade,
Sem dos gemidos meus já ter piedade,
He perjura, inconstante, féra, impia.

Não sei porque: tomou-me á sua conta;
E os desprezos, os zelos roedores, *
Sempre inhumana contra mim aprompta.

Ceos clementes, ouvi roucos clamores:
Ou vingai na cruel a injusta affronta,
Ou sensiveis fazei os meus amores.

S O N E T O.

Roguei ao Deos d'amor , q̃ me inspirasse
Cadente rima , nobres pensamentos ,
Para que modulando altos accentos
Da minha Amada os annos celebrasse.

Mostrou risonha a enganadora face
Por modo , que assentia aos meus intentos ;
Manda , que párem os ligeiros ventos ,
E que a sonora Lyra encordoasse.

Mas o Nume cruel não tem picdade
D'hum coração , que desejava tanto
Patentear as vozes da amizade.

Ao ponto de entoar o alegre canto
Desperta no meu peito huma saudade ,
Que só deixa lugar aos ais , e ao pranto.

SO-

SONETO.

I Ngrata Eliza , muito bem conheço,
Que zombas de hum amor puro , e innocente ;
Que vives sem pezar , que estás contente
Ao mesmo tempo , que por ti padeço.

Eu sei da mesma sorte , que este excesso
Te parece escusado , e impertinente ;
Que castigas , tyranna , mortalmente
Os inculpaveis Versos , que te offreço.

Tenho como desgraça verdadeira ,
Dever-te outro Pastor doce ternura ,
Grandes extremos , natural canceira.

E eu sempre a amar-te ? Forte desventura !
(Este affecto a não ser triste cegueira ,
Que se póde chamar , senão loucura ?

S O N E T O.

DEixa, vendado Nume, a tyrannia,
 Com que matas hum peito, que feriste;
 (Enterneção-te as lagrimas que triste
 Espalho em toda a noite, e em todo o dia.

Fama não ganha a tua valentia
 Na batalha, em que o teu furor insiste;
 Atacar a quem cede, e não resiste,
 Em vez de ser valor, he cobardia.

Tira-me da lembrança a creatura,
 Que buscaste só para atormentar-me,
 Para a campa me abrir da sepultura.

Contra mim teu poder mais se não arme:
 Pois que lucras da minha desventura,
 Cruel Amor, que fazes em matar-me?

SO-

SONETO.

Tenho já tão doente, e gangrenado
Todo o meu coração, todo o meu peito,
Que sem nelles obrar hum novo effeito
Amor raivoso embebe o ferro hervado.

A soffrer estou já tão costumado,
Vivo ao duro tormento tão affeito,
Que muitas vezes a chorar me deito,
E adormeço d'angustias penetrado.

Olha, Eliza, em que estado miseravel
Me pôz a viva Graça, que embellece
Teus lindos olhos, e o teu rosto amavel.

Todo o mundo infeliz me reconhece;
Só teu genio cruel, e inexoravel
Das minhas penas não se compadece.

SO-

S O N E T O.

Morroeo .. morreo .. funesto pensamento!
Como posso formar tão dura idéa,
Sem meu sangue coalhar na occulta vêa,
E sem que eu perca o natural alento!

Aquella , que era o meu contentamento,
As delicias , e o bem da minha aldêa,
Da sacrilega mão da Parca fêa ,
Ai de mim! supportou golpe violento.

Aquelle digno objecto da amizade,
Seus dias innocentes finaliza,
Paga em fim , o que deve á humanidade.

Já seu rosto gentil se não diviza :
He tudo lucto , he tudo soledade,
Não torno a ser feliz: morreo Eliza.

SONETO.

DEsçamos, pensamento, á sepultura,
 Onde a minha Pastora em paz descança;
 Vejamos se conserva a similhaça
 Da sua linda angelica figura.

Meu Deos! a aguda vista em vão procura
 A bella Eliza: que fatal mudança!
 Desenganos, e horrores de si lança,
 Quem d'antes só brotava formosura.

Onde estão seus Encantos, onde temos
 As Graças, que mil vezes cantar pude,
 Que inda em meus Versos retratadas vemos?

Se tudo já tragou o tempo rude,
 Ao menos nestas cinzas respeitemos
 Os restos da innocencia, e da virtude.

S O N E T O.

Não vives, minha Eliza? E pôde a Morte,
 A sacrilega Morte, ousadamente
 Sobre hum peito inda tenro, inda innocente
 Erguer a mão, descarregar o córte?

Animou-se a tyranna desta sorte
 A deixar todo o mundo descontente?
 E tu, que a mesma Parca mais valente,
 Aos seus combates não quizeste oppor-te?

Triunfou? Quanto deve gloriar-se!
 Pois se a olhasses d'imperio acompanhada,
 Tu a víras tremendo desarmar-se.

Ficaria aos teus pés logo prostrada,
 Mil vezes pezarosa de arrojarse
 A offender a belleza mais sagrada.

S O N E T O .

S O b e r b o M a u s o l e o , c o m q u e a v a i d a d e
H o n r a a s c i n z a s d o G r a n d e , e e r i g e a o n o b r e ,
D e J a z i g o n ã o s e r v e , n ã o e n c o b r e
O r o s t o m a i s g e n t i l d a n o s s a i d a d e .

A p e n a s o d e v e r d a h u m a n i d a d e
L h e d e s t i n a h u m s e p u l c h r o h u m i l d e , e p o b r e !
(N e l l e j a z ; a g r o s s e i r a p e d r a o c o b r e
P e l o e s p a ç o f a t a l d a e t e r n i d a d e .)

D e s e n h a d o E p i t a p h i o e m l e t r a s d e o i r o
N a c a m p a s e n ã o l ê : m a l s e d i v i z a
T r u n c a d a r a m a d o j á m u r c h o l o u r o .

N a d a a s u a m e m o r i a i m m o r t a l i z a :
C r u e l h u m a n i d a d e , i n g r a t o D o i r o ,
A s s i m f i c a e s q u e c i d a a m i n h a E l i z a ?

SONETO.

HUm Pastor, d'outros sitios, descontente
 Os campos do Mondego atravessando,
 Com seu amargo pranto hia augmentando
 † Deste rio a pobrissima corrente.

Porém vibrando o Sol efficaamente,
 E apenas molle Zefiro soprando,
 As arvores copadas foi buscando,
 Té que abrande o rigor da calma ardente.

Eis que d'hum novo tronco a casca liza
 Aparelhando, grava este letreiro,
 Que inda, a pezar do tempo, se diviza:

*Quando á sombra estiver o Pegoreiro,
 Adore o Nome da já morta Eliza,
 Que Belmiro entalhou neste salgueiro.*

SO-

SONETO.

Tenho hum sensível genio , e ao teu pre-
NÃO posso resistir , gentil Pastora ;
Pois que assim queres , te remetto agora
Alguns Versos , que ha dias tenho feito.

Se o meu tosco pincel não he suspeito ;
Quando em traçar desastres se demora ,
Lê nelles a paixão , que me devora ,
O grande incendio , que me abafa o peito

Lê os meus Versos ; e se não nutriste
As entranhas com sangue de serpente ,
Piedosa exhalla algum suspiro triste.

Então , Annalia , clamarei contente ,
Que inãa no mundo hum coração existe ,
Que do pobre Belmiro os males sente.

S O N E T O.

Q
(dente
 Uem quizesse afirmar, que o fogo ar-
 Inda he mais frio, do que a neve fria,
 Que a noite he muito clara, escuro o dia,
 Brando o marmore, o fumo permanente.

Por mais que o persuadissem subtilmente,
 Baldado o seu intento ficaria;
 Louca simplicidade isto seria,
 De que mofára a mais grosseira gente.

Sabe-se, que a côr branca, ou amarella
 Co' a verde, e outras tem diversidade,
 E que o Sol não he o mesmo, q' húa estrella.

Se he demencia negar qualquer verdade,
 Quem dirá, que não és, Annalia bella,
 A viva imagem d'huma Divindade.

SONETO.

LOnge do patrio Doiro só me via
Entre fundas montanhas sepultado,
Não tendo ao pé de mim, junto ao meu lado,
Mais que os troncos da inculta serrania.

A's vezes para respirar sobia
Algum outeiro menos abafado;
Porém nunca alcançava o meu cuidado
A mais pequena sombra de alegria.

Agora sim ditoso me imagino;
Pois, bella Annalia, posso amante expor-te
As emoções, que sinto de contino.

Em venturas tornou-se a infausta sorte,
E governando os passos do Destino
O teu semblante, me suspende a morte.

SO-

S O N E T O.

Pois que o mandas, Annalia, eu te obedeço:
Se algum dia pintei com vivas côres
D'Eliza os lindos olhos vencedores,
E hum gentil rosto d'immortal apreço ;

Hoje aqui me desdigo : foi excêso
Aonde me arrastrarão meus ardores ;
Rompendo a cruel venda a taes amores,
Cheio d'espanto o engano reconheço.

Já com sombras diversas a figuro :
He vaidosa , e inconstante ; finalmente
Tem entranhas de féra , e hum peito duro.

Acredita-me , o coração não mente,
Eliza he pouco bella , eu mesmo o juro :
E agora , minha Annalia , estás contente ?

SONETO.

O Doiro, o nosso Doiro reverente
 Os teus annos ditosos respeitando,
 Anda as trémulas ondas acalmando,
 E até suspende a rápida corrente.

Compõem de conchas a limosa frente
 Sobre as lizas aréas trasbordando;
 E cultos ao teu Nome consagrando,
 Alça a voz, e convida a toda a gente.

O mais simples Pastor não fica izento;
 Deixa o pobre casal, corre á porfia
 A celebrar d'Annalia o nascimento.

E até eu (quanto póde huma alegria!)
 Por hum pouco esquecendo o meu tormento,
 A gloria canto de tão fausto dia.

S O N E T O.

E Sconde, linda Annalia, os olhos bellos,
Que fazem suspirar as mesmas flores;
Quando não mil Serranos, mil Pastores
Prezos encontrarás em teus cabellos.

Ao depois se quizeres desprendellos,
Te estorvará o som dos seus clamores;
E os injustos crueis usurpadores
Serão a minha morte, os meus flagellos.

(Esconde os olhos teus, teme o futuro;
Poupa a minha ruina, se he bem quista
A paixão terna, que fiel te juro.

Pois se os expões, Annalia, a qualquer vista,
Que mármore haverá, que bronze duro,
Que insensível os veja, e lhe resista?

SONETO.

SE podéra pintar-te vivamente
A paixão, as saudades, a ternura,
Em que me envolve a féra desventura
Nos dias, em que estou de ti auzente;

Se me ouvíras, ou quando descontente
As tardes vou passar n'uma espessura,
Ou quando a tua rara formosura
Canto, pulsando a Cithara cadente;

Se, a pezar de rigores deshumanos,
Souberas, claro Bem, se quer ao menos
Quanto morro por ti, vai por tres annos;

Dirias, que os excéssos dos Filenos,
Dos Alcinos, dos Jonios, dos Albanos,
Comparados c'os meus, serão pequenos.

S O N E T O.

D'Antes meus olhos para ti abrindo
Te encontrava banhada de alegria ;
Hoje mudas de côr, ficas sombria ,
Corre-te o pranto pelo rosto lindo.

Nesta fatal mudança reflectindo ,
O coração mil cousas me annuncia ;
E a ventura , que eterna presumia ,
Qual solto passarinho vai fugindo.

Os pensamentos meus em vão adoças :
Estou prompto a morrer , venha a pancada ,
Estalem .. ai de mim ! as prizões nossas.

Nem promettas durar a fé jurada ;
Pois toldando-se o Ceo de nuyens grossas ,
Não tarda muito a trovoada.

SO.

SONETO.

AI, Annalia, que eu morro, se te vejo
Nos braços d'hum rival: O meu tormento
Extinguirá de todo aquelle alento,
Que roído d'amor já mal bocejo.

Se te perco, meu bem, a morte elejo,
Nem suspender a curva foice intento;
O mesmo peito afflicto lhe appresento,
Vibre o golpe, que a vida não desejo.

Em quanto gozo o fructo d'hum cuidado,
Que me faz sempre achar-te enternecida,
Posso sim nomear-me affortunado.

Mas, chara Annalia, vendo-te perdida,
Com mil punhaes agudos traspassado,
Será mais brando mal perder a vida.

S O N E T O.

S Onoro passarinho, que entre a rama
 D'este vimeiro cantas docemente,
 Sensível ao clamor d'hum descontente
 Soccorre hum peito, que devéras ama.

Annalia, a bella Annalia, que me inflamma,
 He dura, como os seixos da corrente;
 Rindo escuta os meus ais, vê indifferente
 Gastar-me a vida a roedora chamma.

Mil excéssos lhe faço; mas zombando
 Despreza-me cruel, e nada a obriga
 A ser piedosa, e a viver amando.

Só me resta tentar, que huma cantiga
 Me queiras ensinar, a vêr se abrando
 O fero coração d'esta inimiga.

S O N E T O .

NÃO percisei mais tempo, que oito dias,
Viver de ti, Annalia, separado,
Para encontrar em sonho transformado
Aquelle eterno amor, que promettias.

Ou fosse fingimento, o que dizias,
Ou porque de conceito tens mudado,
He certo, que me vejo desgraçado,
Sem mercer as tuas cortezias.

Olha, perfida, com lizura digo,
Que mil ancias me custa o converteres
N'hum desprezo fatal o agrado antigo.

Mas penso, que os ultrages, que fizeres,
(Todos o Ceo destina por castigo
De me fiar em juras de mulheres.

S O N E T O.

E Então não fallei certo, quando disse
Ao firmar nosso terno juramento,
Que duvidava muito, que hum momento
Teu coração fiel me presistisse?

Timido me chamaste, por tontice
Avaliavas este sentimento;
Porém profetizava o pensamento,
Como se tudo claramente visse.

Passão dias, semanas, vão correndo
Dos mezes, e do anno o longo giro,
E nem me fallas, nem fallar-te entendo.

Porém de taes mudanças não me admiro,
E até, não sem motivo, estou prevendo,
Que não te lembra já quem he Belmiro.

SO.

SONETO.

MEu pobre coração, socega: vamos
Relatar a Marfida encantadora
O martyrio, a saudade roedora,
Que longe d'ella affictos supportamos.

Com este desafogo alliviamos
A medonha paixão, que nos devora;
E póde succeder, que esta Pastora
Tenha pena das penas, que aturamos.

Principia a dictar, nada me calles;
Vai lembrando as mortaes melancolias
Que nos causa o silencio d'estes valles.

Mas suspiras? Gemendo te agonias?
Ah! não queres, q̃ a historia dos meus males
Vá toldar a innocencia dos seus dias.

S O N E T O.

P Astores, n' huma lamina polida,
Que seja de materia preciosa,
Quero pintar a face graciosa
Do meu bem, da bellissima Marfida.

Vereis como ao pé d'ella amortecida
Fica a rubra papoila, e a mesma rosa;
Que he menos linda a noite luminosa
De brilhantes estrellas guarnecida.

O desenho na idéa tenho feito;
Os pinceis estão promptos, não dilato
A cópia do semblante mais perfeito.

Mais não: este trabalho he incensato;
Attentos reparai sobre o meu peito,
E nelle encontrareis o seu retrato.

S O N E T O .

NO tempo, em q̄ as travêssas Lavadeiras,
 Molhando a branca roupa no Mondego,
 Estão com natural desassocego
Entoando modinhas Brasileiras;

Sentado sobre a Ponta horas inteiras
 As escuto feliz, e com socego:
 A dôr foge de mim, e até não chego
 A sentir o grilhão de vís canceiras.

Suspende o meu tyrannico Destino
 As funestas idéas, que supporto,
 Nem nas proprias desgraças imagino.

Tão embebido fico, e tão absorto,
 Que não me lembra ao menos, bom Jozino,
 Que estou, há quasi hum mez, fóra do Porto.

S O N E T O.

A Quelle coração, que desgraçado
Em toda a noite geme, e em todo o dia,
Da negra, da fatal melancolia
Sentindo se cuberto, e repassado;

Que a cada instante do cruento Fado
Supporta a inexoravel tyrannia,
E, nunca vendo o rosto da alegria,
Em paixões tristes anda mergulhado;

Que finalmente, já sem ter alento
O sangue se lhe coalha, e se enregella
Sobre os frios altares do Tormento;

Se deseja mudar a sua estrella,
Se quer ser venturoso n'hum momento,
Oija cantar Isbella, a linda Isbella.

SONETO.

CEdi, Amor: agora novamente
C'os teus ferros me sinto maniatado;
Protestos não valêrão, foi baldado
Todo o esforço do peito mais valente.

Já suspiro, já choro descontente
Ao pé dos teus altares supplantado;
Já presinto o teu sopro envenenado
Girar-me pelas véas subtilmente.

Amo em fim: canta embora satisfeito
Hum triunfo immortal, que instantes breves
Te custou, e que augmenta o teu respeito.

Porém com tudo muito não te elevés;
Pois se venceste de Belmiro o peito,
A' bella Glaura á minha Glaura o deves.

S O N E T O.

Não he mentira: o Tejo tem Pastoras
Tão bellas, como a mesma Formosura;
 A sabia Natureza aqui se apura
 Em as formar gentís, e encantadoras.

Do Doiro as actuaes habitadoras
 A par d'estas parecem sombra escura;
 Falta-lhe hum não sei que, não tem brandura,
 São por timbre infieis, são mais traidoras,

Perdoai-me, Patricias se hoje insulto
 Da vossa presumpção toda a vaidade;
 A propria experiencia he que consulto.

Vinde ver Glaura, a minha Divindade:
 Ouvir-vos-hei então, dando-lhe culto,
 Confessar suspirando esta verdade.

M O T E.

No mundo não ha fé, nem lealdade.

S O N E T O.

E Stá quasi perdida, Encanto amado,
 A innocencia, os protestos, a firmeza,
 Com que eterno formava a Natureza
 Do puro amor o vinculo sagrado.

Quem he mais falso, e mais atraçoado,
 Deste enorme delicto mais se préza;
 E até dizem ser proprio da belleza
 Os votos quebrantar, que tem jurado.

Deos nos livre, meu Bem! Triste me admiro,
 De haver no mundo tal iniquidade;
 Mas a nós ambos desta conta tiro.

Fidelidade, e mais fidelidade,
 Porque morrendo Glaura, e o seu Belmiro,
No mundo não ha fé, nem lealdade.

S O N E T O.

Sempre ando atormentado; não alcanço
Prazer fóra da tua companhia:
Gemo de noite, choro todo o dia,
E com tanto chorar ás vezes canço.

Já não canto, não tóco, já não danço,
Como ha bem pouco tempo acontecia;
Procuro mil lembranças d'agonia,
E em cevar este mal nunca descanso.

Inda que entre os Pastores eu me veja,
Sem que elles o percebão, não resisto
D'ancia tão grande á barbara peleja.

Sinto sempre hum combate nunca visto:
O meu coração treme... o peito arqueja...
Minha Glaura, não dizes, o que he isto?

SONETO.

DEixa a triste cabana, e diligente
Vem ao campo passar resto do dia,
Pois, inda que a manhã esteve fria,
A tarde está serena, e o Sol he quente.

Eu bem sei, que este Inverno impertinente
Sécca as flores, que a Primavera cria,
Que, se algumas ouvessem, passaria
Teu coração amavel mais contente.

Mas olha; se não vires a verdura,
Que torna alegre o campo, e o condecora,
Que faz seu bello ornato, e formosura;

Prometto, que has de vêr, gentil Pastora,
Huma grata, huma terna creatura,
Hum constante Belmiro, que te adora.

S O N E T O.

LA vem a Glaura : oh quanto he bella !
 Como brilhão seus olhos vencedores !
 Que travessos aligeros amores ,
 Quantas Graças não correm a pár d'ella !

Vou depressa á campina , e huma capella
 De brancos lirios , d'engraçadas flores
 Lhe hei de compôr , em fé dos meus ardores :
 Permitta o Ceo , que queira recebella.

Se piedosa a acceitar , então contente
 Jurarei aos seus pés a chamma pura ,
 Que o peito abraza , que a minha alma sente

Mas ai ! ella me foge ? Sorte dura ,
 Porque fazes voar tão velozmente
 Os rápidos favores da ventura ?

S O N E T O .

Dicta-me, bella Glaura, o sentimento,
Que te inspirar a candida Verdade:
Consulta o coração, olha a vontade,
E attende ao seu mais leve movimento.

Depois me has de afirmar sem fingimento,
Se tu queres, ou não terna amizade;
Se acaso és minha, ou se he temeridade
Elevar a tão alto o pensamento.

Não receies matar-me, Glaura; dize
Tudo, o que sentes, inda que em meu damno;
Minha sorte fatal não te horrorize.

Pois não será successo deshumano,
Que a vida de Belmiro finalize
C'hum triste, porém justo desengano.

S O N E T O.

S Eccas plantas , amortecidas flores ,
Que no seio da occulta Natureza
Escondeis a verdura , a gentileza ,
As tenras hastes , e as mimosas côres ;

Rebentai entre os asperos rigores
Da frigida Estação : toda a belleza
Patenteai , pois tenho a doce empreza
De c'roar hoje Glaura , os meus amores.

He milagre , eu bem sei que o triste prado ,
Quando o gêlo mortal o dilacéra ,
Comvosco esteja verde , e matizado.

Mas se Glaura já deixa de ser féra ,
Não será maravilha o vêr mudado
O feio Inverno em linda Primavéra.

S O N E T O .

DEpois de triste ser , e desgraçado
Na carreira infeliz da minha vida ,
Seria huma esperanza desmedida ,
Querer com Glaura ser affortunado.

Que eu a adoro , he bem certo , e que rasgado
Tenho o peito c' huma mortal ferida ;
Porém se a ingrata me ouve desabrida ,
Náo será culpa d'ella , he do meu fado.

Embora a tanto affecto verdadeiro
Desattenda cruel , chame loucura ;
Prefira-me hum ditoso Pegoreiro.

Nunca me queixarei de a encontrar dura ,
Pois hum Pastor , como eu , pobre , grosseiro ,
Que mais deve esperar da Formosura ?

S O N E T O. ✎

T Udo he mortal : mais dia , menos dia ,
 Algum momento mais , menos momento ,
 Do Tempo gastador golpe violento
 Faz-nos sentir a sua tyrannia.

Se gozamos instante de alegria ,
 Seguem-se-lhes mil outros de tormento ,
 Té que por natural abatimento
 Entramos para o horror da campa fria.

D' esta verdade exemplo rigoroso
 Rôxas violêtas , sois : o duro Fado
 Com vós mesmas não quiz ser mais piedoso

Já servistes de ornato ao verde prado ;
 Hoje passais d' hum seio venturoso
 A marchar sobre hum peito desgraçado.

L*

SO-

S O N E T O .

O Nde , querida Glaura , tens estado ,
Que ha hum par de dias já não me appareces ?
Onde passas a tarde , onde amanheces ,
Que em vão corro por tí o monte , e o prado ?

Dize , Glaura , que he feito ? O meu cuidado
He notorio , tu mesma o reconheces ;
E se és terna , e de mim te compadeces ,
Não queirás não , que eu viva atormentado .

Mata a minha afflicção ; ah ! sahe agora
A apascentar os cordeirinhos teus ,
Que não de estar desejosos de vir fóra .

Consolados serão os olhos meus ;
E acalmando a saudade roedora ,
Inda que ao longe , te direi : *Adeus !*

SO-

S O N E T O.

Que tyrannia, ó Glaura! hum meu amigo,
O barbaro Fileno, cruelmente
Pertende suffocar a chamma ardente,
Quebrar o laço, que me unio contigo.

Se quero desculpar-me, e se lhe digo,
Que a nossa inclinação he innocente,
Olha-me irado, fica descontente,
Volta-me as costas, foge por castigo.

Para que isto zeloso mais defenda,
Pinta-me o doce bem da Liberdade,
(E da Escravidão triste a face horrenda.

Vejo-me afflicto, e em tal perplexidade,
Que não sei, minha Glaura, a quem attenda,
Se á voz do coração, se d' amizade.

SONETO.

O Bom Fileno tem-me persuadido,
Que he desgraça adorar Glaura bella;
Mas não podendo já viver sem ella,
Serei hum triste escravo de Cupido.

Ainda com despezos abatido,
Nunca me animarei a aborrecella:
Tolhe-se hum coração, chegando a vella,
Não he senhor de si, fica perdido.

Por Glaura ha muito o estou: inutilmente
A's suas Graças os meus olhos cêrro,
Tendo no peito a Imagem permanente.

Mas, se amalla he desgraça, se isto he erro,
(Cruel Destino, sorte improvidente,
Porque não tenho hum coração de ferro?

S O N E T O.

Fo sonho, em que a paixão me adormen-
 Ou delirio da pobre fantazia,
 Accreditar, que Glaura me attendia,
 E que huns tristes suspiros aceitava.

Foi singeleza imaginalla escrava
 Ao mesmo tempo, que d' Amor se ria;
 Engano foi, leucura em fim seria
 Pensar, que a bella Glaura me adorava.

Mas se tudo já sei, e se he verdade,
 Que as torres, que elevava a grande altura
 Derrubou a imprevista tempestade;

Viver agora em paz, entre a doçura
 Da gostosa, e serena Liberdade
 Não será melhor Bem, não he ventura?

S O N E T O .

DEixando a humilde choça , em que vivia,
Com desejos de ter mais rico estado ,
Da minha chara aldéa desterrado ,
Hum Pastor , ha dous lustros , que servia.

Este grande Pastor , que sempre via
A minha diligencia , e o meu cuidado ,
Tinha liberalmente destinado
Dar-me parte dos bens , que possuia.

Já tinha gordas cabras dividido ,
Ovelhas mais de mil , anhos bastantes ;
Stava a ponto de vêr-me enriquecido.

Chega hũ Lobo : e em brevissimos instantes
Devorando o rebanho promettido ,
Fiquei pobre , e infeliz , como era d'antes.

S O N E T O. ↘

DEsce , ó Filha d' Apollo , Musa amada ,
 Sobre as azas da candida Ternura
 Inspirar novamente , e dar ventura
 A huma Lira de todo desprezada.

Vem habitar na aldéa affortunada ,
 Onde não reina a sordida impostura ;
 E serás d'huma bella creatura ,
 Bem como agora sou , sempre estimada.

Vem , ó Musa , não tardes : pois contentes
 Não teremos , nem honras , nem riqueza ,
 Nem cuidados crueis , e impertinentes.

E sendo nossa Mestra a Natureza ,
 Traçaremos mil Versos innocentes ,
 Arredados do Mundo , e da Grandeza.

SO-

SONETO. ✓

SE fosse a vez primeira, que fizesses
Descarregar teu golpe desabrido,
Esperarias vêr-me esmorecido
Com a pancada, que de novo dêsse.

Porém, Desgraça, ainda mal conheço
O escudo forte, com que estou munido;
Que mostrando o teu rosto denegrido
Na invencivel razão me fortaleces.

Por mais que a raiva contra mim dilates
Hum espirito cheio de innocencia,
Certamente, ó Desgraça, nunca abates.

Nem receio os assaltos da indigência;
Que para triunfar de taes combates
Bastão-me as armas só da Paciência.

S O N E T O.

N Em Marilia, nem Glaura, ^{mira,} nem Bel-
 Nem todas as Bellezas d'esta aldeá,
 Tornaráõ a soldar a vil cadéa,
 Que á força de desprezos sacudára.

Findou-se o captiveiro, em que me víra
 A ponto de lutar com a morte fêa:
 Estou livre; o meu peito não recea
 Os agudos farpões, que Amor lhe atira.

Sim, Pastores, chegou feliz instante
 (De vêr no coração de todo extincto
 Do cego Deos o Imperio dominante.

Mas se inda alguma vez disser, que sinto
 Por alguma de vós paixão amante,
 Ah! não me accrediteis, porque vos minto.

SONETO

G Raças a Deos! A negra tempestade,
Que as paixões neste peito revolvia,
De todo serenou: já hoje em dia
Eu vivo na maior tranquillidade.

Sem leve sacrificio da vontade
Fui o sexo, que d'antes me auctahia;
Tanto me importa, que haja tyrannia,
Ou que as Glauras de mim tenham piedade.

Aquelles mesmos restos de lembrança,
Que involuntariamente ainda emranho,
Em mim não causão a menor mudança.

Ao Imperio d'Amor já sou estranho,
Guardar as suas Leis nada me cança,
Só cuido em ter feliz o meu rebunho.

S O N E T O. ↘

Não, Amor, por mais destro, q̃ procuras
 Novos laços formar para prender-me,
 Não consegues a gloria de mover-me
 A quebrantar mil votos, cem mil juras.

As minhas já choradas desventuras,
 O triste abysmo, em que cheguei a vêr-me,
 São armas, com que posso defender-me
 D'enganos teus, d'ingratas Formosuras.

Não bebo o teu veneno disfarçado,
 Não attendo protestos fementidos,
 Só medito na historia do passado.

E alli vejo em lugares repetidos,
 Que o premio, que alcancei de ter amado,
 Fcraõ angustias, lagrimas, gemidos.

S O N E T O .

B Elmiro, se apressado corre o anno,
Se o tempo vôa, se a Estação não dura,
Porque julgas eterna, e estar segura
A fragil duração de ser humano?

Não era ha poucos dias vivo Albano,
Não cantava na aldéa, e na espessura?
Pois agora já o cobre a campadura,
Para teu mais completo desengano.

Enredado em paixão, cego em transporte,
Consentes, em que escape algum suspiro,
Vendo quiméras, que te offrece a sorte?

Contas de lustros seis o longo giro,
Segues o Mundo, e não te lembra a Morte?
Ah! Belmiro infeliz! pobre Belmiro!

S O N E T O.

Papel, em que eu escrevo, se o Destino,
 Ou a Fortuna te pøzer agora
 Nas alvas lindas mãos d' huma Pastora,
 Por quem choro d'amor, qual hum menino;

Seu rosto incomparavel, e Divino,
 Cheio de submissão respeitã, e adora;
 E vê, se em ler as letras se demora,
 Que sobre ti mandar-lhe determino.

Basta que lêa: *Que suspira prezo
 Hum fiel coração: que o seu agrado
 Mil fogueiras d'amor já tem acceso.*

Porém has de occultar-lhe acautelado,
 Para não excitar o seu desprezo,
 De quem te escreve o nome desgraçado.

S O N H O .

BRando Zefiro apenas inquietava
 As compridas folhinhas do alto freixo;
 D'entre hum cavado seixo
 A crystallina fonte burbulhava,
 E campos de verdura atravessando
 Para o Leça fugia serpentando.

Os cantores do bosque modulavão
 Com tremulos gorgeios seus accentos,
 E a chusma dos Tormentos
 Deste sitio ditoso affugentavão.
 Sitio amavel! Sitio em toda a idade
 Consagrado á Ternura, e á Saudade.

Então descia o monte; e convidado
 Pela doce, e agradavel harmonia,
 Me assento á sombra fria,
 Que prodigava hum alamo copado;
 E em quanto o sol ardente as urges cresta,
 Aqui passava a abrazadora sesta.

Quan-

Quando hum pouco a cabeça reclinando
 Sobre hum montão de molle fresca rama,
 O somno por mim chama.
 Escuto a sua voz; e dominando
 Este Deos, na cançada fantazia
 A mais negra cathástrofe escrevia.

Figura-se-me então, que alegre entrava
 Na cabana feliz, e venturosa,
 Onde Eliza formosa
 Passar do anno o giro costumava.
 Hia colher no seu gentil semblante
 A doce nutrição d'hum peito amante.

Entrei, ó Deos, que vejo! Eliza, aquella
 Pastora, viva imagem da Candura,
 Symbolo da Formosura,
 Já não era agradavel, linda, e bella:
 O escuro véo da morte lhe cubria
 Meigos encantos, com que sempre ria.

Sobre o terrivel féretro prostrada
 Alli jazia a victima innocente:
 C'huma alampada ardente.
 Estava a escura choça allumiada;
 De fúnebre cypreste em toda a parte
 Ramos pendião, sem alinhio, ou arte.

Rôxos goivos, papoilas denegridas
 A sua testa palida c'roavão:
 E as Graças a cercavão
 Brotando tristes lagrimas sentid's.
 Cada huma... (só a idéa me horroriza!)
 Dizia soluçando: *He morta Eliza!*

Os Amores... coitados! Os Amores,
 Junto da face as alvas mãos cerrando,
 Largavão suspirando
 Rôtos laços, truncados passadores.
 A sua gloria, a sua valentia
 Para o horror do sepulchro lhes fogia.

Tremi: o quente sangue se enregella,
 A minha secca lingua balbucia,
 Fallar então queria,
 Mas a dôr os sentidos me atropella.
 Estatico fiquei; mas de repente
 Novos impulsos o meu peito sente.

Vou formando alguns passos vagarosos
 Ao redor da Pastora, que adorava:
 Vendo-a me recordava
 De momentos... momentos preciosos!
 Conter em fim não posso o meu desejo,
 Ao pé me prostro, a fria mão lhe bejo.

Eu quizerá soprar-lhe o proprio alento ;
 Junto dos beiços lividos respiro ;
 Fallo , choro , suspiro ,
 Nada posso alcançar , he vão o intento.
 Que mimosa assucena , ao Sol cortada ,
 Que murcha , assim presiste a minha amada.

Não tarda muito tempo , que a Piedade
 Eliza não conduza á sepultura :
 A dôr então apura
 A terrivel cruel voracidade.
 Lúgubres ternos ais ao ár soltando ,
 Todos hião seu corpo acompanhando.

Mal o cadaver frio á terra fria
 Entrega a cerimonia funeral ,
 Na campa sepulchral
 Escrever-lhe o Epitaphio pertendia.
 Era a acção derradeira , que a saudade
 Consagrava á Memoria , e á Amizade.

Então neste lugar triste sombrio
 Hum sizel entre lagrimas procuro ;
 E no marmore duro
 A entalhar deste modo principio :
Aqui jaz . . . a mão treme . . . o pranto engrosso ,
 A cruel inscripção gravar não posso.

Cahe-me o agudo instrumento ; e vacilante
Ficando , então mais forte a dôr me opprime:

Intento hum negro crime . . .

(Em q̄ abysmos não entra hũ louco amante !)

A suicida mão ao ferro deito ,
Com força o cravo no afflicto peito.

Ao rijo impulso da mortal pancada
Estremeceo-me o corpo: acordo, grito ,
Em pé me ponho afflicto ,
Foge a cruel visão , tornou se em nada ;
E serenando as ondas da agonia ,
Limpo o suor , que a testa me cubria.

Agradecido as mãos ao Ceo levanto ,
Em alta voz repito os seus favores ;
E das Canções melhores
Huma , que recordei , alegre canto.
Transformou se o Epicedio f. buloso
Em ternos hymnos d'hum amor ditoso.

Contente respirei : e ja soprando
A fresca viração , grata , e benigna ,
Pelo verde campina
Fui para a humilde choça atravessando.
Mas se hum sonho tão negro , ha pouco , tive ,
Graças a Deos ! a minha Eliza vive.

C A N Ç Ã O.

V Em, Eliza querida,
Alegrar estes campos, estas flores,
Os gados, os Pastores,
E ao teu Belmiro terno dar a vida.

Vem, amavel Pastora,
Com a tua innocente singeleza
Aterrar a tristeza,
Que longe dos teus olhos me devora.

Não tardes, e pondéra,
Que sem a tua face graciosa
Não parece vistosa
A vinda da agradavel Primavéra.

A encarnada bonina,
Se os teus passos por perto não presente,
A delicada frente,
Em signal de saudade, logo inclina.

A papoila , os amores ,
Os goivos , as violetas , e a assucena ,
Todas estão com pena ,
Não vendo teus encantos vencedores .

Qual Astro luminoso ,
Que , dissipando as trévas , mostra o dia ,
Toda a Melancolia
Desterra o teu semblante masgetoso .

Ah ! Pastora innocente !
Escuta com bondade os meus clamores ;
Vem nestes arredores
Fazer ditosos , e viver contente .

Serás a Divindade
Das montanhas , dos bosques , e dos prados .
Teus Celestes agrados
Enlearão a nossa liberdade .

Com que doce ternura
De corações milhares , e milhares
Ao pé dos teus altares
Offrecerão a Victima mais pura ?

Eu por mim já componho
 Huma bella grinalda, e ta destino,
 Se a gloria, que imagino,
 Como ás vezes succede, não for sonho.

Os Pastores idéão
 Cantigas de prazer, Canções singellas,
 Olha mesmo daquellas,
 Que te devem paixão, que te recreão.

O Rouxinol Divino,
 Na escondida vergonta d'huma Faia,
 Para saudar-te, ensaia
 Ternas modulações, seu canto fino.

O Zéfiro ligeiro,
 As orvalhadas flores sacudindo,
 Te oferecerá sorrindo
 Seus perfumes, seu agradavel cheiro.

Não sejas crua fera:
 Vem, Eliza, não tardes; e esta gente
 Então dirá contente:
 «Graças aos Ceos! chegou a Primavera.»

Innocente Canção,
 Se inspirão compaixão
 As lagrimas, que choro,
 Voa, e pousa nas mãos do Bem, que adoro.

C A N Ç Ã O.

A Bafando os suspiros,
 Com que perturbo sempre, com que atrôo
 Os montes, e os retiros;
 Co' as azas do Prazer alegre vôo
 A temperar a Lyra desprezada,
 Cheia de pó, n'hum tronco pendurada.

Minha Musa innocente,
 Do Thessalico monte ao Doiro torna;
 A tua amavel frente
 De crespas murta com festões adorna;
 E ouvindo as vozes da immortal Verdade,
 Inspira harmoniosa suavidade.

F 2

Mas

Mas que rápido effeito ,
Que occulto esforço , que poder agora
Sinto animar-me o peito !
Es tu , gentil bellissima Pastora ,
Que apenas chega o dia dos teu annos ,
Enches de gloria os miseros humanos.

Bem como a manhã bella ,
Que do Inverno findou crueis rigores ,
A neve descongella ,
E faz brotar amortecidas flores ;
Assim teus lindos olhos neste dia
Transfórmao toda a dôr em alegria.

As Naiades formosas ,
Os seus nevados collos elevando
Das ondas bolicosas ,
Estão nas ruivas conchas debuxando
As perfeições daquella , que no Doiro
Faz hoje reviver a idade de oiro.

O mesmo Deos d'Amor ,
Rodeado d'aligeros Amores ,
Junto aos teus pés vai pôr
A sua aljava , laços , passadores.
Quer , que sejas em dia dos teus annos
Senhora do Destino dos humanos.

Venturosa Delfina,
 A que ponto se eleva a tua gloria!
 Vejo-te, qual Heroína,
 Sobre os Altares da immortal Memoria.
 O tempo te ajoelha, e reverente
 Inclina, curva a encanecida frente.

Cede ás tuas Virtudes
 Do seu altivo Imperio o poder fórte:
 Suspende os golpes rudes,
 Já mais desarma o despiedado córte.
 A tua simples natural belleza
 Dos seus crueis estragos fica illesa.

Os freixos mais valentes
 Pouco apouco envelhecem, té que abatem
 As elevadas frentes.

Sempre girão os annos, e combatem
 Thronos brilhantes, os Palacios nobres,
 Os casaes tristes, e as cabanas pobres,

O bronze... mas deixemõs
 Feias imagens, horridas pinturas:
 Minha Musa, cantemos
 Gostos, prazeres, sólidas venturas:
 Os dias pela Gloria assignallados
 São ao Contentamento consagrados.

Porém se o som já rouco ,
 Com que me ouves cantar te desanima ,
 Escuta por hum pouco
 De grandes Genios a cadente rima.
 Vejamos até os Deoses Sup'riores ,
 Conceder Graças , espalhar favores.

Hymeneo Luminoso
 Aos mais começa a dar illustre exemplo :
 Neste dia formoso
 As portas abre do sagrado Templo :
 Os Altares adorna , e affavel chama
 Delfina , e o feliz Jonio , a quem ama.

Em quanto está formando
 De bornidos metaes doce cadéa ,
 E a Pyra chammejando
 Nos dous corações ternos lume atéa ;
 A Cithara encordôa , Musa chara ,
 E para o Epithalamio te prepara.

Venturosa Canção ,
 Com toda a submissão
 A Delfina bellissima procura ;
 E a sua branca mão
 Beijando com ternura ,
 Gostosos parabens por mim lhe augura.

CANÇÃO.

Que serena manhã! Já vem raiando
 O Astro luminoso:
 Por entre rôxas nuvens disfarçando
 O seu rosto formoso,
 Communica aos viventes
 Doce prazer, transportes innocentes.

Consumirão-se as trévas, em que a terra
 Sepultada jazia:
 A noite fugitiva desencerra
 O véo, com que a cubria:
 Já vejo... que belleza!
Os thesoiros da sábia Natureza.

A espinhosa roseira abre contente
 O botão orvalhado:
 A encarnada papoila eleva a frente,
 Que tinha reclinado,
 Em quanto longe mora
 A Esposa de Titão, a linda Aurora.

O Zéfiro brincando sobre a testa,
 De carinhosas flores,
 Exalla pelos campos, na floresta
 Dos vastos arredores
 O perfume agradável,
 Que torna a solidão Divina, e amavel.

Do enramado Cypreste aos ares voão
 Avesinhas pequenas;
 E nas Faias pousando, logo então
 Suaves cantilenas,
 Que em gorgueio o ma's terno
 Celebrão o poder da Mão do Eterno.

Oh Natureza! Oh Natureza santa!

Que prazer! Que alegria!

Que transpote me eleva, anima, e encanta!

Mas não he este o dia,

Dia vindo do Ceo,

Em que vimos Marilia, e em que nasceo?

Sim, Musa, he este o dia. Toma a Lyra,

Ha tantos tempos muda:

Divino Enthusiasmo n'alma inspira,

A rouca voz me ajuda;

Terna Canção formemos,

Os annos de Marilia celebremos.

Compõe a loura trança, e de amaranto
 Não enrames a frente,
 Nem me faças verter de amargo pranto
 A perenne corrente.
 Este dia sagrado
 D'entre os dias de dôr seja riscado.

Eu te salvo, momento venturoso,
 Abençoada hora:
 Imperio em ti não tem do tempo idoso
 A lima roedora:
 Mostraste a maravilha
 Dos Heróes mais illustres neta, e filha.

Marilia excelsa, em quem a Providencia
 Formou hum coração,
 Cercado de bondade, de innocencia,
 De toda a perfeição,
 Honra a tua memoria,
 Enche o Tejo de gosto, e a nós de gloria.

Esta nova Heroína, sempre attenta
 Ao sangue illustre, e nobre,
 Que nas véas lhe gira, e que a sustenta,
 Antes, que huma acção obre,
 Os bellos olhos fita
 Nos santos Ascendentes, que ella imita.

Que perfeitos modelos não lhe offrece
Painel antigo, e claro
De mil Varões, a quem a Fama tece
O elogio mais raro!
Vós, cinzas preciosas,
Sois instrucção das almas virtuosas!

No tenro peito desde já se imprime,
Sem padecer mudança,
Character de grandeza a mais sublime,
Deixada por herança
A' Casa esclarecida,
A quem déstes o Nome, a honra, e a vida.

Qual vergonta mimosa, que he plantada
Em cavado terreno;
Ou bem como a assucena cultivada
N'hum sitio fresco, e ameno,
Assim Marilia cresce,
E na Virtude sólida florece.

O' dia, em que nasceo, dia formoso,
Cantado sempre sejas!
Da gentil Ninfa o rosto magestoso
Inda mil annos vejas!
D'ella o tempo se esqueça,
Suste a carreira, attento lhe obedeça.

Vôa ao Tejo, Canção:
Mas como te reveste ornato pobre,
Beijando a augusta Mão
Da Divina Marília, a face encobre.

A handwritten signature in cursive script, oriented vertically. The signature appears to be "António de Almeida".

ECLO-

E C L O G A.

BELMIRO, E FILENO.

V Em, Fileno adorado; os Ceos piedosos
 As lagrimas d'hum triste presentindo,
 Agora te vierão conduzindo
 Para adoçar meus dias amargosos.

F I L E N O.

A sórte féra, deshumana, e dura,
 Que de mim desterrou toda a alegria,
 Me concedê huma sombra de ventura
 Na tua apreciavel companhia.

B E L M I R O.

Ai, Fileno, que em quanto no Mondego
 Assistias, talvez bem divertido,
 Atravessava o monte desabrido,
 Sem allivio, sem gosto, sem socego.

F I L E N O.

Fiel depositario dos meus males
 O meu Belmiro amado, d'elle ausente,
 Nos sombrios, nos solitarios valles
 Andava a suspirar continuamente.

BELMIRO.

Soffri muita saudade ; mas já agora
Dissipa-se a afflicção , a minha pena ,
 Bem como nevoa na manhã serena
 Aos claros raios da brilhante Aurora.

FILENO.

Sem as minas cavar , que escondem oiro ,
 Sem affeito cortar profundos mares ,
 Estou gozando hum sólido thesouro ,
 Que a Amizade guardava em seus Altares.

BELMIRO.

O sitio nos convida : aproveitemos ,
 Claro Fileno , as horas apressadas ;
 A' sombra destas arvores copadas
 Os nossos corações desabafemos.

FILENO.

Sim , Belmiro ; e o rebanho anda entretido
 Na branda relva , que lhe offrece o prado :
 Separemo-lo hum pouco do sentido ,
 Principia a contar-me o teu cuidado.

Q'he feito do teu hem ? Dize , que he feito
 Daquella Eliza amavel , que algum dia
 Tanto incendio ateava no teu peito ,
 E tanta paixão n'alma produzia ?

Ainda te he fiel? Inda conserva
 O caracter angusto da Innocencia?
 Mas tu soluças! Falla sem reserva;
 Se a lembrança te afflige, tem paciencia.

B E L M I R O.

Lembra-me, q̄ n'outro tempo, n'outros dias
 (Dias d'huma continúa Primavera!)
 Bem me lembra dizer, que Eliza me era
 Terna origem d'immensas alegrias.

Lembra-me retratar-te, como pude,
 Seu angelico rosto, hum genio amavel,
 Hum firme coração invarivel,
 Em fim huma das Filhas da Virtude.

Eu sou homem; por isso fui sujeito
 Ao imperio do Engano, ao fatal erro:
 Tem a barbara o coração de ferro,
 Que a lagrimas, e a sangue vive affeito.

Ah! não queiras, q̄ eu falle d'esta ingrata;
 Poupa da dôr os ultimos extremos,
 Conversa mais alegre procuremos,
 Novas da tua Jonia me relata.

Fi-

F I L E N O .

Obrigão-me a evitar o alheio damno
Os sagrados deveres da Amizade :
Mas se queres , que seja hum pouco humano ,
Comigo deves ter igual piedade.

A lembrança d'Eliza te consome ,
Choras , suspiras , quando fallo nella ;
Da minha amavel Jonia ao doce Nome
A mesma razão clara se atropella.

Porém , Belmiro , nunca o Ceo permitta ,
Que occultemos a nossa paixão dura ;
Revela-me o tormento , que te agita ,
E eu contar-te-hei a minha desventura.

B E L M I R O .

Sim , Fileno , eu começo ; pois entendo ,
Que as desgraças no peito concentradas ,
A hum amigo fiel communicadas
A sua tyrannia vão perdendo.

Tinhão passado seis Verões calmosos ,
E outros tantos Invernos desabridos ,
Que por aqui soltava os meus gemidos ,
Sem vêr d'Eliza os olhos graciosos.

En-

Enfadado com tão cruel ausencia,
Cançado de aturar melancolia,
Determinei buscar minha alegria
Naquella antiga origem de Innocencia.

Eu já tinha hum pelíco enriquecido
Co' as fitas, de que estava matizado;
Tinha hum novo çurrão, fiz hum cajado.
De expressivos labores guarnecido.

Olha, Fileno meu, sem ter vaidade,
Estava tão perfeito, e tão composto,
Que sem medo podia fazer rosto
Ao moço mais polido da Cidade.

Já nas tardes tambem me industriava,
Fazendo repetidos cumprimentos;
Era Eliza os meus ternos pensamentos,
E nada mais, do que ella, me occupava.

Quando Jozino, o barbaro Jozino,
O deshumano annuncio dos meus males,
Veio encontrar-me hum dia nestes valles,
E o destino mudou ao meu destino.

“ Na

« Na ribeira do Ave, ha pouco, estive, *
 (Me diz elle em conversa) e alguns Pastores
 Murmurarão, que Eliza, os teus amores,
 Em diversa prizão agora vive.

Inda mais me affirmarão, que já era
 A setima paixão, que lhe arguião;
 Que junto d'ella amantes renascião,
 Como as flores na fertil Primavera.

Que esta mesma Pastora a cada passo,
 Fallando-se em Belmiro, respondia,
 Que hum louco, hum insensato alegre via
 Soffrer chorando o imaginario laço.»

Mais queria dizer: porém sentindo
 Pouco, e pouco faltar-me a côr do rosto,
 Mais perto se assentou, e deo-me encosto,
 A minha murcha face á sua unindo.

Pertendeo consolar-me: Eu sem conforto
 Hum deshumano amigo então ouvia;
 Mas, qual penedo, nada proferia,
 ↓ Era o retrato fúnebre d'hum morto.

Ultimamente dando hum ai terrivel,
Capaz de amedrentar o Tygre duro,
Fito os olhos no Ceo, protesto, e juro
De a sirrosa paixão tornar vencivel.

Busco a pobre cabana; e inda me atrevo
A duvidar d'hum mal impio, e tyranno,
E para ter mais certo desengano,
Segundo o meu costume, a Eliza escrevo.

Os tristes caracteres ensopados
Nas lagrimas contínuas, que cahião,
Entregues forão logo; e lhe exprimião
O meu justo receio, os meus cuidados.

Lêo-os (que infamia!) o monstro de dureza;
Nada responde a ingrata, persuadida,
(Que o ser falsa, inconstante, fementida
São virtudes, e adorno da Belleza.

Os furacões da horrivel tempestade
Na espigada seára não tem feito
Tantos estragos, como no meu peito
Esta acção de desprezo, e d'impiedade.

Re-

Repára no semblante amarellado,
 Nos meus olhos pizados, denegridos!
 Se ouvir tambem podesses os gemidos,
 Que arranco do meu seio desgraçado!

F I L E N O .

A historia dos teus males já te altera:
 Não mais, Belmiro meu, não mais agora:
 Porém ainda és ditoso. Oh quem podéra
 Fazer, que a tua sorte a minha fôra!

B E L M I R O .

Ou não sondaste a força da agonia,
 Que no centro do coração encerro;
 Ou pertendes com proveitoso erro
 Vencer minha mortal melancolia.

F I L E N O .

Não presumas, nem cuides, que he disfarce,
 Que para allivio teu buscar procuro:
 Ouve, e verás, se póde dissipar-se
 Tão facilmente o meu destino duro.

Jonia, a amavel Jonia, certamente
 Pelo Deos das Paixões foi escolhida
 Por flagélo inculpavel, e innocente
 Do meu peito, da minha pobre vida.

Como já te contei foi a primeira,
 Que abalou minha doce liberdade,
 Foi aquella serêa lisongeira,
 Que encantou todo o rumo da vontade.

As singélas palavras, que nascião'
 Por entre os lindos beijos encarnados,
 Ferirão a Fileno, e ferirão
 Hircanos peitos no sertão creados.

Fugir não pude: amei a Jonia bella;
 Mas como Amor cruel sempre temia,
 Fui viver no Mondego longe d'ella.
 A vêr, se esta paixão desvanecia.

Mas inutil, Belmiro, a diligencia,
 Com que o meu ser antigo procurava!
 A amavel face, o genio de innocencia,
 De Jonia a imagem nunca me deixava.

Huma vez, que me achei sem companhia
 Na solitaria fonte dos Amores,
 Sentado junto d'ella reflectia
 Sobre a continuação dos meus ardores.

« Fileno (então gritei) de que te serve
O ter razão, o ser illuminado?
Conheces a paixão, que n'alma ferve,
Pódes vencella, e vives desgraçado?

Desejas submetter o teu pescoço
D'Amor cruel ao jugo deshumano?
Já não lêste naquelle tronco grosso.
Tantos avisos, tanto desengano?

Não he Jonia mulher? Então que espéras
Em nella recear subtil veneno?
Pensas, que te he fiel, que ama devéras.
As broncas qualidades de Fileno? »

Isto mesmo a mim mesmo proferindo,
Me parecia vêr clara verdade
Caminhar satisfeita, conduzindo.
A chorosa, e perdida liberdade.

No mesmo instante procurei hum meio
De relatar a Jonia o meu sentido;
Disse-lhe então, que o desgraçado enleio
Da paixão cega tinha sacudido.

Eu

Eu penso , que esta nova inesperada
A affligio , a mortificou bastante ;
Cuido , que andava a mesma dôr pintada
Nos seus olhos , no seu gentil semblante.

Não tardou muito tempo , que não dêsse
Testemunhos d'hum justo sentimento :
Escreveo-me ; e dizia , que fizesse
Toda a sua ruina , e o seu tormento.

Que a esquecesse de todo ; pois já agora
Não cuidava em ser mais affortunada ,
Sendo proprio d'humã fiel Pastora
Viver sempre innocente , e desgraçada.

Que sendo eu homem , nestes agora
Estranha , e desusada novidade
Soldar pretextos mil com branda cêra
Para occultar a sua falsidade.

Em fim d'ingratidão hum monstro duro ,
Hum inconstante Jonia me chamava ,
E seu peito mais firme , mais seguro
Constancia , e eterna fé me protestava.

Vê pois, Belmiro meu, em que tormento,
Em que dura afflicção gemendo vivo:
Se ficar livre, ou prezo agora intento,
Sempre tenho de dôr cruel motivo.

Deixar Jonia, e até o ponto de esquecella,
Ser insensível, parecer ingrato,
Só a lembrança o sangue me enregella,
Poem-me fóra de mim, como insensato.

Mas ir de dia em dia alimentando
Paixão, que só destilla impio veneno;
O meu proprio martyrio andar buscando,
Será isto a desgraça de Fileno.

Este extremo cruel me penaliza,
Não sei que faça, fallo-te a verdade;
Se a minha Jonia fosse a tua Eliza,
Facilmente abraçára a liberdade.

B E L M I R O.

Ora he certo, que as proprias desventuras
Maiores se figurão, que as alhéas!
O teu pequeno mal choras, recêas,
Porque não soffres minhas amarguras.

De

De boamente déra vinte rezes,
 (Que além destas com poucas ficaria)
 Se como a ti a sôrte rude, e impia
 Me fulminasse tão crueis revezes.

Quer huma parte, quer a outra sigas,
 Serás sempre, Fileno, venturoso;
 D'essa Pastora o genio carinhoso
 Não te póde causar tristes fadigas.

Faz-se d'Amor idéa, que horroriza,
 Porém não he tão máo, qual se retrata,
 E se ás vezes afflige, fere, mata,
 He só, quando se encontra alguma Eliza.

F I L E N O

Na verdade, Belmiro, eu não te entendo;
 Não posso comprehender teus pensamentos;
 Ora cantas d'Amor, ora gemendo
 A todos pintas seus mortaes tormentos.

B E L M I R O.

Podem-se achar encantos mais suaves,
 (Que os que nascem de huma união ditosa?)
 Vês tu naquella Faia alta, e formosa
 Andar saltando numerosas ayes?

Pois

Pois olha, alli tecêrão pobres ninhos,
Mutuamente se amárão; c' o a riqueza,
Que offrece a providente Natureza,
Forão creando, e existem seus filhinhos.

Mal desmaia o calor do quente dia
Nos flexiveis raminhos balançando,
Respirão o ár sereno, e estão formando
Canticos de prazer, e de alegria.

Estes todos não se amão por ventura?
Ouves algum formar tristes gemidos?
C'os seus amaveis pares entretidos
Não desfructão reciproca ternura?

Imita-os, meu Pastor, pois ser ingrato
A hum coração tão candido, e tão puro,
He pertender seguir o instincto duro
Das serpentes cruéis, que esconde o mato.

F I L E N O.

Valha-me Deos, Belmiro! Tu desejas
Vê:-me em profundo abysmo sepultado!
O coração me tócas, e forcejas
Para tornar-me amante desgraçado.

Co-

Conheço, que obro mal buscando meios
De consumir a Jonia, que me adora;
Porém culpem-se os tímidos receios,
Que tenho, de que a encontre huma traidora.

Mas ditoso mil vezes me chamára,
Se Jonia a Eliza ingrata assimilhasse;
Contente, sem remorsos, a deixára,
Sem que o mundo de ingrato me culpasse.

B E L M I R O.

Cantaria á Fortuna mil Canções,
Fora o mais venturoso dos mortaes,
Se Eliza, e Jonia, em formosura iguaes,
Trocassem peito, genio, e corações.

A nossa sorte venturosa fora:
Belmiro a Amor invejas causaria;
Fileno em liberdade ficaria,
Rompendo os laços vís d'huma Pastora.

F I L E N O.

Ai! agora repáro, terno amigo,
Que os Pastores já vão buscando a aldea;
Junta o teu gado, que eu tambem te sigo,
Não deixemos cerrar a noite fea.

To-

Todas as tardes (dando Deos saude)
 Quero passar contigo satisfeito;
 Pois nestas horas breves sempre pude
 Sentir menos afflicto o triste peito.

BELMIRO.

Eu mais desejo a tua companhia,
 Que a chuva, que refresca o secco Estio:
 Com Fileno estimavel me allivio
 Da contínua, e fatal melancolia.

Mas já sinto tambem cahir orvalho:
 Juntemos, cada qual sua manada;
 E adeos até a manhã: segue essa estrada,
 Que eu tomo por aqui diverso atalho.

FILENO.

Adeos, Belmiro amado; os Ceos permittão,
 Que neste mesmo sitio, nestes valles,
 Eu remedeie as penas, que te agitação,
 E tu sejas a cura dos meus males.

E C L O G A.

V Endo Belmiro arder no terno peito
 O voraz lume da paixão mais cega,
 Não podendo apagar seu prompto effeito.
 A's mãos da dôr o coração entrega.
 (Suspira, geme, chora a cada instante,
 Soffre tudo, o que soffre hum triste amante.

Os tenros cabritinhos, que inda ha pouco
 Em dote por seus Pais lhe forão dados,
 São victima tambem d'hum amor louco,
 Tambem são, como o dono, desgraçados.
 Huns morrem sem pastar, outros de sede,
 A hum mal outro logo lhe succede.

No magro rosto já trazia impressa
 A imagem da fatal melancolia:
 Nenhum sitio aprazivel o interessa,
 Só procura a deserta penedia,
 Onde possa entre brenhas livremente
 A si mesmo dizer o mal, que sente.

Era

Era Belmira a causa deste damno ,
A formosa Belmira , que passava
Por Pastora de rosto mais que humano.
O seu genio ferino o maltratava
Com tão duros desprezos , até o ponto
De se julgar Belmiro quasi tonto.

Porém n'hum dia , que a fortuna tinha
Para seu desafogo destinado ,
A Pastora encontrou , quando já vinha
Do campo recolhendo o manso gado :
Disse então , que o ouvisse , e continúa
A fallar , quanto o affecto lhe insinúa.

B E L M I R O .

Ouve , Belmira , as expressões sincéras.
Que vai dictar o coração mais firme ;
Não te apartes , detem-te compassiva ,
Não me deixes , senão depois de ouvir-me.

Bem sei , que pouco val , pouco aproveita
(A terna confissão do meu tormento ,
Que são vozes , que escutas , mas que passam
Ainda mais ligeiras , do que o vento.

Mas

Mas tenho allivio em te contar meus males,
 Em retratar-te ao vivo, o que tem feito
 Os teus olhos, e a tua crueldade
 Neste meu desgraçado, e afflicto peito.

Vivia, ha muitos annos, já liberto
 Dos pezados grilhões que Amor enreda;
 Sentia com prazer de todo extincta
 Da paixão a fugosa lavareda.

Era feliz: os campos, o meu gado,
 Os trabalhos silvestres me occupavão;
 E bem como a serena Primavéra,
 Os dias fugitivos se passavão.

Porém causando inveja a minha vida
 Aos mesmos Deoses, q̃ no Olimpo habitão,
 Contra mim se conjurão sem piedade,
 Em nova servidão me precipitão.

Fizerão com que visse o teu semblante;
 Isto bastou: mudei de sentimentos,
 A' tranquillã Estação da liberdade
Succedeo hum Inverno de tormentos.

Re:

Recorda , se tu podes , huma tarde ,
 Aquella tarde , em que nasceo meu damno ,
 Em que formou o mais cruel martyrio
 A Graça do teu rosto Soberano.

Nesta tarde infeliz ouvir eu pude
 Os doces sons da tua voz sonora ;
 (Cheguei a vêr escravo hum coração ,
 Hum coração sincêro , que te adora.

O terno movimento dos teus olhos ,
 Teu brando risco , a comedida falla ,
 Moverão facilmente a rocha dura ,
 Que a força da tormenta pouco aballa.

Oh ! Belmira , que amores , que paixões ;
 Nesta alma de improviso despertarão !
 Que incendio , que vorazes lavaredas
 Por todo o amante peito se ateirão !

Apenas te deixei , ao triste abrigo
 Da rasteira cabana suspirava ;
 Por mais que divertisse o pensamento ,
 Só Belmira , Belmira he só , que achava.

Vin-

Vindo a noite, e buscando o pobre leito,
 Para vêr se acalmava a afflicção dura,
 Não encontro no fugitivo somno
 Algum allivio á minha desventura.

He fiel testemunha o bom Fileno
 Do abysmo, em que me via sepultado,
 Este amigo estimavel, que he ditoso
 Só, quando vê Belmiro descançado.

Condoído talvez da minha sorte
 Pertendeo suffocar tanta paixão:
 Mil vezes escutei os seus conselhos,
 Mas quanto pôde Amor mais, que a razão!

Figurava-me em vão os teus encantos,
 Onde briçha o poder da Natureza;
 Debalde ao mesmo tempo as minhas toscas
 Grosseiras qualidades contrapeza.

Então, Belmiro meu, não te envergonhas
 (Proseguia Fileno) de elevares
 Tão alto o pensamento? Tu pertendes
Formar soberba torre sobre os ares?

Bel-

Belmira não te attende, isto he bem certo,
 Para contigo tem entranhas fêras;
 E se inda continúas em amalla,
 Deste insensato amor que lucro espêras?

Estas vozes crueis, que erão sopradas
 Pela voz d'hum amigo, e da verdade,
 O docil coração, toda a minha alma
 Deixavão na maior perplexidade.

Fazia mil protestos de esquecer-me
 Deste amor infeliz, desta loucura,
 Desta cega paixão, que me guiava
 Os passos para o horror da sepultura.

Não pude, não, Belmira: o teu semblante,
 De humanos peitos barbaro inimigo,
 Triunfou dos protestos d'hum amante,
 Dos solidos conselhos d'hum amigo.

Conservou os funestos sentimentos,
 Que só se extinguiráõ co' a propria morte,
 Cevando a triste origem dos meus males
 Me vejo padecer da mesma sorte.

Bem queria, cruel, que hum só gemido,
Do afflicto peito nunca rebentasse,
Que o teu genio do estrago, que tem feito,
Já mais em tempo algum se gloriasse.

Porém as minhas forças breve espaço
Aos naturaes impulsos resistirão;
Quer na aldéa estivesse, quer no campo,
Dilatados suspiros se me ouvirão.

Tu mesma já chegaste a vêr o extremo
Aonde o infausto amor me tem levado;
He-te notorio o excéssos, que pratico,
Só para merecer o teu agrado.

— Estando a minha Lyra, ha muitos tempos,
No tronco de hum Salgueiro pendurada,
Para, tangendo nella, divertir-te,
A tenho novamente encordoada.

Mas que digo, Belmira! Inda que gostas
Ouvir formar Canções aos olhos teus,
Aborreces os Verços de Belmiro,
Tens-lhe hum odio mortal, por serem meus.

DOR-

Donde virá tão féra antipathia?
 De que procede esta aversão tyranna?
 Eu morrendo por ti, querer-te tanto,
 E tu sempre insensivel, deshumana!

Não festejas as tuas ovelhinhas,
 O rafeiro, que as guarda, e te he fiel?
 Não choras, quando vês doente alguma?
 E só has para mim de ser cruel!

Não tenho por ventura mais desvélo
 Em procurar os meios de agradar-te?
 Não corro os montes, não passeio os valles?
 Não te busco, meu Bem, em qualquer parte?

Ainda mesmo vendo, que me foges,
 Bem como a própria sombra, que procuro;
 Por ventura cancei nos meus extremos,
 Tens sentido este ardor menos seguro?

He verdade, que vivo de adorar-te;
 E igualmente he bem certo, que tens gosto,
 Em que á vista do teu desprezo injusto
 Cada vez mais, e mais murche o meu rosto.

O Leão deshumano, vendo o homem
Pedir prostrado a vida por piedade,
Revestindo as entranhas de grandeza,
Acalma a natural ferocidade.

Destes brutos aprende huma virtude
Tão digna de imitar-se: peço a vida,
Pouco te ha de custar o conservalla,
Cause-te horror o ser minha homicida.

Não te custa colméas, nem cordeiros
Dar-me alento, tornar-me venturoso:
Basta, Belmira amada, que tu mostres
O teu genio tyranno mais piedoso.

Seria ter injustas esperanças
Pertender, que fiel me idolatrasses;
Que para gloria minha outros Pastores,
Mais dignos de se amarem, desprezasses.

Não peço tanto, a tanto não me animo;
Pois inda alucinado bem conheço,
Que as broncas qualidades de Belmiro
Não merecem, Pastora, algum apreço.

Mas

Mas, quando por fortuna te encontrar,
 Não mostres, em me vendo, ter-me horror;
 Demora os olhos teus sobre os meus olhos,
 Enche de gosto o peito d'hum Pastor.

Se nos troncos dos alamos, que assombrão
 Estes campos, gravar, teu Nome amavel,
 Nos mudos caractéres não empregues
 A força do teu odio insaciavel.

Nem procures soprar infernaes zelos
 Para o peito, onde a tua Imagem vive;
 Poupa a dura afflicção, qual n'humta tarde
 Invejoso, e infeliz, ha pouco tive.

Serás todo o meu bem, os meus cuidados,
 Fiel te servirei por toda a vida,
 Não te custando mais tamanho extremo,
 Que o ser menos cruel, e desabrida.

Mas tu mudas de côr? Talvez, que estejas
 De me ouvir enfadada. Eu me retiro;
 Não permitta o destino, que mais tempo
 Te amofinem as vozes de Belmiro.

Des-

Desta sorte fallou : e succedêrão
A' fiel narração tantos gemidos,
E tantas tristes lagrimas corrêrão
Dos seus olhos pizados, denegridos,
Que, se as fêras crueis ao pé chegassem,
Talvez de compaixão tambem chorassem.

Não foi assim Belmira : promptamente
Deixa o Pastor afflicto, sem que ao menos
C'huma só vista consolallo intente.
Já mais tornou a vêr dias serenos,
Victima da paixão, e desprezado,
He Belmiro infeliz, e desgraçado.

A'

A' ELIZA.

SE os meus Versos, se os meus grosseiros (Versos
 São a producção terna
 Daquelles sentimentos, que me inspira
 O teu semblante amavel;

Se tu foste a primeira, que animaste
 O meu tímido Plectro;
 E se os teus bellos olhos me ensinarão
A desenhar Canções;

Tenho, Eliza, o direito mais sagrado
 De te consagrar hoje
 O triste fructo d'hum engenho pobre,
 Os meus languidos Versos.

Acceita este sincero sacrificio,
 Filho da Gratidão:
 Fica sendo o meu Nume Tutelar,
 Objecto dos meus Cantos.

Não

Não quero, q̃ por premio os verdes louros
Me guarneção a frente ;
Tão altos pensamentos não occupão
A idéa d'hum Pastor.

Nem cuido, q̃ o meu nome vai gravar-se
Junto ao Throno de Apollo :
Da froxa Lyra os sons desafinados
Não me elevão a tanto.

A tua approvação, Eliza amavel,
He só quanto pertendo ;
Se a chego a conseguir, eu não invejo
As Venturas do Mundo.

ELIZAIDA,
O U
AMOR VENCIDO.
CANTO I.

EU canto da invencivel Heroína
A gloria immortal, as armas fortes,
Com que alcançou o nome de Divina:
Não se verão pintadas fêas mortes
Nos meus Versos; mas hum valor subido,
Eliza triunfante, Amor vencido.

Musa, que tens aos genios mais sublimes
Celestes pensamentos inspirado,
Que no fecundo Espirito lhe inprimes
Porção da clara luz do Deos sagrado;
Cinge de verde Myrto a linda frente,
E ajuda-me a cantar, o que a alma sente.

Lon.

Longe de mim horrisonos tambores,
 Armados Esquadrões em viva guerra,
 Vozes gemendo, barbaros clamores,
 Entranhas palpitantes sobre a terra:
 Imagens de prazer, que a Graça inspira;
 Vinde unir-vos ao som da minha Lyra.

E tu, amavel Ninfa, illustre objecto
 Dos meus amantes Versos, menos dura
 Anda communicar a este projecto
 Do teu rosto a Divina formosura,
 E a approvar o meu canto audacioso
 Com hum sorriso terno, gracioso.

Junto da bella Mãi o Deos de Gnido
 Cuberto de Triunfos respirava:
 A aljava de ouro, o seu arco temido
 N'hum Faia pendente descanzava:
 Pensava-se feliz; pois tinha feito
 Todo o Universo ás suas Leis sujeito.

A illustre Cipria via satisfeita
 O triste captiveiro dos humanos;
 Que com fervor sagrado se respeita
 Do seu Filho os altares soberanos.
 Mil palidos amantes nos retiros
 Exalão roucos languidos suspiros. O

O brilhante Diadema, o Sceptro de ouro
 Rendem cultos a Amor; ardem Cidades,
 Consome se riquissimo thesouro;
 Fazem-se mortes perdem-se amizades;
 Continuamente fumão sacrificios
 Para alcançar d'Amor os beneficios.

O Guerreiro valente, costumado
 A passar peitos, a cortar entranhas,
 Similhante ao Dragão desesperado,
 A quem ferem nas asperas montanhas,
 He sensivel; acalma os seus furores,
 Chegando a vêr huns olhos matadores.

A aldéa solitaria não se izenta
 Do dominio d'Amor. Busca a espessura
 O saudoso Pastor; afficto intenta
 Gravar a sua triste desventura:
 Encosta-se ao cajado, geme chora
 A inconstancia da pérfida Pastora.

Porém junto do Doiro magestoso
 Huma Ninfa gentil não supportava
 As cadéas d'Amor: no venturoso
 Coração a Innocencia dominava:
 Bellos dias passando nos retiros,
 Não sabia a linguagem dos suspiros. En-

Então a Deosa via claramente,
Que Eliza, esta mortal, tinha escapado
Ao poder de seu Filho. Logo sente
O peito de vinganças penetrado;
E voltando se a Amor prompto a escutalla,
Dando hum terno suspiro, assim lhe falla:

Meu adorado Filho, que alegria
Não me causa o poder do teu Imperio!
Vejo, que ás Leis da tua Mornarquia
Respeitoso obedece este Hemisferio:
No sacro Olimpo as mesmas Divindades
Sentem dos teus farpões as crueldades.

Mil corações em ferros enleados
Arrastras ao teu carro triunfante;
Duros Arnezes, Elmos broqueados,
Nada resiste á setta penetrante,
Quando, o teu curvo arco disparando,
Pelos delgados áres vai silvando.

Eu mesma, bello Infante, que podéra
Viver livre dos teus pezados laços,
Não sei, que inquietação em mim se gera,
Se te aperto algũ tempo entre os meus braços.
Sou sensível, Amor, já o tens visto,
Ao teu poder eu mesma não resisto.

Mas vejo hum coração mais q̃ atrevido,
 Entregue a mil prazeres innocentes,
 Zombar do illustre Nome de Cupido:
 E só este entre todos os viventes,
 Não sentirá teus ferros vencedores,
 Insensível não morrerá d'amores?

Amado Filho, torna humilde escrava
 Eliza, altiva Ninfa, que te affronta;
 No duro peito sem piedade crava
 D'hum fino passador a aguda ponta;
 Soffra a rebelde nos mimosos braços
 De pezados grilhões eternos laços.

Acabou de dizer: e Amor, que cria
 Ser facil o ganhar esta victoria,
 Com desprezo da Ninfa, se surria:
 Lembrando então a sua illustre gloria,
 Os triunfos da idade já passada,
 Assim responde á sua Cipria amada:

Não te enchas de afflicção; verás depressa
 Nesse peito ao meu Nome hũ Téplo erguido;
 E juro completar esta promessa
 Pelo mesmo Cocito denegrido.
 Depois d'Eliza ser escrava, e amante,
 Espera aqui teu Filho triunfante. Dis-

Disse : e pondo ao seu lado o arco, e aljava,
 As Paixões, os Suspiros, e os Cuidados,
 Esta Esquadra temível se juntava.
 Seguido então dos seus bravos soldados,
 Batendo as loiras azas vigoroso,
 Vôa ás margens do Doiro delectoso.

Nestes Prados asylos da Ventura,
 Reinava então a Primavera grata :
 Hum contínuo tapete de verdura
 Pela vasta campina se dilata ;
 E não pequeno espaço vão banhando
 Fugitivos regatos serpentando.

\ Quando a fresca manhã vem, e annuncia
Os primeiros crepusculos da Aurora,
 Ao canto da saudosa Cotovia
 Desperta a gentilissima Pastora :
 Levanta-se, abre a rustica janella,
 E ligeira pentéa a trança bella.

Logo conduz o numeroso gado
 Para a relva da placida ribeira ;
 Alli mira o semblante retratado
 Em o espelho da onda lisongeira ;
 E vaidosa de o vér, cheia de gosto
 \ Co mesmo crystal banha o branco rosto.

Já se via a campina povoada,
 Os Almos de folhas revestidos:
 E dos bosques a musica alternada
 Tocava os peitos mais endurecidos.
 Os olhos, e os ouvidos desejosos,
 Se fartavão de objectos preciosos.

Os tímidos cordeiros inclinavão
 A languida cabeça, e a tenra hervinha,
 Sem levantar a frente, mastigavão.
 Junto a si a pacifica ovelhinha
 Trazia o charo filho, e este, pulando
 Sobre a relva, era visto andar brincando.

O feliz camponez ao collo duro
 Das loiras vaccas põe o torto arado;
 Na rustica sciencia já maduro
 Rasga o campo de flores matizado;
 Tudo anima ao trabalho deste dia
 Com gritos de prazer, e de alegria.

Ao som de concertados instrumentos,
 As Serranas mais bellas, do que o dia,
 Entoavão os seus contentamentos.
 Nestes sitios ditosos se entendia,
 Estando a vil discordia em ferros preza,
Louvarém os mortaes a Natureza. Só

Só n'hum bosque sombrio, solitario;
 De humana gente pouco frequentado,
 Belmiro, de hum destino sempre vario,
 Passava o tempo longe do seu gado.
 \ Mal attento á fortuna pouco estavel,
 Só procurava a solidão amavel.

Do dia as longas horas empregava
 Em distrahir o triste pensamento;
 Pois na féra lembrança, que occupava
 Tinha todo o poder o seu tormento.
 O sonoro cantar d'hum avesinha,
 Isto mesmo o enleava, o entretinha.

Muitas vezes sentado sobre a herva,
 Que rodéa o pacifico regato,
 Na onda clara distrahido observa
 Das arvores o trémulo retrato;
 Ou cheio de innocencia o peito sente
 \ O murmurio da placida corrente.

Então com este passa-tempo estava:
 Eis que Amor penetrando a espessa rama
 Aos olhos do Pastor se figurava:
 Assusta-se Belmiro, e a antiga chamma
 Ateando voraz hum prompto effeito,
 Faz suffocar com ancia o debil peito.

Cupido conheceo no mesmo instante
A oppressão, que lhe tinha motivado;
E affectando candura no semblante,
Com ár amavel, com risonho agrado,
Que faria enganar o mundo todo,
Ao triste Pastor falla deste modo:

Quando o Filho de Venus te procura
Para teu Nome ornar de illustre gloria;
Quando, cercado de immortal ventura,
Te quer levar ao Templo da Victoria;
Não, como em outro tempo, maniatado,
Mas, como Heróe, de louros coroado;

Então he que te affliges, que recéas
Do Deos d' Amor os ferros vencedores?
Tom a alento: de miseras cadéas
Náo venho carrega -e; altos favores
Farão a tua sorte affortunada,
Das mesmas Divindades invejada.

Hoje quero, que sirvas de instrumento,
De instrumento feliz ao meu combate;
Que o Dominio d' Amor, que o vencimento
Mais a hum peito rebelde se dilate;
Quero em fim, que aos impulsos da crueldade,
A altiva Eliza perca a liberdade.

Tom. II.

I

Fi-

Finalizou: e menos assustado
Belmiro, o louro Infante estava ouvindo;
Mas hum longo suspiro magoado
Do sempre triste peito despedindo,
E respirando então hum ár mais forte,
A Cupido responde desta sorte:

Maligno Deos, ainda, ainda pensas,
Que as tuas vãs promessas accredito?
Olha, Amor, semelhantes recompensas,
Nem as quero, nem d'ellas necessito;
Deixa-me em paz gozar do meu retiro,
Pois distante de ti feliz respiro.

Bem podes, quanto a mim, já ser contente
Dos males que me tens originado;
Pois no teu Templo ainda está pendente
O grilhão que já pude vêr quebrado.
Em fim tu não ignoras a fraqueza
D'hum Pastor pobre para tal empreza.

A Ninfa, que pertendes pôr sujeita
A' triste submissão dos seus Altares,
Fará no mesmo instante ser desfeita
A forçada prisão, que lhe deitares:
Truncando as tuas settas penetrantes,
Zombará de Cupido, como dantes. ①

O Deos Vendado impaciente ouvia
 Belmiro, que constante desprezava
 O triumpho immortal, que lhe offrecia.
 Suspira então, e, da formosa aljava
 Arrancando huma farpa bem depressa,
 Toma a falla ao Pastor, e assim começa:

Por este agudo passador te juro
 Fazer-lhe soffrer asperas cadéas,
 Tornando branda cêra o peito duro.
 E tu, cobarde, agora inda recéas
 Não ser de verdes louros coroados,
 Voando o Deos d'Amor junto ao teu lado?

Vamos, Belmiro, vamos diligentes
 Ganhar a tua mesma flicidade:
 Mil glorias, mil delicias innocentes
 Te prepara a famosa Heroicidade:
 Desta conquista o espolio precioso
 Ha de ser teu, e ficarás ditoso.

Aquelle coração, nunca atacado
 Por objectos mortaes, será sensível
 Aos transportes fieis do seu amado:
 Hum contínuo prazer inexhaurível,
 Causado pelo amor, teus bellos dias
 Encherá de triumphos, e alegrias.

Serás feliz, e unido em laço estreito
A' Ninfa mais amavel, mais formosa,
Em paz tranquilla em jubilo perfeito
Gozareis huma sorte venturosa.
Os meus tiros, os meus raivosos tiros
Não vos farão gemer roucos suspiros.

Acabou de dizer; e já sereno
Apparece o Pastor na triste face:
Não recéa, que o languido veneno,
Que a peçonha d' Amor a alma infestasse;
Nem perde hum só instante da memoria
Da amorosa conquista a illusre gloria.

Como aquelle, que sonhos mentirosos
Por vaticinios certos accredita,
Já pensando prazeres fabulosos
Se congratúla da futura dita;
O crédulo Posto nada reflecte,
Crê já feito, o que o impio lhe promette.

Não demora mais tempo esta ventura,
O rebanho conduz logo á cabana;
E sem temer voar a tanta altura,
Nem se quer hum receio o desengana.
Assim parte Belmiro desarmado,
No Deos d' Amor sómente confiado.

CANTO II.

A Candida Innocencia, que então era
 A Deosa Tutelar da Ninfa illustre,
 Já prevendo os principios, com que espera
 Ganhar á sua gloria hum novo lustre,
 Ao som de doce voz, não de tambores,
 Faz juntar os amaveis defensores.

Apenas dá signal, correm contentes
 Os Encantos, a languida ternura,
 O Pejo, o Riso, as Graças innocentes,
 A Modestia, e a invencivel Formosura:
 Junto da Deosa girão, como quando
Branças flores agita hum vento brando.

Cançada Lyra, hum pouco mais te afina,
 Pois as acções fieis, que agora canto,
 São dignas d' huma Cythara Divina.
 E vós, Filhas d' Apollo, que amo tanto,
 Ide alegres meu Estro conduzindo,
 Té os frescos bosques do elevado Pindo.

A Deosa já levanta o Sceptro d' oiro,
 Silencio impõe: c' os olhos scyntilantes,
 D' hum triumpho immortal feliz agoiro,
 A liada esquadra vaga alguns instantes:
 Toma em fim novo ar de Sob'rania,
 Sobre o Throno se assenta, e principia:

He hoje o dia, em que hei de vêr desfeito
 O valor indiscreto d' hum Tyranno,
 Que mil vezes me tem cravado o peito.
 Hoje mesmo o severo Desengano
 Fará vêr claramente ao Deos Vendado
 A fraqueza do seu farpão hervado.

Esta Filha adoravel que tem sido
 Desde a mais tenra idade o meu desvello,
 Zombará das cadéas de Cupido,
 Com o soccorro nosso ha de vencello:
 Os verdes loiros, que atrevido aprompta
 Se lhe hão de converter em vil affronta.

Feridos corações estão clamando
Contra o cruel Amor cega vingança;
No tempo, que em meu seio hião gozando
Da liberdade a bemaventurança,
Insensível aos meus ternos clamores
Empregou nelles fero os seus rigores.

Quantas vezes deixdu atropelados
A vós mesmos? E quantas corrompendo
Os corações, que me erão consagrados,
Os fez brámir no seu dominio horrendo?
Escutái, e ouvireis... tristes idéas!
O rouco som das asperas cadéas.

O louco Amor, o louco não contente
De vêr cheios de sangtte os seus altares,
N'hum só peito, que os meus prazeres sente
Quer plantar as desgraças, e os pezares.
Insensato as algemas já prepara
Para os pulsos da minha Eliza chara

Porém quanto se enganá! Defendida
Peio nosso valor, sobre o Tyranno
Dictará Leis a Ninfa esclarecida:
O casto seio, o peito soberano
Ha de ser hum rochedo impenetravel
Aos tiros do seu arco formidavel. Va-

Vamos pois esperar este inimigo ;
 Vamos fazer , que tema a nossa vista ,
 A vêr se a hum só Pastor , ao seu abrigo ,
 He facil o ganhar huma conquista ;
 Vamos em fim guiados pela gloria ,
 Os fructos recolher d'huma victoria ,

Finalizou : e a Tropa graciosa ,
 Bem como finas settas impellidas
 Pela força da corda vigorosa ,
 Procura a linda Eliza. Despedidas
 Em prompto as ordens são : o signal sôa ,
 E cada qual o seu lugar povôa.

Primeiramente a languida Ternura
 Na vista de seus olhos penetrantes
 Com a grave modestia se mistura.
 O casto Pejo em rapid s instantes
 Extende huma cortina preciosa ,
 Que faz mais bella a face côr de rosa.

Reluzindo nos beijos encarnados
 O alegre Rizo fica : ao branco s'io
 Já voão os encantos apressados ;
 O mais formoso d'estes sem receio
 Medita a gloria de a tão doce abrigo ,
 Abater a soberba do inimigo. As

As outras lindas Graças voltejando,
 Sem nunca descançar hum só momento,
 Andão cheias de gosto acompanhando
 D'Eliza o mais pequeno movimento.
 Da Formosura o raio diamantino,
 A tudo junta o seu poder Divino.

Ultimamente a Deosa Bemfeitora,
 Que a bellissima Ninfa protegia,
 Do casto coração se faz senhora,
 E nelle firma a augusta sob'rania;
 Qual destro General, que na batalha
 Despede as ordens, e o perigo atalha.

Assim armada estava a nobre Eliza;
 Quando Amor nada menos descuidado
 Nos olhos de Belmiro se diviza.
 Trazia o ferreo arco já apontado
 E junto a si voavão Confusões,
 Enganos, Melancolicas Paixões.

Apenas a avistou, fica, repára,
 Reflecte na invencivel gentileza;
 Já então o triunfo lhe largára
 Se não fora mostrar grande fraqueza.
 Suffocado gemido Amor exhala,
 E o seu pobre Pastor anima, e falla:

Diante de ti vês, Belmiro amado,
 A victima rebelde, que destino
 Para gloria do meu poder sagrado.
 Diante de ti vês o diamantino
 Coração, que insensivel aos suspiros,
 Nunca soffreo os meus raivosos tiros.

Gozando sempre a amavel liberdade
 Pertendia zombar das leis severas,
 Que os peitos taes impõe a crueldade.
 Divindades, mortaes, as mesmas feras,
 Que a sombria floresta nutre, e cria,
 Conhecem, que ha piedade, e tyrannia.

E acaso tem diversos sentimentos?
 Quererá ser izenta por ser bella?
 Ah! que tão temerarios pensamentos
 Em rapidos instantes fujão d'ella!
 E que em signal eu veja em prompto feito
 Ao Deos d'Amor hum Templo no seu peito.

Porém quero primeiro, que a Brandura
 Marche a poupar o estrago dos meus tiros:
 Vai, falla-lhe, persuade, e com ternura
 Exhala tristes languidos suspiros;
 E seja a narração da tua historia
 A cadéa, que a arrastre á falsa gloria.

Mas tu perdes a côr? Cobarde! Elege
 Alcançar deste modo huma conquista:
 E armado pelo Deos, que te protege,
 Coração haverá, que te resista?
 Serão as tuas vozes semelhantes
 A's minhas finas settas penetrantes.

Porém, se desprezar d' Amor o mando,
 Ninfa cruel, então do peito infame
 Verás fumante sangue espadanando:
 Por mais, que a desgraçada chore, e clame,
 Surdos sempre estarão os meus ouvidos
 Ao inutil clamor dos seus gemidos.

Em quanto o formidavel Deos de Gnido
 Com o rosto abrazado assim fallava,
 Em temores deixando submergido
 O pobre coração, que o escutava,
 Da outra parte, a Deosa augusta, e forte,
 Dispõe, anima, e falla desta sorte:

Filha amavel, o Ceo te tem creado:
 Para minha delicia: ignoras,
 Que objecto sempre foi do meu cuidado
 As tuas perfeições encantadoras;
 E tenho conservado (que ventura!)
 Illeza a tua rara formosura. O

O temivel poder do mundo infame
Pertendeo arrancar-te do meu seio ;
Mas ainda agora enraivado brame
De confusão , de triste inveja cheio ;
Diante de ti palido se assusta ,
Já não profana a tua gloria augusta.

Tu sabes , que te adoro , e que te estimo ,
Que desde a tenra infancia nos meus braços
Tem desfrutado da Ventura o mimo :
Mas hoje temo , que os astutos laços
Do impio Amor , do Deos da crueldade ,
Perturbem tão serena flicidade.

Este Pastor , que vês , e lentamente
Caminha para ti , no indigno seio
Enxarca vís enganos ; he a Serpente ,
He o Aspid venenoso , que receio ;
Amor o acompanha desejoso
De conquistar hum peito venturoso.

Ah ! foge , amada Eliza , foge , foge
De ser ás suas lagrimas sensivel :
Escuta sem piedade , que Amor hoje
Quanto mais disfarçado , mais temivel ,
E se serve de golpe bem pequeno
Para filtrar mortifero veneno. A'

A' sua narração sempre sévera
D' elle triunfarás : cruel , e dura
A tudo , que pedir , ó Ninfa , espéra
Vêr respeitada a tua formosura ;
Mas se pelos seus ais tu és ferida ,
(Feliz Amor !) então estou perdida.

Porém eu não receio esta desgraça ,
Indifferente ouvirás os seus clamores ;
Verás então , que todo o mundo traça
Ao teu valor illustre mil louvores ,
E que os peitos , ainda os mais incultos ,
Te erigem Templos , te consagrão cultos.

Disse : e a formosa Ninfa , que a escutava ,
Faz despedir dos olhos scintilantes
Os raios do heroismo , que a animava :
As bellas perfeições torna brilhantes ,
E qual Anjo do Ceo vencer podia ,
Não hum peito , a mais forte Sob'rania.

Neste tempo Belmiro desgraçado
Junto estava , bem como o criminoso
Misero réo , que vai ser devorado
Pela impiedade do Leão raivoso :
Ou assim como o timido cordeiro
Vendo o faminto lobo carniceiro. Dei-

Deita a vista mortal ao lindo rosto ,
 Imagem de Celeste Divindade ,
 E immovel , transportado fica posto
 Sem ter a mais pequena liberdade :
 Chama-lhe Amor cobarde , envolto em ira ,
 O Pastor torna a si , geme , suspira .

Eliza o olha , e o tímido embaraço ,
 Que espalhado no rosto lhe observou ,
 A fez deter mais hum ligeiro espaço :
 Isto mesmo o conforta , e o animou ;
 Dá primeiro hum suspiro com transporte ,
 E rompeo o silencio desta sorte :

O' Ninfa encantadora , por piedade
 Escuta o meu amor : attende . . attende . .
 Mas ai de mim cruel temeridade !
 O fogo , em que me abraço , mais se accende ,
 Eu te amo . . tu sévera . . tu esquiva !
 Ah ! sê , amada Ninfa , compasiva .

Mal tinha a fraca voz balbuciente
 Do Pastor infeliz principiado ,
 Quando a formosa Eliza de repente
 De pacifico torna o rosto irado :
 D' Amor o nome apenas entendeo ;
 Pela Deosa animada o interrompeo :

Occulta , indigno , occulta sentimentos ,
 Que offende m nha doce liberdade :
 Nem quides , que os teus miseros tormentos
 N' hum peito izento nutrem a piedade.
 Amor ? Ser eu sensivel ? Que loucura !
 Contra o Tyranno odio Eliza jura.

Mais tempo o Deos de Gnido não supporta
 Tão vergonhosa , tão cruel affronta ;
 Enraivado o flexivel arco enforta ,
 E hum setta lhe põe de aguda ponta.
 Morra , grita Cupido entre furões ,
 Aos golpes dos meus ferros vingadores.

A Deosa , que até alli tinha occultado
 Da bella augusta face a Magestade ,
 Faz sentir ao tyranno Deos vendado
 Do seu poder a forte actividade.
 Suspende os teus projectos , atrevido ,
 Clama a Innocencia , que serás vencido.

O écco do trovão , que de repente
 Rulla incendidos raios fuzilando ,
 E neste tempo encontra tão sómente
 Hum Pastor a montanha atravessando ,
 Menos susto faria ao caminhante ,
 Que á Amor a voz da Deosa triunfante.

Tremem-lhe as brancas mãos, na fria terra
Deixa cahir as armas, e corrido
Aos ares monta, foge a illustre guerra.
Belmiro sem ventura, já vencido,
Por imperio da nova Soberana
Torna a buscar a patria cabana.

Do verde loiro a C'rôa se prepára :
Os despojos d' Amor são enleados
Ao carro do Triunfo : e logo para
Maior gloria taes feitos são cantados.
Assim cada vez mais se immortaliza
O Nome illustre da formosa Eliza.

CAN-

CANTO III.

DA Idalia os frescos bosques retinião
 Com os sentidos ais da Deosa afflicta :
 Ira , vinganças , negra raiva ardião
 Nos fulminantes olhos : já medita
 Vêr o orgulho d' Eliza combatido ,
 Pois sabia , que Amor era vencido.

Aos terriveis transportes toda entregue ,
 Vagava d' hum retiro a outro retiro ,
 Sem encontrar objecto , que a socegue :
 Porém ao som tocante d' hum suspiro ,
 Fica suspensa , o peito lhe estremece ,
 Deita os olhos , reflecte , Amor conhece.

Mas que mudança! Aquelle, que algum dia
 Os formidaveis Hercules domava ,
 E os discretos Ulisses confundia ,
 Desarmado sem arco , sem aljava ,
 Sem divisa da antiga Divindade
 Causava sentimentos de piedade.

Tom. II.

K

Sen-

Sentado juuto a hum Platano frondoso
 Estava Amor: o rosto desmaiado,
 Envolto em triste pranto copioso,
 Tinha sobre os joelhos reclinado;
 E quando a afflicção mais o opprimia
 Levantava o semblante, e então gemia.

Venus corre ligeira ao charo Infante,
 Recebe-o nos seus braços com ternura,
 Beija-lhe a murcha face, curto instante
 Guarda silencio a Deosa; e a Formosura
 Vindo co' as bellas Graças adornalla,
 Torna a beijar Amor, e assim lhe falla:

Haja valor, ó Filho, enxuga o pranto,
 Que vitupéra a tua Sob'rania;
 Se hoje a féa desgraça pôde tanto,
 Zombaremos da sua tyrannia.
 Ah! que a infame; que causa taes pezares
 Mil suspiros exale em teus Altares.

Do luminoso Olimpo as Divindades
 Vem a fraca mortal co' indignação;
 Destinão-lhe funesta crueldades
 Para domar soberbo coração;
 Na çafra já os farpões envenenados
 Cujos Brontes caldéão apressados.

Minha Mãi, disse Amor d'ado hũ gemido,
 Quem poderá vencer huma belleza,
 Que ao mesmo Deos d'Amor já tem vencido?
 Em duros ferros fica huma alma preza,
 Apenas do seu rosto encantador...
 Mas que penso? Em que fallo? pobre Amor!

Quando a tua culpavel cobardia,
 Venus o interrompeo, causa piedade!
 Indigno Filho, evita a luz do dia,
 Sepulta-te na eterna escuridade:
 Que tão vil, tão infame sentimento
 Se lance ao vasto mar do esquecimento.

Pertendes por ventura, que o teu Templo
 Seja a odiosa Ninfa consagrado?
 Que amantes suspirando ao teu exemplo
 O seu dominio fação dilatado?
 Que nos seus ferros todo o mundo chore,
 Que, em lugar de Cupido, Eliza adore?

Cobarde Filho, fuge dos meus braços,
 Não quero já vêr mais o teu semblante:
 Suspira embora nos doirados laços
 D'huma Ninfa, dos Deoses triunfante:
 Não aborreças, ama estremecido
 Aquelle coração, que te ha vencido.

K 2

No

No mesmo instante a Deosa furiosa
Pertende retirar-se; Amor a impede:
E beijando-lhe a face côr de rosa,
Do terno peito ardentes ais despede:
Minha Mãi, não me deixeis desta sorte,
Lhe diz; pois he melhor soffrer a morte.

Desde já quero em tudo cegamente
O teu gosto seguir, seja o que for:
Não sou cobarde, ainda, ainda sente
Estimulos de gloria o Deos d' Amor:
No meu peito o valor já se dilata,
Que hoje mesmo se vença Eliza ingrata.

A linda Venus fica socegada,
Serena a tempestade, que a agitava;
E o charo Filho, a sua prenda amada
Novamente nos braços apertava:
Vamos, Amor, diz ella, que depressa
Farei, que a tua gloria convaleça.

Então principiava o noite escura
A estender no Universo o pardo manto:
Dos intrincados ramos da espessura
Soltava a Filomella o triste canto:
Já se escondia o cume da alta serra,
Já reinava o silencio sobre a terra.

Cupido , e Cipria vôão de repente
Ao sombrio Palacio , onde assiste ,
Em quanto brilha o Sol , hum Deos potente ;
As suas aventuras contra triste ,
E depois de vinganças lhe inspirar ,
Deste modo lhe acaba de fallar :

Em fim , charo Morfeo , a ti pertence
Resgatar de meu filho a honra , a fama ;
Hum peito has de vencer , q̃ Amor não vence,
Só tu lhe atearás a voraz chamma.
Vai , Cupido te siga , e que façais
Suspirar a tyrannia inuteis ais.

Disse : e logo Morfeo junta apressado
Alegres sonhos , sonhos vencedores :
Já deseja em esperanças engolfado
Ouvir cantar no mundo os seus louvores :
A Amor com novas farpas , e arco armárão ,
Que nas Vulcaneas çafras se forjárão.

Fica a Deosa na Idalia cuidadosa ,
Ora triste , ora cheia de alegria ;
Certa humas vezes , outras duvidosa
De a quem a instavel sorte abaçeria.
Os dous Conquistadores neste instante
Chegão junto d' Eliza triunfante.

Morfeo, as moles azas alargando
 Sobre os olhos da Ninfa encantadora,
 Lhe faz sentir hum somno doce, e brando:
 Aos sonhos volta o rosto: Eia, agora,
 Lhes diz elle, está certa huma victoria,
 Começai a traçar a minha gloria.

\ Eis que rapidamente se figura
 Aos olhos da incançavel fantazia
 Campiñas matizadas de verdura,
 Das flores mais gentís, que a terra cria.
 Pensava Eliza, que erão estes prados
 A habitação dos Bemaventurados.

Copados grossos Freixos rodeavão
Os quiméricos campos: d'altos montes
Mansamente cahindo murmuravão
Por entre verde musgo claras fontes;
 Vião-se mil galantes romãzeiras,
 Medronheiros, doiradas lorangeiras.

Sobre a relva ternissimos amantes
 Hymnos d'Amor estavam recitando;
 Em torno dos pacíficos semblantes
 Se vião mil Prazeres voltejando.
 Algum brando suspiro alli se ouvia,
 \ Que inspirava a Ternura, e a Alegria.

Innocentes Pastoras graciosas
 Apanhavão do prado lindas flores,
 E grinaldas tecião cuidadosas
 Para as testas ornar aos seus Pastores.
 Outros entre estreitissimos abraços
 Apertavão d' Amor os doces laços.

Eliza desejava procurarava
 Achar huma pessoa, que a instruisse
 Da estranha novidade, que observava.
 Eis que hum homem de languida velhice,
 Apoiado a hum bordão, calvo na testa,
 Chegou, e a sua prática foi esta:

Eu sei, ó Filha, o timido embaraço,
 Em que estás nesta habitação sagrada:
 Mas aqui da desgraça o forte braço
 Não tem algum poder, Paz adorada,
 Prazeres innocentes, vós reinais
 Sobre estes felicissimos montes.

Tu vês brilhar em todos os semblantes
 Satisfações, transportes, alegrias:
 Os annos, que aqui correm são instantes,
 Seclos inteiros par'berião dias.
 Tanto póde conosco, Eliza amada,
 Huma sorte feliz, e affortunada!

São estes pois os campos venturosos,
Onde reina o Amor. Genios tyrannos,
Da gloria dos amantes invejosos,
Lhes fazem crêr, que Amor só causa damnos.
Mas tu vês o contrario, tu bem sentes,
Que, os que chegão a amar vivem contentes.

Com silencio marchava a nobre Eliza
Em todos os objectos reparando,
Té que hum Pastor ao longe então diviza
Melancolico, triste, suspirando.
Ah! que he isto? Assustada a Ninfa grita,
Aqui tambem se encontra gente afflicta?

Sim, ó Ninfa, esse mesmo, que se escuta
Exhalar ais piedosos com ternura,
Entre todos, que vês, só elle lucha
Contra a sua funesta desventura.
He Belmiro, hum Pastor, a quem a sorte,
Lhe pôz na tua mão a vida, e a morte.

O Deos d' Amor mil vezes offrecido
Lhe tem quem recompense o seu affecto;
Mas, pelas tuas perfeições rendido,
Facilmente não muda de projecto:
Tem jurado adorar Eliza bella,
Ser-lhe fiel, até morrer por ella.

Ora he justo, que faças venturoso
Hum triste coração, que tanto te ama:
Amor cheio de gosto, carinhoso
Vos convida aos prazeres, e vos chama:
Eliza, amada Filha, apressa os passos,
Ide alegres urdir eternos laços.

Em quanto a illustre Ninfa reparava
No Belmiro, que os sonhos lhe mostravão,
Huma setta arrancando Amor da aljava
Com o outro Nume o arco aparelhavão.
Ai de mim! quanto he linda, quanto he bella,
Diz Cupido, quem poderá vencella!

Chega-se Amor ao seio côr de neve,
Que hum volante finissimo cubria:
Abrazado em paixão louco se attreve
Nelle provar a sua tyrannia.
Encurva o arco, nada mais repára,
Em prompto a aguda farpa se dispára.

Qual immovel rochedo abate forte
Da onda impetuosa bramidora
O repetido implacavel corte;
Assim a illustre Ninfa vencedora:
Sem se romperem de Morfeo os laços,
A setta cahe partida em tres pedaços.

Amor gritou : e a Deosa , que dormia
 No coração da sua Eliza amada ,
 Ao ternissimo , e afflicto som , que ouvia ,
 Acordou de temores penetrada.
 A Innocencia reflecte ; e o Deos de Gnido
 Aos pés da nobre Eliza vê rendido.

Desperta-te , adoravel Heroína ,
 Exclamou a Innocencia , sente a gloria
 De alcançar sem a protecção Divina
 Das mãos do mesmo Amor clara victoria.
 Elle aqui jaz prostrado , que ventura !
 Dando cultos á tua Formosura.

Mal os formosos olhos se lhe abríão ,
 Pardo Morteo , e os sonhos mentirosos
 Para a nocturna habitação fugirão :
 Acabai pensamentos monstruosos ,
 Disse Eliza , não mais vinde opprimir-me ;
 Pois ninguem vencerá meu peito firme.

E tu , cobarde Amor , que os duros ferros ,
 Os tyrannos grilhões me preparavas ,
 Conhece agora os teus culpaveis erros ,
 Se a tudo superior te imaginavas ;
 Conhece , que não ha neste Hemisphério ,
 Quem de véras respeite o teu Imperio.

A linda Eliza, e a candida Innocencia
 Marcharão logo para o Templo augusto.
 Segue-os Amor, chorando com vehemencia,
 Desmaiado, a tremer, cheio de susto:
 Mal chegarão, a Deosa triunfante
 Se foi sentar n' hum Throno de diamante.

Tomando a illustre Ninfa igual assento,
 Que estava ao pé da Deosa levantado,
 Fez este indissolúvel juramento
 D' hum Divino transporte acompanhado:
Eu juro em teus Altares, Deosa amavel,
Contra Cupido hum odio insaciavel.

Esta firme promessa se insculpio
 N' huma columna d' oiro: Amor bramindo,
 E enleado em grilhões d' alli fugio,
 Huma tão vergonhosa affronta ouvindo.
 Ninfas, Pastores, todos se juntarão,
 Canticos de triumpho resoarão.

O pobre Amor não quer envergonhado
 Ir ter com Cytheréa, que o esperava:
 Belmiro procurou, que, retirado
 No seu albergue humilde, suspirava.
 Alli pois da desgraça perseguido,
 No seu peito se esconde Amor vencido.

O D E.

O' Lyra, amada Lyra,
 Que mil vezes acompanhavas dócil
 As expressões singélas,
 Que dictava a Ternura, e a Amizade;

Aprende hum novo estylo:
 De cedros enramada, e de amaranto,
 Entóa tristes sons,
 Proprios do canto, q os meus Versos fórmão.

Ajuda-me a expressar
 A viva dôr, que me devóra o peito,
 Anda unir-te aos gemidos,
 Que errantes vôão sobre o fatal sepulchro.

Aquelle raro assombro
 De belleza, e de encantos, que algum tempo
 O meu Estro anima,
 Dando huma nova força aos teus accentos;
 Pos-

Posto que já roubado
No melhor dos seus dias a nós mesmos
Seja ainda objecto amavel
Das nossas innocentes distracções.

Se a tosca fria pedra
Esconde para sempre as charas cinzas
Da formosa Pastora,
Que fazia a ventura dos Belmiros;

Sobre esta mesma campa
Lagrimas chovão dos meus tristes olhos,
Em quanto as cordas firo,
Em quanto sóão meus sentidos Versos.

Ao seio do descanso,
Onde reina a Virtude, e Eliza.. Eliza..
A bella Eliza mora,
Cheguem vozes, que a Gratidão alenta.

Já que á sua memoria,
De marmore polido não podemos
Alçar hum Mausoleo,
Que presistindo zombe das idades;

Tu

Tu formando sons *tristes*,
Dignos do charo objecto a nós roubado,
E eu repetindo Versos,
Formados pela dôr, pela saudade;

Honremos humas cinzas,
Que animadas sopravão mil virtudes,
E agora inda nos dictão
Proveitosas lições de Desengano.

O D E ~~/~~

A Morte, a inexoravel Morte alcanço
O braço descarnado,
Tudo vai derrubando,
Abrange o fatal golpe a todo o Estado:
Sceptros, C'róas, Tiaras põe por terra,
Nada lhe escapa, do que o mundo encerra.

Fere sem distincção : os fios corta
A' mais preciosa vida:
Tem sempre a fouce torta,
No quente sangue dos mortaes tingida;
Nem sequer lhe repára o golpe rude
O escudo impenetravel da Virtude.

Respeitaveis Heróes , que a Patria adora,
No fim c'os mais mistura;
E céga executora
A todos cava a mesma sepultura,
Sem lhe suster os passos atrevidos
O triste som das ancias , dos gemidos.

Temivel documento hoje apurado
Na perda, que sentimos!
Inda ha pouco cercado
De applausos, e de gloria hum Heróe vimos,
Que o fogo da incauta mocidade
Praticou as acções de mais piedade.

Só por servir a Patria atravessando
Os empolados máres,
Generoso deixando
A grandeza da Côrte, os doces Láres,
Eterniza no Clima Americano,
C'o seu Governo o Nome Lusitano.

Em toda a parte Pai de afflictos pobres,
Mal gemer os ouvia,
Suas entranhas nobres,
Seu coração piedoso os soccorria.
Sem apêgo ao valor do metal loiro,
Dispendendo-o juntava o seu thesoiro.

Virtuoso Heroismo! Oh quem podéra
Gozar-te eternamente!
Mas já a mão sevéra
Da Parca inexoravel tambem sente:
O alto Espirito o corpo não soccorre,
He chegado o momento: espira, morre.

Do metal gemedor a voz sonora
 Nas altas torres sóa;
 Inconsolavel chora

A sua perda a miseria Lisboa:

O justo Rei a falta lamentava

D' hum Vassallo fiel, que tanto amava.

A pobreza desmaia suffocada
 Perdendo o claro amigo;
 Lamenta angustiada

A morte do seu Pai, do seu abrigo:
 Nos tristes rostos vê-se a dôr, o espanto,
 Os soluços, as lagrimas, o pranto.

Acompanhão sinceros ais sentidos
 O cadaver defunto;
 Ouvem-se repetidos
 Seus raros dotes d' esta mágoa assumpto;
 Que forão sempre as vozes derradeiras,
 Da Virtude, ou do Vicio pregoeiras.

Ah! já não vemos o Heróe famoso
 Só a si mesmo igual!
 Ao desejo saudoso

O guarda occulto a Urna sepulchral;
 Quando a Alma feliz vôa gostosa
 A ver do Eterno a face magestosa.

Tom. II.

L

Não

Não do triste Cypreste, ou de Amarantho
Ramos em torno espalhão,
Nem de vaidoso canto
Sobre o marmore duro os signaes talhão;
Consagrão ternos votos de saudade
A' sua virtuosa Heroicidade.

Tal he o grande bem, a augusta gloria
Dos virtuosos Varões.
Vive illesa a memoria
Das bellas, das magnificas acções,
Sem que possa abatella o tempo, a sorte:
He o que escapa ao poder da Morte.

ODE

O D E.

COm repassados ferros
Estando prezo a monstruoso Vicio,
Vão acabando os seus infames erros,
Vê certo o precipicio.

Debalde forcejando
Nos olhos mostra mil signaes afflictos,
Com raiva se esbraveja, e está soltando
Desesperados gritos.

Mas vendo neste dia
Voarem até o Ceo glorias tamanhas,
Suffoca a negra dôr tanta agonia
Nas ferinas entranhas.

Seu collo denegrido
Medrosamente hum pouco levantando,
Entende o Patrio Doiro agradecido
Ternos Hymnos cantando.

Ouve a santa Verdade,
Com a casta Virtude a voz unindo,
E acções, que dicta a sólida Piedade,
Alegres repetindo.

Mas apênas escuta
O Nome de Mendoça esclarecido,
Entre os grilhões pezados brame, lucta
O monstro embravecido.

De novo se lhe engrossa
A torrente de dôr, e de agonia,
Té que desmaia, sem que ouvir já possa
A gloria deste dia.

ODE

O D E.

MInha Musa, voemos
 Sobre as margens do Tamega ditoso: ✕
 Alegres temperemos
 O Plectro harmonioso.

(A Arcádia inda nascente,
 A quem o sacro Apollo inspira, e inflamma,
 Nos escuta contente,
 Por nós affavel chama.

Cytheréa Divina,
 A sua illustre Chéfe, o seu thesoiro,
 Capella nos destina
 Do cresco verde Loiro.

Ora os olhos movendo
 Com graça, com nobreza, e com ternura,
 Ora desenvolvendo
 A natural candura;

Di-

Divino fogo atéa
A's mesmas penhas rusticas salvagens;
Mil encantos seméa
Nestas ditosas margens.

No dia, em que apparece,
Bem como a linda Deosa dos amores,
Reanima, embellece
As delicadas flores.

Quando passéa os prados,
Levando Amor pousado no seu peito,
Os alamos copados
Se curvão com respeito.

A féra ingrata Rosa,
Prostrando-se aos seus pés pelos caminhos,
Encolhe respeitosa
Os agudos espinhos.

Não falta ao seu dever
A insipida Perpetua, a quem os Numes
Recusão conceder
Agradaveis perfumes.

Mas

Mas feliz se noméa,
 No Templo da Ventura se eterniza,
 Se a illustre Cytheréa
 As suas folhas piza.

O Tamega se esquece
 De procurar o Doiro arrebatado,
 Mal a Deosa embellece
 As aréas, e o prado.

Os muges saltadores
 O véo rompendo da véa crystalina,
 Por vêrem dos amores
 A Chéfe peregrina.

Todos desejão vélla;
 Invejas faz nascer á mesma Idalia;
 E certamente he ella
 A gloria d'esta Arcadia.

Que Divino alvorço
 Ao pé de Cytheréa gozaremos?
 Esperar mais não posso,
 Minha Musa, voêmos.

O D E I.

DOs seus cabellos
Annalia hum dia
Ruim, e travêça
Laços fazia.

Com subtileza
Destra os armava,
A vêr, se nelles
Algum caçava.

Logo Belmiro
Infelizmente
Toca a silada,
Prezo se sente.

Qual parda Rôla,
Que a rede immalha,
Sacode as azas,
E mais se entralha:

As

Assim o pobre
 Lucta, forceje,
 Para que rôta
 A prizão seja.

Mas conhecendo,
 Quanto se enlaça,
 Suspira, e chora
 Sua desgraça.

Despreza Annalia
 Sua dôr forte;
 Batendo as palmas,
 Diz com transporte:

“Que gloria! Eu vejo
 Já hum Pastor
 Nos meus cabellos
 Prezo d’Amor.”

O D E II.

Grossas correntes
De bronze duro
Soffrer, Annalia,
Constante juro.

De frio gêlo
Cruéis rigores,
Abafadiços
Quentes calores.

Toda huma noite
Eu velarei,
Mezes inteiros
Te servirei.

De pó cuberto
O magro rosto
Trarei na lucta
Por te dar gosto.

Soffrerei isto,
E mais tambem,
Com tanto que
Me queiras bem.

O D E III.

O Passarinho,
Que alegre canta
Sobre a vergonta
Daquella planta;

Com seus gorgeios
Melodiosos
Os peitos tristes
Torna ditosos.

Faz esquecer
Horas, e horas
Cruéis canceiras
Consumidoras.

Ah!

Ah! como afina
Doces Canções,
Que variadas
Modulações!

Para melhor
Ouvir cantar
Mais ao pé delle
Vou-me assentar.

Que desventura!
Já me sentio;
Sobresaltado
Cruel fugio.

O D E IV.

O Uvi, ó Ninfas,
Sabei, Pastores,
Que a linda Annalia
He os meus amores.

Com

Com grilhões de oiro
Prezo me tem;
Por ella moito,
Ella he o meu Bem.

Já não procuro
Triste retiro;
Só, não a vendo,
Choro, suspiro.

Como a ovelhinha
Das mais perdida
De monte em monte
Corre sentida;

Assim afflicto
Nunca descanso,
Só junto á Annalia
Allivio alcanço.

Seus olhos bellos
Graças volvendo,
Doces segredos
Me estão dizendo.

Do

Do amavel rosto
 A compostura
 He viva imagem
 Da Formosura.

De mil encantos
 Ella he hum thesoiro;
 Ella he a mais bella
 Do nosso Doiro.

O D E V.

SE de vassallos
 Fora Senhor,
 Em vez de humilde
 Pobre Pastor;

Se eu apertára
 Sceptro doirado
 Da mesma sorte,
 Que este cajado;

Se em rica tella ,
Que me adornasse
O burel pardo
Se transformasse ;

Se me cingira
Corôa de oiro ,
Em vez de crespo
Virente Loiro ;

Se a immenso povo
Eu dêsse Lei ,
E finalmente
Se fora Rei ;

Eliza amada ,
Pastora minha ,
Tu certamente
Eras Rainha.

ODE

O D E VI.

Volento mal
Accommetteo
Huma das Graças,
De que morreo.

As outras duas,
Tristes ficarão,
E ao alto Olimpo
Logo voarão.

Entre suspiros,
Que enternecião
A morta Irmã
Ambas pedião.

O Pai dos Deoses
As escutou,
E finalmente
Assim fallou :



« A' vossa dôr
» Não sei, que faça,
» Busco, ó Filhas,
» Huma outra Graça.

« Seja por vós
» Eleita aquella,
» Que entre os mortaes
» For a mais bella. »

O mundo todo
Ellas corrêrão;
E a minha Eliza
Foi, que elegêrão.

O D E VII.

JA' o Sol deixava
A bronca serra,
E a parda noite
Cubria a terra;

Quando seis anhos,
Que apenas tinha
Para a cabana
Tangendo vinha.

Eis-que n'hum sitio,
Por que passava,
Amor tremendo
Com frio estava.

Junto a hum penedo,
Pobre, nuzinho,
Causava mágoa
Vello sózinho.

Logo doído
De assim o vêr,
Chegando ao pé
Entro a dizer:

Não tens receio,
Pequeno amor,
Que te moleste
Alguma dôr?

Começa a' noite
Logo a gelar ;
E como podes
Aqui ficar ?

Não sejas louco ,
Faze , o que digo ,
Anda , busquemos
Melhor abrigo .

Ai , meu Belmiro ,
(Amor responde)
Buscar abrigo ?
Dize-me , aonde ?

Os mortaes todos ,
Que me aborrecem ,
De mim já não
Se compadecem .

Odioso me jura
O seu furor :
Quanto estimarão
Perder Amor !

M 2

Se

Se nada ignoro,
Se tudo sei,
Como agazalho
Encontrarei?

Ah! bello Nume,
(Então lhe digo)
Belmito anda
He teu amigo.

Sincera offerta
Agora abraça,
Neste meu peito
A noite passa.

Pega nas armas,
Filho innocente,
Vôa me ao collo
Anda contente.”

Mal ao meu peito
Se tinha unido,
Logo estremece
O Deos de Gnido.

Dei-

Deita-se ao chão,
 Grita: “ Soccorro:
 ” Agora sim,
 ” Agora morro. ”

Que he isto, Amor?
 Ah! tu deliras,
 Sem mais, nem mais
 Choras, suspiras.

Mordeuo-te alguma
 Féra serpente?
 Porque me deixas
 Tão de repente?

Entre soluços
 Amor responde:
 Vai, ó cruel,
 De mim te esconde.

Nesse teu peito...
 (Tremo em dizello!)
 Vi o retrato
 Do meu flagello.

Da fôrta Eliza...
 Ah! vai-te embora;
 Deixa ficar-me
 Aqui agora.

Se taes encontros
 Eu hei de ter
 Antes ao frio
 Quero morrer.

Deixei-o, e ri-me
 Da sua dôr:
 Quanto he medroso
 O Deos d'Amor!

O D E VIII.

Divino Homero
 Suavemente
 Da Grega gente
 Cante os guerreiros.

Pinte as batalhas,
Conte as acções
Destes Varões,
Filhos de Marte.

Tempere a Lyra
O Mantuano,
O Heróe Troyano
Immortalize.

Camões, no Templo
Da illustre Fama,
Ao grande Gama
Levante hum Busto.

Que hoje mais alto
A voz levanto;
Amor eu canto,
E a bella Glaura.

Camões.

ODE

O D E IX.

QUando huma rosa
Na madrugada
Encontro ás vezes
Bella, e engraçada;

Enamorado
Da ingrata flor,
Cortando-a quero
No peito pôr;

Cruéis espinhos
Ferem-me o dêdo,
Arredo a mão,
E tenho mêdo.

Sem que me attreva
A flor cortar,
Fico ao pé della
A suspirar.

Succede o mesmo,
 Glaura, contigo:
 Vejo-te, e quero...
 Ah! mais não digo.

ODE X.

Para fazer
 Guerra aos mortaes,
 Jantava Amor
 Armas fataes.

D'hervadas settas,
 Que a Mãi lhe dava,
 Tinha o cruel
 Provida a aljava.

Ternos suspiros,
 Fingido engano,
 No peito esconde
 O Deos tyranno.

Seis Amorzinhos
Tambem alados
Chama, e os alista
Por seus soldados.

Prompto a partir
Estava Amor
D'animo cheio,
E de valor.

Mas Cytheréa,
Que observou,
Pegando nelle,
Assim falou:

“Armas, meu Filho,
Não tens ainda:
Faltão-te os olhos
De Glaura linda.

O D E XI.

Permitte, ó Glaura,
Mas compassiva,
Que agora viva
Livre de zelos.

Estes verdugos
Tem se apossado
D'hum desgraçado
Triste Pastor.

Estão pintando
Continuamente,
Glaura contente,
Jonio ditoso.

Fazem-me ouvir
As ternas juras,
Com que lhe apuras
O teu affecto.

Põem-me patente
O activo ardor,
Com que o Pastor
Firme te adora.

Tem-me estas cousas
Já quasi morto ;
E sem conforto
Ando a chorar.

Agora arranca
Do coração
Huma paixão,
Que me he funesta.

Para que o mal
Se suavize,
Ao menos dize,
Que isto he mentira.

Dize, que adoras
Só a Belmiro ;
Que, se eu suspiro ;
Glaura he fiel.

Serei alegre,
 Inda enganado,
 Que a hum desgraçado
 Pouco contenta.

O D E XII.

TOrnar querendo
 A Amor propicio,
 Hum sacrificio
 Fiz no seu Templo.

Hum cordeirinho
 Todo malhado,
 E coroado
 De roxas flores,

Sobre o Altar
 Appresentei,
 E assim fallei
 Ao nume irado:

“ Victima pura
Hoje te off'reço,
E humilde peço
O teu favor.

Eu mesmo quero,
Nume flexeiro,
Neste cordeiro
O golpe dar.”

Passando o peito
O ferro agudo,
Borrifa tudo
Vermelho sangue.

Porém Amor
Nada applacado,
Mais enraivado
Assim responde:

“ Nunca terás
Hum Deos propicio,
Se o sacrificio
Não for melhor.

Tira do peito
Teu coração,
Esta oblação
Me abrandará.

Fatal sentença!
Cruel Cupido!
(Dando hum gemido
Continuei.)

Ah! como posso
Em teu Altar
Sacrificar,
O que não tenho?

Os olhos Glaura
Em mim fitou,
E me roubou
O coração.”

O fero Deos,
Mal isto ouviu,
De mim fugio,
E eu vim chorando:

ODE-

O D E XIII.

Rosalia Divina,
Isbella formosa,
Cantavão huma noite;
Noite venturosa!

Os meigos Encantos
Seus gestos cercavão,
Nos vermelhos beijos
As Graças pousavão.

Amor, que escutava
A doce harmonia,
A hum canto sózinho
Chorando, dizia:

“ Mimosas Pastoras,
„ Ah! não canteis mais,
„ Pois o meu Imperio
„ De todo acabais.

ODE

O D E XIV.

NÃO ; minha Lyra ,
Não me envergonho ;
Hoje componho
Versos d'Amor.

Sinto queimar
O ardente lume ;
Que o cego Nume
Accende , e atéa.

Saltando as azas
Do coração ,
Nova paixão
Me inflamma o peito.

Se os teus sons tinha
Desenganado ,
Já consagrado
A' Liberdade:

Quebro os meus votos,
 Amada Lira;
 Huma Belmira
 Faz mil perjuros.

O D E. XV.

Rompi, quebrei
 Os ferros meus;
 Mas que troféos
 Vim a alcançar!

Gentil Pastora,
 A quem servia,
 Féra desvia
 De mim seus olhos.

Qual avesinha
 Vendo o par morto,
 Sem ter conforto
 Ando a gemer.

Vejo-me assim
Na solidão,
Sem o grilhão,
Que nos prendia.

Pouco me importa
Dar livres passos,
E antigos laços
Ter estalado.

Se n'alma existe
A funda chaga;
Se não se apaga
Raivoso lume;

Venha enlear-me
Nova prizão;
Não quero, não;
Respirar livre.

Eu volto oas ferros,
Vendado Amor;
Pois he peor
Viver sem elles.

O D E XVI.

NO Olimpo os Deoses
Enternecidos
De ouvir brotar
Tantos gemidos;

Arrebatados
D'hum Santo ardor,
Jurão de todo
Perder Amor.

Para este fim
Cada hum pensava,
Como tirar-lhe
Settas, e aljava.

Mas o traveço
Sabe o futuro,
E logo busca
Lugar seguro.

Belmira escolhe
Para muralha :
Spera em seus olhos
Cruel batalha.

Os Deoses vem ,
O que Amor faz ;
E arrependidos
Lhe pedem paz.

I D I L I O I.

A Chando-me Amor hum dia
† Ao pé do Doiro, me disse:
Que em paga dos meus serviços
Alguma cousa pedisse.

Quero fazer venturoso
(Continúa) o teu destino,
Já que com tanto desvélo
Me serves desde menino.

Pensa, meu Belmiro, hum pouco,
Supplica, e verás, que Amor,
Os seus thesoiros abrindo,
Ouve os rogos d'hum Pastor.

Não receis em pedir-me
As mesmas armas, que trago;
A quem me serve fiel
Com a propria vida pago.

Se o meu Imperio pertendes
 Terás o Imperio d'Amor :
 Não sejas curto em pedir,
 Pede Belmiro, o que for.

Logo a minha ambição cega
 Mil cousas me figurava;
 Mas com o Sceptro do mundo
 Ainda não se fartava.

Hum pouco fiquei pensando,
 Sem nada lhe responder;
 Até que, dando hum suspiro,
 Principiei a dizer:

“Guarda, Amor, as tuas farpas
 Teu Imperio, e o teu thesoiro:
 Nem appetço as grandezas,
 Que abrange o soberbo Doiro.

Maior bem, maior ventura,
 Sem que mo lembres, advinho;
 Quero só, que me transformes
 Em pequeno Passarinho. „

Rio-se Amor; e d'improviso
As crespas azas abrindo,
Pulsando-as rapidamente,
Vai pelos ares fugindo.

Ainda hum pouco os meus olhos
Accompanhárão Cupido:
Eis-que me sinto, e me vejo
Em Rouxinol convertido.

Mas temendo, que só fosse
Pura ficção do desejo,
Vou dando pequenos vãos,
Té que nos ares me vejo.

D'huma parte á outra parte
Passo o Doiro de repente:
Não he engano, então disse,
Sou Rouxinol certamente.

E o rumo logo tomando
Para as campinas do Ave,
Chego a ouxir o grato som
Deste ribeiro suave.

A poucos vãos encontro
A venturosa cabana,
Onde mora a Mãe d'Amor,
A minha Eliza tyranna.

E junto d'ella pousando
Sobre hum Loureiro sombrio,
O meu canto harmonioso
A modular principio.

Cardumes de passarinhos
Tambem na rama pousavão,
E n'hum profundo silencio
Transportados me escutavão,

Mas qual foi a minha gloria,
Quando avistei na janella
Huma Deosa encantadora,
A minha Pastora bella!

Mil ternas modulações
Divinamente formava:
C'os olhos fitos em mim
Eliza embebida estava,

Até que chegando a noite,
Dando hum vôo, me retiro;
E ainda em pouca distancia
Ouvi o som d'hum suspiro.

No dia seguinte, quando
A Aurora os montes doirava,
Tendo os ares remontado,
No mesmo sitio cantava.

A linda Eliza acordando,
Talvez ao som do meu canto,
Apparece desgrenhada...
Ah! nunca me agradou tanto!

E esfregando os olhos bellos,
Mais bellos, que a luz do dia,
Inda meios somnolentos
Para onde estava os volvia.

Duas Canções das melhores
Pausadamente cantei;
Sentindo Eliza movida
Saúdosa, e triste a deixei.

De

De tarde, junto ao Sol posto,
A mesma jornada faço:
Pouso no sitio; eis-que logo
Me sinto prezo n'hum laço.

Ao estrondo, que na rama
Co'as curtas azas fazia,
Acóde a travêça Eliza,
Fórma hum grito de alegria.

Com huma mão em mim pega,
Co'a outra a prizão me tira,
E sustendo os meus esforços
Para o casal se retira.

Ah! coitadinho! (diz ella).
Quanto está sobresaltado,
E o pequeno coração
Como lhe bate apressado!

Huma gaiola de vimes,
Que ella mesma tinha feito,
Prevendo todo o successo,
He o meu carcere estreito.

N'hum

N'hum pequeno bebedeiro
Logo me deita agua pura ;
Tenras mimosas hervinhas
Ao pé delle dependura.

Observa , de mim distante ,
Se o captiveiro sentia ;
Quer vêr se já , esquecido
Da minha sorte , comia.

Apenas no bebedeiro
Meu bico metter persente ,
Risonhos signaes se espalhão
Pelo seu rosto innocente.

Mas qual foi o seu prazer ,
Quando sem nada estranhar ,
Saltando pela gaiola ,
Principiei a cantar !

Era dahi por diante
Objecto dos seus cuidados ;
Em me ter mimoso andavão
Continuamente empregados.

Até

Até pequenos bixinhos,
 Que apanhava na campina,
 A miudo me trazia
 Esta Pastora Divina.

Huma tarde, que sem ella
 Na cabana só me vi,
 Desejoso de estar solto
 A débil prizão rompi.

Fui-me occultar de repente
 N'hum canto da mesma choça,
 Para que observar de perto,
 O que faz Eliza, possa.

Eis-que chega, e na gaiola
 Pondo os olhos de caminho,
 Ai de mim! Sou desgraçada,
 Fugio o meu Passarinho!

Proferindo estas palavras
 A ella assustada corre,
 E achando hum vime rompido,
 Suspirando, assim discorre:

“Ave”

« Avesinha dura , e ingrata ,
 Não dirás porque razão
 Quizeste escapar cruel
 D'huma ditosa prizão ?

Não eras mais venturosa
 Sem alguma liberdade ,
 Gozando continuamente
 A minha terna amizade ? »

Desta maneira fallava
 A Pastora a cada instante ;
 E lagrimas gota a gota
 Lhe cahião no semblante.

Eu já não podendo ouvir
 O seu afflicto penar ,
 Dando hum vôo d'onde estava ;
 No hombro lhe fui pousar.

Eliza sobresaltada ,
 Cheia de consolação ,
 Brandamente pelas pennas
 Me corre a nevada mão.

Ter-

Ternas caricias me faz ,
Do seu peito não me aparta ;
Com beijar-me o pardo collo
A Pastora não se farta.

Ora alegre , e satisfeito
Na rubra face a picava ;
Ora ao chão , ora ao seu hombro
Cheio de gloria voava.

Desde então andava solto
Na mais doce liberdade ;
Por mil Reinos não trocára
D'Eliza a terna amizade.

Desta Pastora Divina
Sendo o odio , e o seu flagélo ,
Graças aos Ceos , vim a ser
O seu unico desvello.

Innocente Passarinho ,
(Eliza me diz hum dia)
Se agora tu me faltavas
Eu certamente morria.

D'hu-

D'humã duzia de cordeiros
A falta melhor soffrêra,
Do que se por hum momento
O meu Rouxinol perdêra.

Nesta bemaventurança
Passava as ligeiras horas,
Sem quèrer, que o meu destino
Pensentisse outras melhora.

Quando Cupido invejoso
Do bem, que me tinha feito,
Em Milhafre deshumano
Apparece contrafeito.

Entra na feliz cabana,
O ser cruel não dilata;
E do regaço d'Eliza
D'improviso me arrebatã.

Comigo prezo nas unhas
Atravessa a azul Esféra,
E me põe ao pé do Doiro
Ficando eu quem d'antes era.

Ah

Ah Eliza! Assim como isto
 He brinco da Fantasia,
 Quanto seria ditoso,
 Se me succedesse hum dia!

I D I L I O II.

ELiza, a Divina Eliza,
 Sem o Rouxinol, que amava,
 Cheia de viva saudade
 Pelos campos suspirava.

Qualquer pequena avesinha,
 Que entre a rama se escondia,
 O seu roubado thesoiro
 Sem diff'rença lhe par'cia.

Para perto caminhando
 Nem queria respirar;
 Desejava em novos laços
 O Passarinho enlear.

Porém sendo persentida,
Posto que em larga distancia;
Não podia surprender
De qualquer a vigilancia.

„ Ai de mim ! Não he , não he ,
(Dizia a Pastora então)
Se fora o meu Rouxinol ,
Tinha melhor coração .

Mas quem sabe , se a Rapina ,
Quando cruel mo roubou ,
Sem respeitar a innocencia ,
Deshumana o devorou !

Dos olhos lindos formosos
Duas correntes sahião ,
Que pelo rosto já murcho
Continuamente corrião .

Cançada respiração
Mal o seu peito lhe alenta ;
E n'hum penedo visinho
(Pobre Pastora !) se assenta .

Co'a bella face encostada
Sobre a branca mão, gemia.
Era Eliza a triste imagem
Da triste melancolia.

Mas Amor, que não descança
Em desgraças fomentar,
Os seus antigos aggravos
Então pertende vingar.

Da bella formosa Mãi
Desampára o collo amado;
E neste sitio apparece
Em Rouxinol disfarçado.

Mas Eliza em tal tristeza
Abysmou seu coração,
Que nem d'Amor percebia
A terna modulação.

Quando á força d'hum gemido
Deste lethargo acordando,
Sente andar o Passarinho
Em torno d'ella voando.

A sua antiga Senhora
Alegre cariciava ;
Mas a Pastora por sonho
Esta ventura julgava.

Té que vendo realidade,
O que suppunha impossivel,
Lhe tornava mil affagos,
Cheia de pasmo, e sensivel.

, Minha innocente avésinha,
(Começa a terna Pastora)
Como podeste fugir
D'huma Harpía roubadora !

Por ventura lhe pediste,
Que te deixasse voar,
Para a minha companhia
Vir novamente gozar ?

Ou fizerão abrandalla
Os tristes roucos suspiros,
Com que atroava saudosa
O silencio dos retiros ?

Então, Rouxinol amado,
 Quando cruel te roubou,
 Opprimio tua innocencia,
 O teu corpo molestou ?

Ai coitadinho ! Cá tens
 Algumas pennas tiradas ;
 Aqui estão inda os signaes
 Das desventuras passadas !

Pois agora no meu seio
 Has de estar continuamente,
 E verás como as feridas
 Se te curão de repente. »

Abre logo o fino lenço,
 Que sobre o peito trazia ;
 Abre o Templo, onde a Innocencia
 Em tranquillã paz dormia.

Pegando no Rouxinol
 Tres vezes anciosa o beija :
 No terno seio o agazalha,
 E com brandura o bafêja.

Então o occulto Tyranno
 Junto á garganta nevada
 C'o agudo bico lhe deo
 Huma raivosa picada.

Deshumano, que fizeste?
 (A pobre Pastora grita)
 E neste tempo o cruel
 Com grande vôo se agita.

Depois Eliza c'o dedo
 Apalpando a cicatriz,
 Acha sangue, e desmaiada
 Tremendo de susto diz:

“Que horrivel ingratição!
 Que desastrada ferida!
 Tanto sangue... quem me acode...
 Justos Ceos! estou perdida.

Já nas veias circulava
 Veneno consumidor;
 Já n' alma sentia Eliza
 Tristes emoções d' Amor.

A hum gemido entrecadente
Succedia outro gemido ;
Terno pranto , que brotava
Tinha o chão humedecido.

Esta scena lastimosa
Amor defronte observava ;
E via gostoso mais
Nos seus ferros huma escrava.

Mas deixando de repente
A fantastica ficção ,
Apparece o Deos de Gnido
Com arco , e farpa na mão.

Seus olhos Eliza erguendo
Para o cruel Passarinho,
Não o encontra , e só vê
Hum rapaz cego , e nuzinho.

« Não chores (Amor lhe falla)
Que chorar tanto he loucura ;
Pois quer chores , quer não chores
Não mudas tua ventura.

Fu sou o Filho de Venus,
 Deos d' Amor, eu sou Cupido,
 Que em Rouxinol transformado
 Teu seio tenho ferido.

Vivias sempre zombando
 Do meu Imperio sagrado,
 Mil vezes a minha gloria
 Tinhas, cruel, ultrajado.

Hum dos meus favorecidos,
 Belmiro, triste Pastor,
 Tens tratado em todo o tempo
 Com deshumano rigor.

Está vingado, e vinguei-me:
 Agora em duras prizões
 Saberás, o que elle soffre,
 O que são tristes paixões.”

(Lança-se aos seus pés, e diz
 A terna Eliza:) « Clemencia!
 Respeita, Nume tyranno,
 A minha casta innocencia.

Eu prometto...», Então Cupido
Deixando-a d'amor chorando,
Foi ter co' a formosa Mãi
Os seus triunfos cantando.

I D I L I O III.

ENtrei no Templo d' Amor,
Duros grilhões arrastrando,
Para ver, se alli tornava
O meu destino mais brando.

Sobre o lizo pavimento
Suspirando me lancei;
E com respeito profundo
O Deus de Gnido adorei.

Depois d' isto o rosto erguendo,
O meu rosto defecado,
Vi Amor n' hum Throno d' oiro,
Das Graças acompanhado.

Escutava com bondade
 Tristes miseros humanos ;
 Os Filenos , os Jozinos ,
 E os infelizes Albanos.

E1

Cada qual por sua vez
 Duros males lhe contava ;
 E depois o mesmo Amor ,
 Docemente os consolava.

Chegou-se o tempo de expôr-lhe
 A minha desgraça fórte ;
 Levantei-me , e inda tremendo ,
 Principio d' esta sórte :

“ Divino Amor , ao teu Templo
 Hoje venho afflicto , e triste ,
 A pedir , que recompenses
 Hum coração , que feriste.

Certamente não ignoras ,
 Que logo na tenra idade ,
 † Por teu respeito perdi
 A innocencia , e a liberdade.

Ainda não tinha visto
Passar doze Primavéras,
Quando apertarão meus pulsos
As tuas cadeias féras.

Da bella Alcina fizeste
O instrumento principal,
Para roubar-me o socego,
Para ser todo o meu mal.

Pozeste na sua bôcca
As amaveis expressões,
Que filtrarão no meu peito
O veneno das paixões.

Constante morri por ella,
Seus encantos adorei;
Sujeitou-me ao teu Imperio,
Foi a primeira, que amei.

N' hum abysmo d' esperanças
A paixão me alucinava,
Sem conhecer o meu mal,
Os proprios ferros beijava.

Tu por ella me auguravas
Gostos, prazer, e alegrias;
Que havia de ser ditoso
Continuamente dizias.

Não passarão muitos mezes
Sem viver desenganado;
Logo me fez o seu genio
O Pastor mais desgraçado.

Se até então só sabia
Amantes dar ternos ais,
Comecei a conhecer
Negros zelos infernaes.

Finalmente Alcina ingrata
Deshumana me deixou,
Com outro Pastor ditoso
Eternas prizões formou.

Padeci, gemi, chorei
A minha pouca ventura,
E os meus suspiros ferião
A mesma montanha dura.

Porém tu não satisfeito
Da miseria, em que me vias,
Novos males, novos ferros
N' huns lindos olhos me urdias.

Vi hum dia (fatal dia!)
Huma innocente Pastora,
Que excedia na belleza
Cytheréa encantadora.

Como já no seu semblante
Tinhas teu poder armado,
Senti logo neste peito
O golpe mais desastrado.

Eliza, a formosa Eliza
Novamente os laços me ata;
Porém, como a ingrata Alcina,
Tambem foi Eliza ingrata.

Fiz protestos de fugir
Este sexo enganador,
Que já me tinha causado
Tanto mal, tanto suor.

Tu zombavas dos projectos,
Que me sentias na idéa,
E sorrindo-te forjavas
Mais dura, e cruel cadéa.

Quizeste, que por Belmira
Soffresse alguma paixão,
Para arruinar de todo
Este pobre coração.

Fiz a vontade: adorei...
(Oxalá nunca adorasse!)
Adorei seu rosto lindo,
A sua rosada face.

Mas como fosse o seu peito
Recinto de viz enganos,
Supportei em breves tempos
Os ultrages mais tyrannos.

Finalmente com Marilia
Bem sabes quanto passei;
Ha de te lembrar, Amor,
Os suspiros; que exhallei.

Se os mudos troncos fallassem,
 Se fallassem os rochedos,
 Agora contar podião
 Os meus amantes enredos.

Podião contar as ancias,
 Os tormentos, a afflicção,
 Que por ti soffreo, e soffre
 O meu fiel coração.

Mas excedendo o tormento
 A minha debilidade,
 Venho, Amor, hoje ao teu Templo
 Pedir soccorro, e piedade.

Olha o estado miseravel,
 Em que estou por teu respeito:
 Olha, Amor, as vivas chagas,
 Que ladrilhão todo o peito.

Ou allivia piedoso
 Os meus horriveis pezares,
 Ou consente, que eu espire
 Prostrado nos teus Altares.”

Os suspiros, os soluços
A narração me impedião;
E os Pastores, que escutavão
De pura mágoa gemião.

Então o Nume vendado,
Talvez de mim condoido,
Deixou o Throno, em que estava,
Dando hum profundo gemido.

Vôa ligeiro ao meu collo,
Mostrando dôr verdadeira;
E depois de olhar-me o peito,
Começa desta maneira:

“Meu Belmiro, tens razão,
Quanto padeces conheço;
Porém nas tuas venturas
Desde agora me interesse.

Bastantes annos provei
Do teu genio a paciencia,
Fiel sempre me serviste
Desde os dias de innocencia.

Nos males , que tu relatas ,
Em todos não sou culpavel ;
Antes deves criminar
Aquelle sexo mudavel.

Mas agora em recompensa
Dos teus miseros clamores ,
O Filho da illustre Venus
Te encherá dos seus favores.

Dá cá esse coração ,
Meu adorado Pastor ,
Está muito gangrenado ,
Quero-te dar hum melhor.

Nelle quero , que só viva
Hum precioso thesoiro ,
Que as Graças estão guardando
Nos campos do altivo Doiro.

Quero , que vá nelle impresso
O rosto bello , e Divino
Da Pastora incomparavel ,
Que só para ti destino.

Com este Bem deitarás
Na urna do esquecimento
A lembrança, a idéa triste
Do teu antigo tormento. ”

Tres vezes beijei Amor,
E tres o pude abraçar;
Perto do Throno sagrado
Amor me manda assentar.

Assentei-me: e então Cupido
Com a ponta d'hum farpão
Subtilmente pelo lado
Me tirou o coração.

Eis-que sobre as alvas mãos
Palpitando me apresenta;
E a sua vista horrorosa
De todo me dasalenta.

Erão tantos os signaes
De pontudos passadores,
Que não sei, como soffreo
Tantos golpes, tantas dores.

As chagas sempre raivosas
Pela força do veneno
Achavão para estender-se
Espaço muito pequeno.

Quasi então, que suffocado
Pelo impulso da agonia,
Faltando-me a luz dos olhos
No pavimento cahia.

« Espéra (gritou Amor)
Espéra feliz mortal,
Vou buscar o teu remedio,
Vou terminar o teu mal. »

Então junto á chara Mãe,
Abrindo as azas voou,
E d'hum cofre precioso
Outro coração tirou.

A mim se chega, e depois
De não sei que lhe ter feito,
Por onde o velho tirára,
O novo me põe no peito.

Com hum só bafo ligeiro ,
Que me soprou docemente ,
Se unio o peito rasgado ,
São se tornou de repente.

“ Agora , Belmiro amado ,
(Amor continúa) parte
A gozar d’huma innocencia ,
Que está no Doiro a esperar-te.

Para que logo conheças
Sua gentil perfeição ,
Pelos signaes te governa ,
Que escrevi no coração.

Ultimamente presiste
Em me ser fiel Pastor ,
E sabe , que a quem o serve ,
Sempre paga bem Amor. ”

Neste tempo ao Throno sobe
Ajudado dos Amores ;
E attento se põe a ouvir
Outros queixosos Pastores.

Os olhos, e as mãos levanto,
 Humilde as graças lhe dei;
 E d'esperanças cercado
 Do Templo me retirei.

Vim para o Doiro, e contente
 Habitando nos retiros,
 Não turbava o seu socego
 O écco de roucos suspiros.

As Pastoras encontrando
 O coração consultava;
 E entre todas huma só
 Ao modello assimilhava.

Achei da innocente Annalia
 No semblante encantador
 Os signaes daquella mesma,
 Que me prometteo Amor.

Se a mesma será, não sei;
 Só o que posso affirmar,
 He que o meu coração novo
 Se sustenta de a adorar.

IDILIO IV.

R Ecolhido n'hum Gruta,
 Que para o Doiro cahia,
 A froxa Lyra pulsando,
 Belmiro assim discorria:

Turvas agoas, que correis
 Velozmente para o amar,
 Se quereis ouvir hum triste
 Ide agora de vagar.

Entre pranto, entre gemidos
 Far-vos-hei a narração
 Das ancias, que despedação
 Este pobre coração.

Elle ama.. (com que vergonha
 O vejo escravo d' Amor,
 Tendo mil vezes jurado
 Odios ao Nume traidor!)

Elle ama a gentil Annalia,
Suspira, morre por ella,
Sente huma paixão violenta,
Sem que possa combatella.

Depois que seus lindos olhos
Mil incendios me atearão,
Para o socego morri,
Minhas glorias acabarão.

Não respiro hum só momento,
Nos braços da liberdade;
De grilhões duros, tyrannos,
Sinto o pezo, a crueldade.

Não abatem meu tormento
As delicias d'este Prado;
Facilmente lhes resisto
Para viver desgraçado.

O mesmo canto das aves,
Que me alegrava algum dia,
He motivo de eu chorar,
Me aborrece, me agonia.

Perdi a antiga saude ,
Ando magro , macilento ,
D' hum Pastor não sou a imagem ,
Sou a imagem do Tormento.

Essa Annalia , essa cruel ,
Minha tyranna innocente ,
He que faz , que eu assim viva
Sem allivio descontente.

Fez-me de todo insensivel
Ao prazer consolador ;
Só me deixou sentimentos
Para as ancias , para a dôr.

Até quer , que em mim suffoque
D' hum amor activo o effeito ,
Que gema sempre em segredo ,
Que em silencio estalle o peito.

Poré meu sempre fiel
A' minha doce ternura ,
Cada dia mais adoro
Esta amavel creatura.

A pezar de quantos golpes
O destino intênta dar ,
Só pertendo nos meus pulsos
As cadéas enlear.

Não me horrorizão lembranças
De desgraçados Pastores ,
Que estallão de paixão forte ,
Vendo ingratos seus amores.

Nem a triste recompensa ,
Que finalmente hei de ter ,
A fé conservando illeza ,
E sendo Annalia mulher.

Porém tudo supportára ,
E não penaria assim ,
Se a motora dos meus males
Respirasse junto a mim.

Agoas ligeiras , parti ,
Não vos quero deter mais ,
Pois receio , que vos gelem
Minhas angustias mortais.

E como passais bem perto
 Da Pastora, por quem morro,
 Lhe contareis fielmente
 O que faço, e em que discorro.

Dir-lhe-heis, que estou chorando;
 Dir-lhe-heis, que vós me ouvistes
 Deste peito desgraçado
 Arrancar gemidos tristes.

Que sem gostos, sem prazeres,
 Sem conhecer alegria
 Sou a victima infeliz
 Da negra melancolia.

Direis mais, que em recompensa
 De tanta fidelidade,
 Já que me não ama, ao menos,
 De mim tenha mais piedade.

A Lyra pôz n' hum penedo
 O desgraçado Pastor;
 Inclina o rosto, e assim fica
 Entregue nas mãos da dôr.

ÍDILIO V.

A Nnalia, quero contar-te
 Huma historia deshumana,
 Que me succedeo entrando
 Na minha pobre cabana.

Apenas abri a porta,
 Vi o travêço Cupido
 Lendo naquelle papel,
 Que tu me tinhas pedido.

Como me visse o traidor,
 Entrou-o logo a dobrar,
 E no saquinho das settas
 O pertendia abafar.

“Não furtês (lhe disse então)
 Esse papel venturoso;
 Annalia tem-mo pedido,
 Vai ser feliz, e ditoso.”

« Para Annalia ! (me responde
Suspirando o Deos flexeiro)
Pois então quero me faças
O teu fiel mensageiro.

Tu mesmo , charo Belmiro ,
Terás nisto utilidade ;
Ao entregar-lho direi ,
Que tenha de ti piedade.

Da mesma sorte o pertendo.
A vêr se esta fementida ,
Me agazalha mais humana ,
Me oiha menos desabrida. »

« Está feito : eu te concedo
(Lhe tornei) esse favor ,
Da Arte de suspirar
Serás fiel portador. »

Antes que entrega dos Versos
Tivesse a Cupido feito ,
Primeiro os beijo mil vezes ,
E os uní depois ao peito.

Mas que estranha maravilha
Não succede a esta acção!
Bella Annalia, ao escrevella
Ainda me treme a mão.

Foi tamanha a lavareda,
Que no peito se ateou,
Que d' improviso o papel
Em cinza se transformou.

Cupido vôu ao rio
Água, e mais agua buscar,
Porém quiz inutilmente
O meu incendio apagar.

Em quanto teve mataria,
Cruéis estragos fazia:
As linguas devoradoras
Por todo o corpo extendia.

Vejo-me agora pobrinho,
Não tenho nada de meu,
Prazer, ventura, esperanças
A ardente chamma lambeu.

Té a Sciencia dos Versos

No tal fogo se queimou;

O destino a hũa desgraça

Outras desgraças juntou.

Só a lembrança d' Annalia,

Tuas Graças, e o teu Nome,

São monumentos eternos,

Que o fogo nunca consome.

Acabou-se toda a historia,

Historia dos meus peccados;

Porque tu, Amor, e eu

Todos ficamos logrados.

I D I L I O VI.

Q' Entendo, formosa Jonia,
Que estou eu presencendo?

Fileno dando gemidos,

Fileno triste chorando?

Aquelle que andava sempre
A doce Lyra pulsando,
Aquelle alegre Pastor,
Fileno triste chorando?

Sentado na fria relva,
O magro peito arquejando,
Sem descanso, e sem allivio
Fileno triste chorando?

Pelas faces macilentas
Lagrimas mil gotejando,
Coitadinho! Sempre encontro
Fileno triste chorando?

Antes de hontem junto á noite
A frescura procurando,
Percebi sobre hum penedo
Fileno triste chorando.

Sem fazer algum susurro
Levemente fui andando,
E de perto estive vendo
Fileno triste chorando.

Aos Lobos devoradores
O seu rebanho deixando,
Tinha estado horas, e horas
Fileno triste chorando.

Ora sobre o calháo duro,
Não sei, que Nome gravando,
O beijava muitas vezes
Fileno triste chorando.

Ora os olhos denegridos
Com transporte ao Ceo virando,
“Valei-me” dizia então
Fileno triste chorando.

Sentimentos de piedade
Meu coração animando,
Corri logo a consolar
Fileno triste chorando.

Amigaveis saudações
Quasi ao pé pronunciando,
Nem sentido, nem fé dava
Fileno triste chorando.

“Que tens, amado Pastor?
 (Então lhe fallo gritando)
 Porque estás neste retiro,
 Fileno, triste chorando?”

Sobresalta-se, assim como
 D’ hum lethargo despertando;
 Olha, levanta-se, e sempre
 Fileno triste chorando.

No meu collo os fracos braços
 Languidamente enlaçando,
 Assim está, molha-me o peito
 Fileno triste chorando.

Quer dizer-me não sei que,
 Porém fica soluçando;
 Não atina huia palavra
 Fileno triste chorando.

Eu então no humano peito
 A compaixão despertando,
 Abracei com mais transporte
 Fileno triste chorando.

Assim ficamos hum pouco
Tristes lagrimas brotando ;
Eu chorando por Fileno ,
Fileno triste chorando.

Mas a força do tormento
Por instantes acalmando ,
Nos sentamos ; porém sempre
Fileno triste chorando.

Da sua antiga isenção
Se esteve então recordando ;
Sentia o seu captiveiro
Fileno triste chorando.

O mais profundo segredo
Sempre no peito occultando ,
Nunca mo quiz revelar
Fileno triste chorando.

Quando sobre o duro sexo
Os meus olhos demorando ,
Vi o Nome , que gravára
Fileno triste chorando.

Eu o li; e com malicia
 O mesmo propunçando,
 Senti logo com mais força
 Fileno triste chorando.

Vendo pois, que em vão tentava
 Tornar seu tormento brando,
 Eu deixei nas mãos da dôr
 Fileno triste chorando.

Eis-aqui, ó bella Jonia,
 Hum successo memorando;
 S n sível hum incensível,
 Fileno tristê chorando.

E se não me engano agora
 Testemunhos levantando,
 Neste estado por ti anda
 Fileno triste chorando.

I D I L I O VII.

NO pènedo da Saudade
 Quasi ao Sol postò me assento;
 Vendo-me alli solitário,
 Choro, suspiro, lamento.

Pelos tristes Olivaes
 A mole vista apascento,
 Vou de dôr enchendo o peito,
 Choro, suspiro, lamento.

Já farto destes objectos
 Vôa longe o pensamento,
 Novas afflicções me accende,
 Choro, suspiro, lamento.

Lembrão-me as glorias passadas,
 O antigo contentamento,
 Sobre o penedo me encosto,
 Choro, suspiro, lamento.

Para fazer mais agudo
O golpe do meu tormento,
Lembro meus males, e então
Choro, suspiro, lamento.

A inconstante ingrata Eliza
Occupando o pensamento,
Suffocão-me ancias mortaes,
Choro, suspiro, lamento.

Com vozes, filhas da dôr,
Mil palavras sólto ao vento,
Assim gemo, fallo, e assim
Choro, suspiro, lamento.

« Suspende, barbara Eliza,
Esse teu desabrimento;
Não saberás, que por ti
Choro, suspiro, lamento ?

Se me ouvissem cruas fêras
Mostrarião sentimento,
Chorarião ternas, quando
Choro, suspiro, lamento.

Humanas se doerão
Das angustias, que exp'rimento
Culpando a causa, porque
Choro, suspiro, lamento.

Pois, Eliza, attende agora
Meu mortal abatimento,
Que sem allivio alcançar
Choro, suspiro, lamento.

Vê, que no pobre Mondego
Victima sou do tormento,
Que longe de ti, meu Bem,
Choro, suspiro, lamento.

Que busco tristes passeios,
Solitario apartamento,
E sobre a tua memoria
Choro, suspiro, lamento.

Como Rolinha perdida,
Do seu Patrio nascimento,
Assim por alheios campos,
Choro, suspiro, lamento.

Ando magro , descarnado ,
E com rosto macilento :
Eu morro , se desta sorte
Choro , suspiro , lamento .

Se por desafogo ás vezes
Entalhar teu Nome intento ,
Lembra-me então , que és ingrata ,
Choro , suspiro , lamento .

Tambem sou destro em buscar
Motivos ao meu tormento ;
Figuro , vejo hum rival ,
Choro , suspiro , lamento .

Considero-te fazendo
Seu doce contentamento ;
Ciumes se atéão n' alma ,
Choro , suspiro , lamento .

Quasi , que a falla me prende
Hum impulso mais violento ;
Inda assim afflicto , e rouco ,
Choro , suspiro , lamento .

Ai ,

Ai, meu Bem, se ao teu Belmiro
 Não sopras algum alento,
 Lá vai! Eu morro, e não mais
 Choro, suspiro, lamento.”

Deste modo discorria
 No transporte mais violento;
 Mas vendo, que aos montes fallo,
 Choro, suspiro, lamento.

Era noite, e então deixei
 O meu solitario assento;
 Mas pelo caminho gemo,
 Choro, suspiro, lamento.

I D I L I O VIII.

NAs verdes margens do Prado,
 Que ao claro Doiro avisinhão,
 Onde as minhas poucas rezes
 Pela relva se entretinhão,

(*)

Sentado junto d'hum Freixo ,
 Que espessa rama copava ,
 Pude ouvir hum Passarinho ,
 Que com Marilia fallava .

M A R I L I A .

Avesinha , quanto invejo
 A tua sorte ditosa !
 Cantas sempre sem cuidados ,
 Vives feliz , e gostosa .

P A S S A R I N H O .

Como te enganas , Pastora !
 Se me ouves cantar nos valles ,
 São as minhas Canções tristes
 Unico allivio aos meus males .

M A R I L I A .

Que dizes ! Tambem padeçe
 Teu pequeno coração ?
 Pódem caber em teu peito
 Dores , magoas , afflicção ?

P A S S A R I N H O .

Oxalá , Pastora bella ,
 Que nada d'isso sentíra :
 Mas quantas vezes , e quantas
 De dor o peito suspira !

M A R I L I A .

Pois que falta neste Prado
Para a tua subsistencia?
Aqui vê-se a Mão aberta
Da adoravel Providencia.

Cruzão immensos bixinhos
Sobre a aprazivel verdura,
Que a magra fome sacião,
Que te nutrem com fartura.

Fontes d'agua cristalina
Dos cavos seixos rebentão,
Onde bebes, quanto queres,
E as seccas fauces se alentão.

No Verão tens fresca sombra,
Quando torna o Inverno frio,
Agazalhos te não faltão
Nas occas fragas do rio.

Se de nada mais precisas
Para a vida conservar,
Não encontro algum motivo,
Que te obrigue a suspirar.

PASSARINHO.

Na verdade, que a abundancia,
Que o Ceo piedoso reparte,
Não só por aqui se encontra,
Mas tambem em qualquer parte.

Porém tu, se não me engano,
Senhora de grandes bens,
Quanto te seja bastante
Em muita abundancia tens.

Os cordeiros te dão
Mimosas tapessarias,
Da fina lã, que tosqueás,
E que industriosa fias.

De mansas cabras o leite
No tarro vejo espumar,
Que habil mão logo transfôrma,
N'hum delicado manjar.

Nos pomares contar posso
Mil arvores, que inclinadas,
Quando chegas, te offercem
Suas fructas sazoadas.

Quando cahe a fria neve,
Da Natureza inimiga,
O colmo da tua Choça
Dos seus rigores te abriga.

As aguas destes regatos
Para todos vão patentes:
Igualmente extinguir podem
As nossas sedes ardentes.

Pois então, se assim, como eu,
Tudo tens para viver,
Para que vens tantas vezes
Aqui lagrimas verter?

M A R I L I A.

Ai, querido Passarinho,
Quem terá consolação,
Inda cheio de abundancias,
Tendo prezo o coração!

Aquelle Nume cruel,
Que os homens chamão Amor,
Me tira todo o socego,
Enche o meu peito de dôr.

Inspira n'hum deshumano
 Genio de féra a mais dura ;
 Faz com que este ingrato cubra
 Os meus dias de amargura.

Q'importa pois ser Senhora
 De quantos bens tu noméas ?
 Mais val em paz , e em socego
 Ter duas pobres colméas.

PASSARINHO.

Pois de ti aprender pódes ,
 Que assim mesmo pequenino ,
 E na abundancia padeço
 Bem duro , e cruel destino.

MARILIA.

Mas tu sendo huma avesinha ha
 Izenta das leis d'Amor ,
 Como soffres , como aturas
 O mais leve dissabor ?

PASSARINHO.

Esse Deos abrange a tudo ,
 Que encerra o vasto Hemispherio :
 Inda passa aos mesmos Deoses
 O poder do seu Imperio.

Além disto, por mil modos
Se sente as iras do Fado;
Não só por via d'Amor
Vive hum peito desgraçado.

Ouve a minha historia triste,
Que a contailla principio:
Ouvindo-a, talvez, que augmentes
As claras aguas do rio.

† Nas frescas margens do Leça,
† Nas suas Faias sombrias,
He, onde principiou
A carreira dos meus dias.

Nutrido pela ternura
De meus Pais, que já perdi,
No estado de independencia
Em poucos mezes me vi.

Voava já vigoroso,
Buscando os meus semelhantes,
E arranchado visitava
Grandes campinas distantes.

Porém durando d'hum anno
Quasi a rapida carreira,
Huma innocente avesinha
Era a minha companheira.

Se eu voava, ella voava;
Se acertasse de ficar,
Unida á minha vontade,
Não me queria deixar.

Eu tambem da mesma sorte,
Por occulta simpatia,
Só tendo-a junto a mim,
He, que gozava alegria.

Passou-se o Inverno enfadonho,
Veio a linda Primavéra,
E huma doce inclinação
Mais, e mais em nós se géra.

A Natureza, que fórma
Os corações para amar,
Me formou eternos laços
Com este adoravel Par.

Cuidamos logo de musgo
Todo o preciso colhêr,
E na eminencia da Faia
Occulto ninho em recêr.

Acabada em breves dias
A sua simples structura,
Cheguei a vêr as premissas
Da nossa mutua ternura.

Seis ovos, inda mais alvos,
Que os claros brancos seixinhos,
São o cofre, em que se escondem
Os nossos doces filhinhos.

Desde então principiámos
Os Deveres naturaes,
Deveres sempre gravados
Nos corações Paternaes.

Minha amavel Companheira
Com as azas os cubria;
E para tomar alento
Eu tambem lhe succedia.

No tempo , que sobre os ovos
 A minha Amada pousava ,
 Para a divertir , Canções
 Não muito longe entoava.

Em fim chegou o momento
 (Momento consolador !)
 De vêr com signaes de vida
 O fructo do nosso amor.

Saltava em torno do ninho
 Transportado com prazer ;
 Meus filhos recém-nascidos
 Não me fartava de vêr.

Em quanto a Mãi os guardava ,
 Eu bixinhos lhes trazia ,
 Que pelos bicos flexiveis
 C'o meu bico introduzia.

Visivelmente crescião
 Estes penhores amados ;
 Nelles só tinhamos postos
 Os nossos ternos cuidados.

Hum dia... (dia funesto,
Dia d'infame azinhago,
Que só para meu' tormento
Impresso na idéa trago!)

N'hum dia, quando nós ambos,
Do ninho hum pouco apartados,
Saudavamos contentes
D'Aurora os raios doirados;

Chega o cruel Caçador,
Aponta a setta escarpada,
E impellindo o agudo ferro
Cahe mortal a minha Amada.

A flor mimosa no campo
Do féro bixo roida,
Não fica ao ardor do Sol
Tão de pressa amortecida.

Eu dei hum grito de dôr,
Ficou-me o peito gelado;
Pois huma perda tão grande
Me fazia desgraçado.

(v.)

Voici

Voei ao pé do cadaver ,
 Que rôxo sangue ensopava ,
 Cuidando inda , que o meu pranto
 A extincta vida lhe dava.

Aproxima-se o verdugo
 Da minha Esposa adorada ,
 E me rouba os tristes restos
 D'huma infeliz desgraça da.

“ De que te serve , inhumano ,
 (Soluçando lhe dizia)
 N'huma Victima tão fiaca
 Exercer a tyrannia ?

Se algum infame interesse
 Os olhos te faz vender ,
 D'essa avesinha innocente ,
 Que lucro pódes tirar ?

Não te causão mil remorsos
 As angustias , com que morro ?
 O desamparo , em que ficão
 Huns filhinhos sem soccorro ?

6

R 2

Ah!

Ah! cruel, ao menos deixa
Esse objecto precioso,
Que quero sempre regar
De pranto triste, e saudoso.”

O monstro erguendo os seus olhos
Ao écco do meu clamor,
No arco põe apressado
Outro agudo passador.

Fez ligeiro a pontaria,
Novamente disparou;
Porém por minha desgraça
O tiro não me matou.

Logo busquei os filhinhos,
Que já saudosos piavão;
Porém cegos do futuro
Os seus males ignoravão.

Neste tempo, que chorando
Os meus olhos lhes fitava,
Ouço hum rugido no tronco
Da mesma Faia, em que estava.

(Ao recordar este passo
 As pennas sinto eriçadas,
 As azas do coração
 Me batem mais apressadas.)

Era huma horrivel serpente
 No pé da Faia enroscada,
 Que rodando o negro collo,
 Buscava a minha pouzada.

Fórmo ao ár rapido vôo,
 Supplicando aos Ceos piedade;
 Mas baixando de repente
 Ve, o a minha infelicidade.

Cevada a féra na preza,
 Que o accaso lhe off'recia,
 Os meus filhos hum, e hum
 Avidamente engolia.

Eu não sei, como de pasmo
 Não cahi no frio chão;
 Nem como fóra do peito
 Não saltou meu coração!

Sem Companheira .. Sem filhos. , ,
Vêr a sua cruel sorte...
Quanto me fora melhor
Antes d'elles ter a morte!

Eu d'improviso deixei
Os impestados lugares ,
Onde n'hum dia soffri
Os mais horrendos pezares.

Faz agora quasi hum anno ,
Que por estas margens ando ,
Solitario pelos bosques
Minhas desgraças chorando,

Recorda pois minha historia ,
E vê, Pastora engraçada ,
Se póde haver creatura ,
Que seja mais desgraçada.

M A R I L I A .

Certamente és infeliz ,
Innocente Passarinho ;
Tens supportado o ludibrio
Do Fado cego , e mesquinho.

Tu vês no meu rosto o pranto
De compaixão, e ternura,
Que me tem feito correr
A tua triste aventura.

Mas, para que te consoles,
Tendo no mal companheiros,
Da minha vida ouvirás
Os infortúnios primeiros.”

Neste tempo huns Pescadores
No seu batel abordarão,
E ao som de gritos as redes
A' liza aréa arrastrarão.

Ao clamoroso ruído
Foge o Passarinho: e assim
Talvez poupasse Marília
O dizer bem mal de mim.

I D I L I O IX.

Quando as Pastoras do Doiro,
Os Anfrizos, e os Albanos
De Marilia celebravão
Os faustos ditosos annos;

Belmiro tambem buscando
Esta Ninfa, por quem morre,
Ao som da Lyra, que tange,
Assim canta, e assim discorre:

“ Teus annos, bella Marilia,
Tem a virtude, e o poder
De inspirar nos tristes peitos
Sentimentos de prazer.

Eu tempéro a rouca Lyra,
A voz áspera levanto,
E se te dignas cuvir-me,
Teus annos, Marilia, canto.

Canto as Graças , que embellecem
O teu rosto encantador ,
Teus olhos lindos , que ferem
Mais do que as armas d'Amor.

Quero , que cantem meus Versos
Aquelle amavel agrado ,
Com que prendes , e namoras
As mesmas flores do Prado.

Ah ! Marilia , bella , e excelsa ,
Ninfa da minha paixão ,
O alvoroco não crimines
Do meu lizo coração.

Neste dia venturoso ,
Aos teus annos consagrado ,
Rompo do austero silencio
O grilhão duro , e pezado.

Bem sei , que já por costume
Diante dos teus Altares ,
Espalho lagrimas ternas
Dou suspiros a milhares.

Porém hoje , que te vejo
O mesmo tempo vencer ,
Seria culpa chorar ,
Crime seria gemer.

Sentido , ó Lyra , cantemos
Este fausto , e alegre dia ,
Fique no peito abafada
A negra melancolia.

Da illustre Marilia as Graças
Se espalhem pelo Universo ,
Consagremos a Marilia
Hum Padrão em cada Verso. ”

Ouvi attenta Marilia
O canto d’este Pastor ;
E hum brando sorrizo deo ,
Que encantára o mesmo Amor.


 IDILIO X.

I Nda que para traçar
Versos cheios de harmonia,
Vêr de perto o teu semblante
Necessario me seria;

Com tudo, exceclsa Marilia,
Ao meu Plectro lanço a mão,
Contemplando no retrato,
Que encontro no coração.

Elle he o teu; mas tão forçado,
Tão contra vontade existe,
Que ás vezes está chorando,
Sempre se conserva triste.

Mas em fim eu já começo
Com submissão, e respeito,
No que valho, e no que posso
A cumprir o teu perceito

Genios, Graças carinhosas,
 Sobre o meu hombro pouzai,
 Versos dignos de Marilia,
 Em quanto escreve, dictai.

“ Maria, conserva solto
 No teu peito o coração,
 Não consintas, que o bafeje
 A dura, a cruel paixão.

Os prazeres innocentes,
 A pura satisfação,
 Em mortaes ancias converte
 A dura, a cruel paixão.

Os signaes da Formosura
 Cahindo, e murchando vão;
 Faz estragos mais que o tempo
 A dura, a cruel paixão.

Té no afflicto peito falta
 A vital respiração:
 Ao ultimo termo arrastra
 A dura, a cruel paixão.

[↓

Se

Se não crês nestas verdades,
Pelos Freixos se leráõ
Casos mil, que tem urdido
A dura, a cruel paixão.

Eu mesmo posso mostrar-te
Este pobre coração,
Que muitos annos relou
A dura, a cruel paixão.

Deixa, que sempre a Innocencia
Te conduza pela mão,
E verás atropelada
A dura, a cruel paixão.

Se no teu amavel rosto
Brilha a graça, e a perfeição,
Não se encontre no teu peito
A dura, a cruel paixão.

Viverás sempre contente
Em paz, e quietação,
Ouvindo ao longe bramar
A dura, a cruel paixão.

Quer

Quer estejas pela Aldéa
Quer vivas na solidão,
Sempre será tua escrava
A dura, a cruel paixão.

Os sonoros passarinhos
Junto de ti cantarão,
Sem que te obrigue a evitallos
A dura, a cruel paixão.

Os mesmos Deoses, Marilia,
Tua sorte invejarão,
Vendo, que tu não conheces
A dura, a cruel paixão!

Mas se chegas humna vez
A entregar-lhe o coração,
Que estragos não te fará
A dura, a cruel paixão.

Decóra, bella Marilia,
Esta prudente lição,
Que te dá, quem já soffreo
A dura, a cruel paixão. ”

Não posso dizer-te mais,
Que a Lyra já vai cançando;
Ou receio, que te enfade,
Grosseiros Versos traçando.

Mas nos meus castos desejos
Vive, Marilia, segura,
Que só tenho gloria em vêr-te
Rodeada de Ventura.

I D I L I O X I.

Em quanto os furacões do Sul raivoso
 Empulvãõ do Tejo as ondas claras,
 E o contínuo chuveiro rigoroso
 Ensopava as campinas, e as searas;
 Belmiro na Cabana, em que vivia,
 Hum pouco distrahir-se pertendia.

Péga na branda Lyra, já cuberta
 De desprezo, e de pó: mas duvidando,
 Se as suaves Canções ainda acerta,
 Primeiro brandamente a vai pulsando:
 Logo toca mais forte, a voz levanta,
 Terno suspira, e deste modo canta:

Triste Cabana,
 Meu charo asylo,
 Onde algum tempo
 Vivi tranquillo;

C'o humilde amparo
Do colmo pobre,
Meu pranto abafa,
Meus ais encobre.

Esconde ás aguas
Do claro Tejo
As amarguras,
Em que me vejo.

Fique encerrada
Neste apozeno
A minha dôr,
O meu tormento.

Ignore o mundo,
O mundo, e a gente,
Quanta fraqueza
Esta alma sente.

Já mais se saiba...
(Ah! que vergonha!)
Que Amor me deo
Cruel peçonha.

Que contra elle
Fazendo juras,
De novo arrastro
Cadéas duras.

Mas quem seus ferros
Forte quebrára,
Se a bella Glaura
A vêr chegara?

Os meus protestos
Nada valêrão,
De Glaura os olhos
Tudo vencêrão.

As frias cinzas
Do incendio extincto
Já convertidos
Em brazas sinto.

Tu, ó meu peito,
Por mais, que escondas,
Bem assimilhas
Do Téjo as ondas.

Sem que hum momento
Serenos estejas,
Suspiras sempre,
Afflicto arquejas.

Mas o que mais
Me tolhe, e mata,
He o penar
Por huma ingrata.

Por huma fêra
Tão desabrida,
Que he sua gloria
Tirar-me a vida.

Vendado Nume,
Tyranno Amor,
Desenha em Glaura
Genio melhor.

Para dos males
Ter compaixão,
Põe-lhe em seu peito
Meu coração.

Faze, que veção
Seus olhos bellos
Negros ciumes,
Os meus flagellos.

Pinta meu rosto
Pallido, e triste;
Mostra este peito,
Que tu feriste.

Vôa depressa,
Alado Amor,
Vai retratar-lhe
A minha dôr.

Porém só ella
Saiba, que a amo,
Que a todo o instante
Por Glauca chamo.

Estallou-lhe huma corda; e já cançado
De inuteis vozes dar ao surdo vento,
Encosta a Lyra, e fica sepultado
Nos profundos abysmos do tormento.
Assim ficou, soffrendo a paixão dura,
Que afflige hum peito, que não tem ventura.

Ma-

OS PASTORES AFFORTUNADOS.

LICEO, ALMENO, e MARILIA *filha*
de LICEO.

*A Scena he hum lugar solitario. cuberto
com algumas arvores: n'hum lado se vê
huma fonte, e em pouca distancia Ma-
rilia dormindo. Almeno caminha com a
sua Lyra, sem vêr Marilia.*

ALMENO.

SIM, Lyra harmoniosa, a minha amada
Hoje te ha de animar:
Quando aos teus grates sons for entoando
Os Divinos encantos, que a embellecem,
Voaraõ das visinhas espessuras
As aves innocentes;
E estando mudamente socogadas
Sobre a flexivel rama destes freixos,
Ouviráõ expressões d'alma nascidas.

Marilia, a mais amavel das Pastoras,
 Tambem as ha de ouvir:
 Não tardará: como a brilhante Aurora,
 Que na fresca manhã reanima as plantas,
 Fará nascer no meu amante peito
 Hum solido prazer, hum novo alento.
 Mas em quanto não vem, no lizo tronco
 Irei gravar o seu amavel nome:
 Será lisongeada,
 Com a lembrança do meu casto amor.

Chega perto de Marilia.

Feliz Almeno! He ella: não me engano.
 Que graças não respira em paz dormindo!
 Que bocca de innocencia!
 Que lindo rosto... que...
 Agora sou cruel; vou acordalla.

*Com a mão deita algumas gótas d'agua
 sobre o semblante de Marilia.*

M A R I L I A.

Que he isto... oh Ceos!... Cruel...
 Mas não: meu charo Bem, amado Alme-
 no!

A L M E N O .

Meu precioso Encanto !
Acordei-te : perdoa os meus transportes.

M A R I L I A .

Sim, Almeno, perdoo.

A L M E N O .

Que Destino feliz tem prevenido
O meu desejo, os meus ardentes rogos ?

M A R I L I A .

No fertil campo, que a espessura cerca
Deitei ao pasto o numeroso gado ;
E sentindo violenta a calma ardente
Procurei este sitio, onde costumás
Passar as tardes, e entreter as horas.
Cançada de esperar (pois hum momento,
Sem ti parece hum anno)
Sentei-me ; e pouco, e pouco fui sentindo
Convidar-me o murmurio desta fonte
Ao doce, e brando somno.

A L M E N O .

Quando devo, Pastora, aos teus excessos !
Ora dize, meu Bem, inda duvidas
Do activo fogo, que me inflamma o peito ?
Inda recéas, que o constante Almeno
Ultraje a pura fé dos juramentos,
E esqueça o charo objecto dos seus votos ?

MA-

M A R I L I A .

O Ceo me livte : e pode haver nos ho-
mens

Tão negra alevozia?

Não te creio tão duros sentimentos :

As mesmas feras , que a montanha cria ,

Então terião corações mais gratos.

A L M E N O .

A Fortuna , Marilia , favorece

A pureza das minhas intenções :

Sou mil vezes ditoso , pois te encontro

Ao meu amor sensível.

Mas quando alguns instantes cousidero ,

Que em fim te hei de perder

M A R I L I A

Tu deliras , Almeno , certamente :

Imaginas perder-me ?

Tão poucas vezes tenho protestado ,

Que os nossos laços hão de ser eternos ?

A L M E N O .

Mas quando a sorte ingrata

Quer enterrar o seu punhal violento ,

De nada valem juramentos firmes ,

Inviolaveis promessas , e desejos.

Tudo atropella , inexoravel cerra.

Os ouvidos a miseros soluços.

Eu sou pobre , não tenho mais riqueza ,

Que:

Que o ter o coração illezo sempre
 Das denegridas manchas da maldade.
 Teu Pai de extensos campos he senhor,
 Vive n'hum Cabana levantada,
 Tem gado numeroso, tem devezas;
 E só pertende achar, quem tenha o mesmo.
 Para deste tu seres digna Esposa.

MARILIA.

Que thesoiro maior achar se póde,
 Que hum coração ornado de virtudes?
 A repetida chéa o campo innunda,
 E destroe as nascidas sementeiras;
 Cahe por terra, á violencia da tormenta,
 O tecto da Cabana mais segura;
 Finalmente a doença muitas vezes
 Não deixa ficar salvo hum só cordeiro;
 Mas aquellas Divinas qualidades,
 Que a huma alma grande servem de or-
 namento,
 São riquezas, que o tempo nunca abate,
 Que zombão dos estragos d'hum enchente,
 E da molle doença vivem salvas.
 Se a Fortuna contigo sempre escaça
 Te rouba os bens, que mil humanos prezão,
 A Natureza, a Santa Natureza,
 Soube recuperar toda esta falta.
 Meu Pai he justo, e o seu maior desvello,
 He

He procurar a sólida ventura
 D'huma filha, que o ama, e a quem ama
 A L M E N O.

Mas que ventura poderei causar-te?
 Antes cuidó, Marilia, que faria
 A contínua desgraça dos teus dias.
 Este féro remorso me traspassa
 Até o centro do peito!

M A R I L I A.

Deixemos pensamentos, que perturbão
 A alegria, que temos de encontrar-nos:
 Vive certo, meu Bem, que só Almeno
 Será o digno Esposo de Marilia.
 Nesta relva tambem te assenta agora;
 E já que tens a Lyra encordoada,
 Repete huma Canção, que n'outra tarde
 Me dissestes, que tinhas quasi finda.

A L M E N O.

Quem pôde resistir ao doce imperio
 Dos teus puros desejos?
 Eu a canto, Marilia, se a memoria
 De toda felizmente se lembra.
 Ella não presta, mas teus olhos bell os
 São capazes de dar Divina fórma
 Aos mesmos troncos, que seus raios sentem.

Cantemos, branda Musa,
 Posto que em metro rude,
 A paz, que goza hum peito,
 Onde reina a virtude.

Seja o objecto illustre
 De mil adorações:
 Hoje se lhe consagrem
 Expressivas Canções.

A Deosa apenas firma
 Seu immortal assento,
 Em grossos ferros prende
 A tristeza, e o tormento.

Do remorso infernal
 A voz desentoadada
 No feliz sanctuario
 Não póde ter entrada.

Nas azas do prazer
 Lhe envia a Natureza
 Dos occultos thesoiros
 Aquelles, que mais preza.

Vôão castas delicias
No Divino apozento,
Como miudas flores
Movidas pelo vento.

Cantemos, branda Musa,
Posto que em metro rude,
A paz, que goza hum peito,
Onde reina a virtude.

A formosa Marilia
Por modello contemplo;
D'hum celeste descanso
Nos offrece o exemplo.

As Graças carinhosas
Brilhão no amavel rosto,
Já mais vão eclipçallas
As sombras do desgosto.

Inda quando do Inverno
O rigor nos altéra,
Florece no seu peito
A grata Primavéra.

Brando somno respira
Nes braços de Morfeo ,
Em quanto a terra cobre
Da noite o escuro véo.

A' vinda luminosa
Do bello Astro do dia ,
Revive , e dentro d'alma
Tambem vive a alegria.

Cantemos , branda Musa ,
Posto , que em metro rude ,
A paz , que goza hum peito
Onde reina a virtude.

De mortos junca a terra
O ferino Guerreiro ;
Impõe Leis , e o pezado
Jugo ao mundo inteiro.

Co' a espada não perdoa
Ao tímido innocente ;
Louros tintos em sangue
Lhe guarnecem a frente.

Derriba altas Cabanas,
Faz queimar a seára,
Que, para bem dos homens,
O justo Ceo creára.

Mas de tantos estragos
Que triste gloria tira?
Vinganças, sustos, odios
Sempre afflicto respira,

Victima dos remorsos
Passa a veloz idade;
Verdugo de si mesmo,
Horror da humanidade.

Cantemos, branda Musa,
Posto, que em metro rude,
A paz, que goza hum peito,
Onde reina a virtude.

Eis-aqui, ó Marilia, tudo quanto
Agora sei, e posso repetir-te:
Mas não sentes mover aquellas plantas
Os flexiveis raminhos?

Hum

MARILIA.

Hum Pastor se avisinha... he o meu
bom Pai:

O' Santa Providencia, justos Ceos!
Fazei-lhe conceber projectos dignos
D'huma filha, que o ama.

LICEO.

Ouvi cantar: e logo persuadido,
Que a voz era d'Almeno,
Caminhei apressado para hum pouco
Gozar da tua amavel companhia.

ALMENO.

Bem vindo sejas: nada agora falta
Para eu ter huma tarde de alegria.

MARILIA.

Meu charo Pai, socega a inquietação
De Marilia, e d'Almeno.

Eu amo este Pastor desde o momento,
Em que pude saber, o que era Amor.

Das suas innocentes qualidades
Cativa, lhe jurei constancia eterna.

Elle da mesma sorte, preferindo
Meu casto coração a mil thesoiros,

Prometteo adorar-me.

A pureza dos nossos ternos votos

Vatecina huma serie de venturas:

Resta porém, que a Paternal bondade

Ap-

Approve a nossa mutua inclinação.

LICEO.

Perdes a côr, Almeno? Tens receio,
De que os teus olhos com os meus se en-
contrem?

Por ventura não queres ser meu filho?
Ou tens mudado já de sentimentos?

ALMENO.

Não, Liceo: mas agora que estou perto
De ouvir a decisão do meu destino,
Presinto de temor gelar-se o sangue,
Bater o coração mais apressado.

LICEO.

Pois, Almeno, desterra os teus receios?
Marilia he tua, e tu serás meu filho.
Não me cevão idéas de ambção,
Nem pertendo, que a minha amavel filha
Seja victima triste do interesse;
Se a Natureza vos creou conformes
Na inclinação, no genio, e na vontade,
Os Ceos nunca permitião, que eu me op-
ponha

A humasanta união; que será sempre
A ventura immortal dos vossos dias.
Pouco importa juntar ao meu rebanho
Outro maior rebanho: pouco importa

Unir

Unir outras campinas aos meus campos,
 E deixar huma herança vantajosa
 Aos meus vindouros netos.
 Deixando-lhe hum bom Pai, que ao seu
 exemplo,
 Vivão em paz, respeitem a virtude,
 E abominem os vícios monstruosos,
 Deixo então hum thesoiro mais duravel,
 Que os fará ser de todos respeitados,
 Dos grandes, e pequenos sempre amados.

M A R I L I A.

Amado Pai, permite que os meus
 beijos
 Se imprimão nessa mão, que hoje me
 eleva
 Ao maior bem, a que aspirar podia.

A L M E N O.

Cuido charo Liceo, que o terno pranto,
 Que me está gotejando pelo rosto,
 He hum puro, e innocente testemunho
 Da feliz emoção, que me transporta.
 Bemditos Ceos! Guardai esta alma rara
 Para gloria d'Almeno, para guia
 De todas as acções da minha vida.

L I C E O.

Queridos filhos, vamos juntamente

Tom. II.

T

For-

Formar os laços, que hão de ser eternos:
Hoje mesmo a adornar principiemos
A Cabana para o festejo santo.
Os nossos corações exallem votos,
Que subão até os Ceos:
Amavel Providencia! felicita
Esta doce união:
Permitte, que em meus dias inda veja
Os filhos de meus filhos:
Que desfructando as pueris caricias,
Renovar sinta as Paternaes delicias.

QUADRA.

Tu fizeste no meu peito
 Os estragos, que não crês:
 Quem me déra, que tu visses
 Aquillo, que tu não vês.

QUADRA.

O Grande Imperio perdêra
 Sem remedio o Deos d'Amor,
 Se o teu rosto encantador
 Piedoso o não soccorrêra.
 Desgraçado então vivêra
 A mil desprezos sugeito:
 Sim, meu Bem, do seu respeito
 Em ti a origem contemplo;
 Té para o seu culto hum Templo
Tu fizestes no meu peito.

D'ella, Amor continuamente
Mortaes raios dardejando,
Está sempre molestando
A minha vida innocente.
Féro, altivo, e descontente
Jámais nada o satisfez;
Profundas chagas me aviva:
Ah! o cruel me motiva
Os estragos, que não crês.

S'entre suspiros piedade
Supplico ao Vendado Deos,
Os tristes gemidos meus
Dão alento á crueldade.
Huma tal barbaridade
Talvez, que não presumisses;
E talvez, que horror sentisses,
Se me atrevesse a explicalla;
Mas não posso retratalla,
Quem me déra, que tu visses:

Porém dirás , que he mentira
Esta minha confissão ;
Que insensata , sem razão
A propria idéa delira ;
Que em Amor , raivas , ou ira
Tão entranhavel não crês :
Mas se inda sensível és
A's vozes da humanidade ,
Accredita por piedade
Aquillo , que tu não vês.

Como a Rolinha innocente ,
Que pouzando descuidada ,
Mal se enterra a farpa hervada
Cabe , desmaia mortalmente ;
E o Caçador inclemente
Vê com rosto satisfeito
A impiedade , que tem feito ;
Succedeo-me o mesmo hum dia ;
Esta mesma tyrannia
Tu fizeste no meu peito.

Teus lindos olhos se abrirão
Sobre mim languidamente;
Isto bastou: de repente
O coração me ferirão.
Mas que males se seguirão
A' chaga, que então se fez!
Com que tyranna altivez
Labora o incendio faminto!
Ah! Glaura, nesta alma sinto
Os estragos, que não crês.

Nos penedos carcomidos
Encostando o corpo lasso
As horas do somno passo
Brotando tristes gemidos.
Os meus ais são dirigidos
A ti, como se me ouvisses;
E até me faz taes tontices
A desestrada paixão,
Que anciando o coração...
Quem me dêra, que tu visses!

Sim , ó Glaura , se me víras
Victima infeliz d'Amor ,
Talvez , que por hum Pastor
Compaixão n'alma sentíras.
E se só contado admiras
O mal , que o cruel me fez ,
Ou se mais terna , não cres ,
Que tão impia me ferisses ,
Que faria se tu visses
Aquillo , que tu não vês !

Q U A D R A.

Vai com Deos, querido enleio,
 Vai buscar quem mais te agrade;
 Que na triste soledade
 Acharei melhor recreio.

G L O Z A.

DEixa estas Faias sombrias,
 O' Passarinho innocente;
 Onde cantavas contente,
 Quando alegre me sentias.
 Das fataes melancolias,
 Que me opprimem, tem receio;
 E para que o rosto feio
 D'ellas mais te não enoje
 Terno Passarinho foge,
Vai com Deos, querido enleio.

Vai buscar outra espessura
Vedada a tristes mortaes,
Onde repetidos ais
Não tolhão tua ventura.
Não te suspenda a ternura
Da nossa mutua amizade;
De ti mesmo tem piedade,
Da sorte evite o furor,
Deixa-me nas mãos da dôr,
Vai buscar quem mais te agrade.

Vôa ao Doiro, e se pousares
Nos seus copados Salgueiros,
Não contes aos pegoreiros
Os meus horriveis pezares.
Porém se tu encontrares
Huma ingrata Divindade,
E esta por casualidade,
Vendo-te, perguntar onde
Fica Belmiro, responde:
Que na triste soledade.

Dir-lhe-has , que tu me ouvistes
 Ao partir deste lugar ,
 Das entranhas arrancar
 Hum suspiro terno , e triste.
 Que o meu coração presiste
 De negras angustias cheio ;
 Que nem caço , nem passeio ,
 Que a minha vida he gemer ;
 Nem que em quanto aqui estiver
Acharei melhor recreio.

C A N T I G A S.

O Campo vejo toldado
 Co'as pardas nuvens do Ceo :
 Sei a causa deste lucto ,
 A minha Eliza morreo.

O seu mais bello ornamento
 A Primavera perdeo :
 Murchou a sua bella ,
 A minha Eliza morreo.

Qual mimosa flor cortada ,
 Assim ella esmoreceo :
 Já não mostra o lindo rosto ,
 A minha Eliza morreo.

A' sacrilega pancada
 Da cruel Parca cedeo :
 Debalde quiz resistir-lhe
 A minha Eliza , morreo.

Apenas o torto ferro
 No tenro seio embebeo
 O quente sangue gelou-se,
 A minha Eliza morreo.

Em seu amparo , e defeza
 Amor ligeiro correo :
 Porém quasi nos seus braços
 A minha Eliza morreo.

Dando o ultimo bocejo
 O Deos féro estremeceo :
 Faltou-lhe o alento , quando
 A minha Eliza morreo.

Tornando a si, de Cipreste
Toda a frente guarneceo :
Ah, Pastora, que desgraça!
A minha Eliza morreo.

No meu triste, e afflicto peito
Desde agora anoiteceo :
Para morte de Belmiro
A minha Eliza morreo.

Já não posso vêr os olhos,
Huns olhos da côr do Ceo ;
Estão de todo serrados,
A minha Eliza morreo.

Por mais, que juuto ao sepulchro
Eu derrame o pranto meu,
Não revive a minha amada,
A minha Eliza morreo.

Onde estão aquellas armas,
Com que os corações venceo
Onde estão os seus encantos?
A minha Eliza morreo.

Formosura , discrição ,
Nada disto lhe valeo ,
Chegá ao termo de seus dias ,
A minha Eliza morreo.

Haverá quem seja agora
Mais desgraçado do que eu ?
O alento da minha vida ,
A minha Eliza morreo.

Esta Lyra já cançada
De todo me enrouqueceo ,
Desde a infausta hora , em que
A minha Eliza morreo.

Para augmento de meus males
Para desengano meu ,
A mais bella das Pastoras ,
A minha Eliza , morreo.

C A N T I G A S.

ARme embora a cruel sorte
 Contra mim o seu poder;
 Firme nos meus juramentos
 Hei de amar-te até morrer.

Serás as minhas delicias,
 O meu Bem, o meu prazer;
 Outra ventura não quero,
 Hei de amar-te até morrer.

Vou no meu pobre cajado
 Teu bello Nome escrever;
 Isto he o menos, que farei,
 Hei de amar-te até morrer.

Não pódes, bella Marilia,
 Minha inconstancia temer,
 Como teus olhos me inflammão,
 Hei de amar-te até morrer.

Can-

Cantarei as tuas graças,
Quando na Lyra tanger,
Dando mostras de que te amo,
Hei de amar-te até morrer.

O teu Nome misturado
Nos meus Versos se ha de lêr;
Darei por ti mil suspiros,
Hei de amar-te até morrer.

Inda quando afflicto veja
Que me entras a aborrecer,
Inda mesmo que não queiras,
Hei de amar-te até morrer.

Comporei a tua frente
Com as flores que colhêr;
Serei sempre teu amigo,
Hei de amar-te até morrer.

Não virá nova paixão
Teu retrato escurecer;
Elle vive dentro d'alma,
Hei de amar-te até morrer.

Se com teu amavel genio
Tu me soubeste prender.
Fiel no meu captiveiro,
Hei de amar-te até morrer.

Não me sendo insoportavel
Ao teu mando obedecer,
Arrastrando doces ferros.
Hei de amar-te até morrer.

Ainda que huma paixão
Faz, Marilia, emagrecer,
Não desisto de te amar,
Hei de amar-te até morrer.

A chamma devoradora
Sinto no meu peito arder,
O tempo não a suffoca,
Hei de amar-te até morrer.

Embebido no teu rosto
Sem mais nada apetecer,
Serás minha Divindade,
Hei de amar-te até morrer.

Mas se o teu peito cruel
 Outro Pastor escolher,
 Assim mesmo desprezado
 Hei de amar-te até morrer.

Como he por força de estrella
 Esta paixão entreter,
 Tens Imperio na minha alma
 Hei de amar-te até morrer.

Se pude em teus olhos bellos
 Veneno d'Amor beber,
 Marilia, tem paciencia,
 Hei de amar-te até morrer.

Porém talvez, que não goutes
 De tão amante me ver;
 Não tenho livre a vontade
 Hei de amar-te até morrer.

No mesmo instante funesto
 Do golpe fatal soffrer,
 Marilia hei de adorar,
 Hei de amar-te até morrer.

CANTIGAS.

TAnta soberba, Marilia;
Pelos Ceos será vingada:
Para teu maior castigo
Has de amar sem ser amada.

Nem sempre repulsarás
D'Amor a mortal pancada;
Gemendo nos duros ferros
Has de amar sem ser amada.

Pelo mesmo, que te adora
Virás a ser desprezada,
E trocando-se as paixões,
Has de amar sem ser amada.

Diante do Altar d'Amor
Heide te ver humilhada,
E sem que o Nume te attenda,
Has de amar sem ser amada.

Passará teu coração
C'hum a setta invenenada,
E gangrenando o teu peito,
Has de amar sem ser amada.

Para veres quanto custa
Huma paixão desprezada,
Suspiros darás em vão,
Has de amar sem ser amada.

Eu te agoiro este destino,
Esta sorte desgraçada,
Soffrerás desprezos mil,
Has de amar sem ser amada.

Quando o tempo desbotar
A tua face engraçada,
Victima dos seus estragos
Has de amar sem ser amada.

Se Belmiro hoje te adora,
E se tu o olhas irada,
A este mesmo Belmiro
Has de amar sem ser amada.

CANTIGAS.

Marilia, cruel Marilia,
Não tenhas genio tão ruim,
Terna escuta os meus gemidos,
Compadece-te de mim.

Aos teus desprezos tyrannos
Já he tempo de dar fim;
Sensível á voz da dôr
Compadece-te de mim.

Ve que o alento me falta,
Se tu me tratas assim:
E que lucras em matar-me?
Compadece-te de mim.

Por força da minha estrella
A ser teu escravo vim,
Torna brandos estes ferros,
Compadece-te de mim.

Quando eu perguntar se me amas ,
 Não fujas , dize , que sim ,
 Inda que seja mentira
 Compadece-te de mim.

Mas se ateimas em ser fêra
 Aos meus dias darás fim ;
 Marilia , minha Marilia ,
 Compadece-te de mim.

He gloria dos mesmos Deoses
 Melhorar hum fado ruim ;
 Imita a sua piedade ,
 Compadece-te de mim.

CANTIGAS.

Fementido , cruel Nume ,
 Que és ruina dos mortaes ,
 Do teu Imperio me aparte ,
 Adeos para nunca mais.

310. VERSOS DE BELMIRO.

Restaurei a liberdade,
Já não choro, não dou ais,
Vou vivêr sem afflicções,
Adeos para nunca mais.

Nos pulsos inda conservo
De grilhões frescos signaes;
Ah! que ventura! quebrei-os,
Adeos para nunca mais.

Se ferveião neste peito
Negras angustias mortais,
Serenei-as, de ti fujo,
Adeos para nunca mais.

Esperanças lisongeiras,
Agora não me enganais,
Temo hum novo captiveiro,
Adeos para nunca mais.

Amor, Pastoras, ciúmes,
Zelos, angustias, rivais,
Suspiros, adeos, adeos.
Adeos para nunca mais.



